

INTERNACIONALIZAÇÃO DO CONFLITO DO CATANGA

Guerra no Zaire ameaça Angola

A internacionalização do conflito de Catanga ameaça a jovem República angolana cujo presidente enviou mensagens de advertência ao rei Hassan e ao presidente Sadat. Esta internacionalização, perfeitamente possível se outros países seguirem o exemplo da França, de Marrocos, do Sudão, do Egito e da China Po-

pular, não é um perigo teórico apesar do auxílio prestado ao Zaire ainda não ter atingido uma dimensão numérica que permita classificar de insólitos os problemas levantados ou que justifique uma comparação entre a guerra do Zaire e a do Vietname. A expectativa certamente interessada, mas por enquanto, neutra da U. R.

S. S. e dos Estados Unidos tem contribuído para que o problema não tome imediatamente proporções muito graves, mas essa atitude pode alterar-se de um momento para o outro como, aliás, parece ter sido o desejo de Mobutu que não escondeu à revista «Newsweek» o seu «profundo desapontamento» por os Estados Unidos não

terem acorrido em seu auxílio.

«Se os dirigentes norte-americanos tencionam ceder pouco a pouco ao grande plano soviético em África, penso que nos devem a nós e aos nossos amigos a franqueza de o admitir», afirmou Mobutu, nesta entrevista, acrescentando que a invasão do ex-Catanga faz parte de um plano cubano-soviético para privar a Europa Ocidental de imprescindíveis matérias-primas.

Acontece, porém, que não basta a neutralidade dos Estados Unidos e da U. R. S. S. para que o conflito não alastre e para que a África Austral se não transforme rapidamente num campo de uma batalha que porá em causa a economia de muitos novos países e o bem-estar de milhões de pessoas que deveriam estar a lançar os alicerces do seu futuro.

Para já, estão prejudicadas as relações entre a França e Angola que ainda há pouco tempo tinham acordado em trocar embaixadores, tal como estão prejudicadas as relações entre vários Estados africanos, membros de uma organização que é posta em causa antes de ter dado todos os seus frutos.

E o que é mais grave — está em marcha, junto à fronteira de Angola, um processo de internacionalização bélica que todos conhecemos e que a não ser imediatamente travado, pode dar origem a situações muito semelhantes a outras que ainda estão na memória de todos...

Continua na pág. 20

Pedida a manutenção da intervenção do Estado na empresa Urbaco

Levanta-se a possibilidade de a Urbaco (empresa imobiliária de construção e venda de habitações) vir a ser desintervencionada. Altamente deficitária neste momento, a sua viabilidade passa pela criação de uma empresa de economia mista, mediante a fusão com uma construtora devidamente estruturada e experimentada. Passa, pois, pela manutenção do regime provisório de intervenção estatal. Esta a posição

dos promitentes-compradores, que no desejo de terem casa própria investiram economias suas na Urbaco.

O administrador da empresa foi acusado de irregularidades, o seu capital social (1000 contos) é ínfimo em relação ao dinheiro já investido pelos promitentes-compradores (100 mil contos) e ao dinheiro emprestado pela Banca (200 mil contos, incluindo os juros).

Acresce que o capital social da empresa da parte do administrador (Charles Féron) estaria já absorvido pela dívida do seu antecessor à própria Urbaco, no montante de 48 mil contos.

Face a esta situação, sem casa e sem o dinheiro que para a sua aquisição investiram, os promitentes-compradores interrogam-se: qual o futuro da empresa? Pedem audiência ao ministro da Habitação e solicitam que, para qualquer solução que venha a ser encontrada, sejam consultados.

Promitentes-compradores da Urbaco (empresa imobiliária de construção e venda de habitações) reunidos em assembleia geral solicitaram ao Governo a manutenção do regime provisório de intervenção até que estejam concluídos estudos de viabilidade económica e garantidos os interesses dos promitentes-compradores e gerais. Pedem uma audiência ao ministro da Habitação e Urbanismo e Construção e ainda que a desintervenção da Urbaco seja estudada pelo Governo com a participação das partes interessadas.

Em carta aberta entretanto enviada ao ministro da Habitação, apontam como medida aconselhável a adoptar a transformação da Urbaco numa empresa de economia mista, mediante a fusão com uma construtora, tal como propôs a Comissão de Gestão, depois de contactos com a Banca e o Ministério.

Os promitentes-compradores encontram-se em situação dramática. Com efeito muitos de-

les aplicaram desde 1970 as suas economias na aquisição de habitação própria.

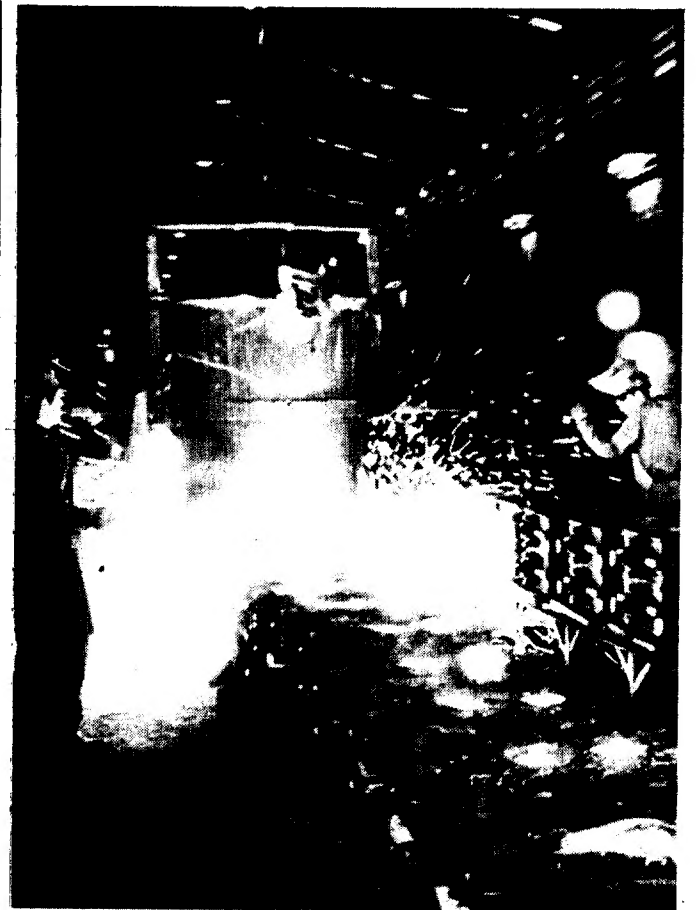
Como escrevem ao ministro da Habitação: «A Urbaco é uma empresa imobiliária, que, como noutras, através de crédito bancário e utilizando adiantamentos feitos pelo público comprador, adquiria terrenos e contratava com subempreiteiros a construção de habitação,

**GOVERNO
IGNOROU
ULTIMATO
DAS
COOPERATIVAS
LEITEIRAS**

PORTO, 11 — Segundo informação recolhida esta manhã junto da direcção da «Lacticoope» — União das Cooperativas Leiteiras de Entre-o-Douro-e-Mondego, — «o governo não disse nada, não fez saber nada» quanto ao problema do pagamento do leite aos produtores, que exigem 9000 por litro (mais 50 centavos do que o pagamento actual).

Conforme noticiámos, no plenário efectuado na última quinta-feira, as 17 cooperativas daquela região (280 mil litros diários) deram ao Governo um prazo, que terminou ontem, para lhes ser dada uma resposta. Assim, disse-nos ainda um dirigente da «Lacticoope», de acordo com a moção aprovada, os agricultores vão efectuar assembleias, esta semana, abertas a todos os produtores para decidirem da posição a tomar.

Recorde-se, ainda, que nos termos daquela moção aprovada no plenário as Cooperativas, «Caso o Governo não aceite esta justa reivindicação», poderão efectuar um corte no abastecimento público de leite.



Sem futuro à vista, enquanto «continuam projectos apenas projectos», o trabalho prossegue na Metalúrgica Duarte Ferreira, do Tramagal

Desintervensões não podem ser «foco de tensão social»

«As empresas intervencionadas não poderão continuar a ser foco de tensão social e campo de manobra do patronato sabotador. Basta que o Governo respeite o plano, o seu programa e a Constituição, logo as conquistas dos trabalhadores portugueses» — assinalou, esta manhã, em conferência de Imprensa, o Secretariado das Comissões de Trabalhadores das Empresas com Intervenção do Estado.

Nesta reunião, com o objectivo de fazer o ponto das empresas desintervencionadas, foram focados os casos de três empresas, das quais se salienta o da Sanimar, «com perspectiva de, a curto prazo, encerrar totalmente».

Por outro lado, na Metalúrgica Duarte Ferreira, do Tramagal, empresa intervencionada desde 21 de Dezembro de 1974 e a nossa melhor metalomecânica ligeira, «os trabalhadores requerem e defendem a nacionalização ou a transformação numa sociedade de capitais públicos. Como alternativa prevêem despedimentos maciços, não concretização dos projectos, destruição do clima social da empresa e a ruína.

Pág. 4

Pág. 9

Espanha: P.C.E. legalizado

Ao fim da manhã de ontem, numa nota com procedência de Madrid, a agência Tass foi a primeira a noticiar a legalização do Partido Comunista Espanhol, colocando um ponto final num caso que já se arrastava desde o início do processo de democratização em Espanha. Com esta decisão, tomada na noite do sábado, o PCE passa a ser a 125.ª organização política reconhecida no país vizinho, depois de uma clandestinidade de 40 anos. O pedido de reconhecimento legal havia sido formulado no passado dia 11 de Fevereiro, passando então por diversas instâncias, facto que provocou dúvidas quanto a um final satisfatório, tanto mais que a direita e a extrema-direita franquista sempre mantiveram a sua pressão para que o PCE recebesse uma negativa.

Santiago Carrillo, o secretário-geral é esperado hoje em Madrid, procedente de Paris, onde passou alguns dias a acompanhar um irmão gravemente enfermo. Aguarda-se uma declaração oficial sua a

propósito da legalização. Igualmente passou a ser insistentemente aguardada a chegada da lendária Dolores Ibarruri, «La Pasionaria», a presidente do PCE, exilada em Moscovo há 38 anos. Actualmente com 82 anos, Dolores já está com as malas prontas e só espera receber o passaporte. Possivelmente chega a Madrid na próxima sexta-feira.

Ontem, após ser conhecida a notícia do reconhecimento legal do PCE, milhares de comunistas espanhóis, percorreram as ruas de Madrid, a pé e em automóveis, manifestando o seu júbilo. Não se registaram incidentes. Por outro lado, vários partidos do centro e da esquerda espanhola também manifestaram satisfação, entre eles Tierno Galvan (PSP), Joaquim Ruiz Gimenez (Democracia-Cristã) e Joaquim Walter (Liberal). Ao mesmo tempo, Tomás Garcia, membro do Comité Executivo do PCE dizia que o seu partido desejava a Espanha no Mercado Comum, falando à France Inter.

O jornal «El País» noticia

que o Comité Central do PCE é composto por 32 pessoas, das quais a mais idosa tem 82 anos e a mais jovem 31. Nomes conhecidos: Dolores Ibarruri, Santiago Carrillo, Ramon Tamames (Assuntos Económicos), Manuel Azcarate (Relações Internacionais) José Sandoval (Assuntos Culturais), Marcelino Camacho (Movimento Operário), e secretários-gerais do Partido Socialista Unificado da Catalunha, P.C. da Galiza, P.C. Basco, respectivamente, Gregório Lopez Raimundo, Santiago Alvarez, e Ramon Ormazabal.

De todo o mundo, nomeadamente socialista, chegam mensagens de congratulações. A legalização do PCE é grande mancha nos jornais da Jugoslávia, Bulgária, Roménia, Hungria, e União Soviética. Também já se manifestaram partidos comunistas de Portugal, Holanda, Itália e França. De uma maneira geral, todos consideram que a legalização do PCE foi uma grande vitória para as forças democráticas em Espanha.



Máximo Dias Trigo, antigo combatente da Guerra de 14/18, salientou, nas comemorações do 59.º aniversário do «9 de Abril», que a batalha de La Lys foi um momento alto nos feitos do Exército português. A homenagem aos mortos da Guerra, que se realizou no Mosteiro da Batalha, contou com a presença de Mário Soares e de Firmino Miguel.

Pág. 2

Política de A a Z

DUAS MEDIDAS

A disciplina militar (ou civil), a justiça militar (ou civil), prestigiam-se pela rectidão, pelo rigor, pela unicidade. Há só uma Justiça: E neste país há quem não entenda a diferença de tratamento de que são objecto os militares incriminados em consequência dos acontecimentos de 11 de Março de 1975 e os militares abrangidos pelas consequências das movimentações que tiveram lugar nos dias 25 e 26 de Novembro de 1975.

Com efeito, no dia 25 de Março deste ano o vespertino «A Luta» dava notícia de um «jantar de confraternização dos oficiais acusados de participação no 11 de Março». E após algumas linhas que explicavam a realização do jantar como «mero pretexto para fortalecer os laços de amizade e de camaradagem de militares que estiveram sujeitos às mesmas provações no longo ano de 1975», informava-se:

«Entretanto, apesar dos processos referentes aos implicados no '11 de Março' terem sido remetidos para o S. T. M. por discordância do C. R. com a decisão do juiz-instrutor que os mandava arquivar na sua maioria, continua a verificar-se a integração ao serviço dos oficiais acusados. Neste momento, na Força Aérea, apenas os ex-comandantes das bases de Tancos, Rafael Durão e Moura dos Santos, não se encontram ainda no exercício de funções.»

Duas medidas diferentes são aplicadas ao «11 de Março» e ao «25 de Novembro». Não estamos só perante uma discriminação de inspiração duvidosa, mas perante uma desvalorização de factos graves que são do domínio público. De muitos oficiais que são submetidos ao julgamento dos Conselhos de Disciplina nada publicamente consta em seu desabono, mas de alguns que, no dia «11 de Março», atacaram à bomba um quartel e prenderam o comandante-geral de uma das corporações das forças militarizadas de segurança, são do conhecimento público as faltas cometidas.

A Justiça não admite duas medidas: A autoridade afirma-se pelo rigor ou engrandece-se pela generosidade. Mas não pode dispensar-se de ser recta: O povo tem que perceber que a Justiça é justa.

SERVIÇO APARTIDÁRIO

Das afirmações do general Ramalho Eanes, na cerimónia de posse do general Loureiro dos Santos, recortamos uma noção em quatro palavras expressa e uma frase que antecedendo-a, na realidade, situa a noção. A noção é a seguinte: «serviço apartidário da Pátria».

E que, na singeleza com que é apresentada, não contraria a necessidade de Forças Armadas que tenham uma formação política exigente: «Apartidarismo» não poderá ser confundido com «apoliticismo»; «não alinhamento partidário» não deverá ser confundido com «indiferença política».

Só assim se compreende que o general Ramalho Eanes tenha, igualmente, afirmado:

«Na democracia, que pretendemos construir, cabe às Forças Armadas a missão constitucional de garantir a independência da Nação, a unidade do Estado, a integridade do território e a de assegurar as condições do funcionamento das instituições democráticas.»

A missão das Forças Armadas é «apartidária», mas não é politicamente neutra, nem é «apolítica». Cabe-lhes defender a «ordem democrática», cabe-lhes defender a institucionalização da vida democrática, cabe-lhes defender a Constituição. Portanto, às Forças Armadas deverá ser exigida fidelidade democrática, combatividade antifascista: O que implica, como aqui temos referido, uma educação política, uma preparação ideológica.

O «serviço apartidário da Pátria» pressupõe uma esclarecida consciência política, um elevado grau de civismo, uma completa noção de cidadania.

PARTIDOCRACIA E SOCIALISMO

Entre «partidocracia» e «socialismo» parece existir uma certa diferença: Que a competência e a militância antifascista valham menos que a filiação partidária, é uma conclusão triste: Em vez de «democracia» institucionalizam a «partidocracia», o que é aterrador: Porque, com outras palavras, outros sons, outras cores, repetimos, no plano da moralidade pública, o «antigamente».

Acresce que a lógica da «conservação do Poder» obriga a concessões de princípio e a captações, aliciamentos, recrutamentos que são «negócios políticos» onde a «política» é humilhada ao «realismo». Já o bom António Sérgio nos ensinou a desconfiar dos «homens práticos», a duvidar dos «realistas políticos», que fazem da política um negócio sem princípios quando se impunha rigor e serenidade, inteligência e bom senso, na escolha das mediações e nas soluções. Afastamo-nos do socialismo introduzindo na «área do Poder», os que do socialismo são declaradamente adversários, ou quantos afivelam a máscara de uma social-democracia para propiciarem a manutenção de um capitalismo que aceita reformar-se para perdurar.

A presença do P. S. D. e do C. D. S. na «área do Poder» se perturba ligeiramente a «partidocracia», ameaça fundamentalmente o socialismo. Cada dia — e apesar de uma «remodelação» que excedeu o anunciado «reajustamento» — é mais claro o problema central: um Governo que governe segundo um programa que respeite o voto popular, as ansiedades nacionais, os princípios constitucionais. Um Governo, portanto, «de esquerda». Só um «Governo de esquerda», no qual o Partido Socialista deverá ser a força hegemónica, será um «Governo nacional».

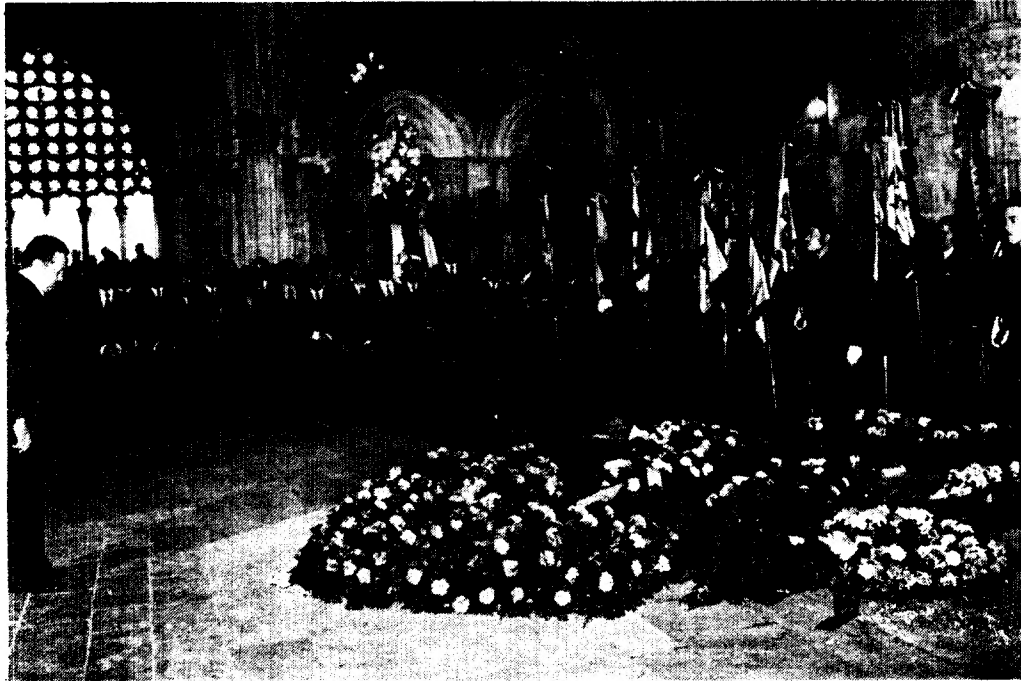
A «partidocracia» poderá assentar na falsa aliança com centrismos e populismos, mas a solução dos problemas nacionais tem outra dimensão e deverá ter outro conteúdo: a democracia (que pressupõe antifascismo) e o socialismo (que pressupõe participação e mobilização dos trabalhadores).

Combatentes de La Lys evocados no mosteiro da Batalha

Mário Soares e Firmino Miguel presidiram no sábado às cerimónias comemorativas da passagem de mais um aniversário da batalha de La Lys.

Ambos os membros do Governo depuseram coroas de flores no monumento ao Soldado Desconhecido. Também junto ao monumento, o eng. Máximo Dias Trigo, combatente da Guerra de 14-18, fez um discurso evocando alguns aspectos da Guerra Mundial e da participação de Portugal naquele conflito. O antigo combatente salientou ainda que a batalha de La Lys, cujo aniversário era evocado, tinha sido um desastre militar, no qual se bateram com galhardia as tropas portuguesas, muito inferiores em número em relação às alemãs.

Estiveram ainda presentes nas cerimónias o comandante da Região Militar Centro, brigadeiro Hugo dos Santos, o governador civil de Leiria, em representação do ministro da Administração Interna, e ainda vários adidos militares acreditados em Lisboa.



No Mosteiro da Batalha realizou-se no sábado a cerimónia comemorativa do 59.º aniversário da batalha de «La Lys», com presença do primeiro-ministro e do ministro da Defesa Nacional e de muitos antigos combatentes.

As obras em curso na Avenida da Liberdade, em Lisboa, impediram a realização da cerimónia no local habitual, em frente ao monumento aos mortos da Grande Guerra

ROMAGENS

Em Lisboa e no Porto realizaram-se várias romagens aos cemitérios com deposição de coroas de flores, organizadas pela Liga dos Combatentes para celebrar o 9 de Abril. As cerimónias principais decorre-

ram em Lisboa, no Alto de S. João, sob a presidência do brigadeiro Rosa Rodrigues.

No Porto, realizou-se uma cerimónia na Praça Carlos Alberto, com deposição de flores junto ao monumento do Solda-

do Desconhecido. Presentes no acto evocativo o brigadeiro Pacheco Rodrigues, comandante interino da Região Militar Norte, o governador civil do Porto, os presidentes da Câmara Municipal e comandantes

das forças militarizadas do distrito.

Dois pelotões do R. I. P. e do R. A. S. P. prestaram as honras militares.

Também em Coimbra se realizaram idênticas cerimónias.

Eanes visita distritos de Lisboa e Santarém

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, prossegue na próxima quarta-feira, as suas salidas de trabalho, efectuando visitas a algumas unidades industriais dos distritos de Lisboa e Santarém, e ainda a actividades agrícolas e estabelecimentos de ensino e assistência.

Amanhã, ao fim da tarde, será divulgado o programa oficial desta deslocação do Presidente da República.

Delegação moçambicana visita Lisboa

MAPUTO, 11 (Do nosso correspondente) — Fontes, normalmente bem informadas, afirmam que no próximo dia 14 do corrente mês, uma delegação moçambicana se deslocará a Lisboa para conversações com vista ao estabelecimento dum acordo geral de cooperação. A mesma fonte acrescenta que a delegação moçambicana será chefiada por Mário da Graça Machungo, membro do Comité Político Permanente e ministro da Indústria e Comércio do governo moçambicano.

Entretanto, a mesma fonte admite a possibilidade de o presidente Samora Machel se deslocar no fim deste mês aos países escandinavos para uma visita oficial.

Festa do P.C.P. no "1.º de Maio"

No Estádio 1.º de Maio reuniram-se durante o dia de ontem alguns milhares de pessoas para participar na festa promovida pelo D.O.R.L. do P.C.P.

Numa intervenção que se seguiu às provas desportivas, Dias Lourenço, membro do Comité Central daquele partido, realçou a importância da campanha de fundos que está a decorrer e na qual a festa se integrava, salientando ainda que já se atingiram os 35 mil contos, dos 50 mil previstos.

«Mais do que uma simples recolha de dinheiro, a campanha tem demonstrado como o nosso partido está estreitamente ligado às massas», sublinhou Dias Lourenço. Ainda nas palavras do director do «Avante», «os 50 mil contos do nosso partido não cheirarão ao ranço

da social-democracia. Cheirarão sim ao esforço diário dos comunistas, dos trabalhadores, dos homens e das mulheres progressistas que, com a sua imaginação criadora, trabalharam para os objectivos da campanha».

As provas desportivas decorreram das 10 horas às 17 e 30, terminando com um encontro de futebol entre uma equipa do Barreiro e outra de Lisboa, encontro que aquela venceu.

Pataca revalorizada

Como na nossa última edição noticiámos, Macau vai ter Banco emissor próprio.

Entretanto, a pataca, moeda de Macau, está agora revalorizada em relação ao escudo — anuncia o Governo do território.

A pataca, que valia seis escudos, valerá a partir de agora cerca de 7,9 escudos (revalorização superior a 30 por cento).

A taxa de câmbio entre a pataca e o escudo será flutuante e baseada nos valores do Mercado Internacional, com cotações fornecidas diariamente pela delegação local do Banco Nacional Ultramarino.

PUB

0 25 DE ABRIL ESTÁ VIVO

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE

DIA 16 ÀS 20 e 30

A Comissão de Unidade de Ex-Militares Contra o Fascismo apela à participação de todos aqueles que, hoje civis, enquanto ao serviço das Forças Armadas tudo fizeram para manter viva a chama patriótica e libertadora do 25 de Abril.

Aceitam-se inscrições até dia 13/4/77, das 18 às 23 horas pelo telefone 74 12 76.

Comissão de Unidade de Ex-Militares Contra o Fascismo

MOBÍLIAS MODERNAS OU DE ESTILO

COMPRE DIRECTAMENTE AO FABRICANTE

FÁBRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO

EXPOSIÇÃO E VENDAS:

RUA MARIA ANDRADE, 64

(Junto Igreja dos Anjos)

post-scriptum

A Revolta da Madeira

Ao reler o que, nestes últimos dias, se disse a propósito da evocação da Revolta de 4 de Abril de 1931, na Madeira, verifiquei haver algumas omissões que porventura poderão significar injusto esquecimento. Assim, ao ser referida a adesão dos açorianos ao nosso movimento, foram involuntariamente esquecidos os nomes dos que intervieram decisivamente para que se verificasse a expressiva solidariedade em referência. Na verdade, os deportados políticos que se encontravam em Ponta Delgada, com alguns democratas locais, resolveram apressar um cargueiro fundeado no porto e com ele demandaram a Madeira, com alguns riscos, dado que a ilha já se encontrava bloqueada pelas forças navais da ditadura.

Entre esses deportados e democratas micalenses é de elementar justiça destacar os então tenentes Seca e Malta Jotta, ambos combatentes da revolta de 1927, no Porto, o tenente Lopes Soares e o meu falecido colega e amigo dr. Castanheira Lobo, em casa de quem se reuniram e foi decidida a adesão ao Movimento da Madeira.

Sargo Júnior — LISBOA

O preço da demagogia

Ainda há muita gente que não compreendeu que a guerra colonial tinha de acabar e que, cortado o cordão umbilical que ligavam a mãe-pátria imperial e o recém-nascido, teríamos de enfrentar os nossos próprios problemas.

Ora dez dias depois da declaração de independência de Angola, o dr. Mário Soares afirmava que «a solução para o problema de Angola era sentar os três movimentos numa mesa-redonda». Nessa altura, já não era possível sentar Roberto e Savimbi, pois que eles corriam como os atletas das Olimpíadas.

Entre o grupo de países presentes no 11 de Novembro, Portugal, ou melhor o VI Governo, brilhou pela sua falta de comparência. Apenas o Brasil aparecia a meter a sua fífia naquele conjunto de países progressistas. E porquê? Está-se mesmo a ver! Se tivéssemos estabelecido logo relações normais, já não teríamos falta de café, bananas, etc.

Este aumento do café, que só traz problemas para consumidores, empregados e empresários, é o preço da demagogia.

Fernando Giesta — PORTO

A vocação europeia e a vocação africana

Assiste-se a uma intensa campanha diplomática (e não só) para a entrada de Portugal na C. E. E. Por via disso, recordei uma outra campanha em que, durante anos e anos, nos foi inculcada a ideia, em doses maciças nos manuais e nos meios de comunicação, de que a África era o nosso destino; dizia-se até que tínhamos ido por esses mares fora para dilatar a Fé, que havia nos portugueses uma vocação africana, elogiava-se a multi-racialidade da nossa colonização, o nosso luso-tropicalismo, etc., etc.

Mas quando, agora, o Primeiro-Ministro jornaieira por essa Europa Ocidental, lê-se e ouve-se nos jornais pluralistas, na Rádio e na TV, em apoio incondicional ao projecto de integração na Europa dos monopólios, dizer-se do «terceiromundismo» que é «uma coisa sem raiz, sem história e sem futuro».

Paradoxalmente, verifiquei, não digo sempre, mas pelo menos algumas vezes, que ao defender-se a nossa integração no Mercado Comum, não se perdia a oportunidade de afirmar a «bondade» intrínseca da nossa expansão colonial.

Que confusão! Então... dantes propagandeava-se o luso-tropicalismo da nossa civilização colonizadora e agora, num ápice, constrói-se uma nova teia, afirmando-se que a nossa vocação é a Europa, sobretudo a Europa do Mercado Comum?

Quando assim vejo coincidente a defesa da «bondade» do nosso colonialismo com esta nova direcção única, apontada para a Europa Ocidental, sinto que um sentimento de ironia amarga me invade. É que, no fundo, a questão é esta: entendia-se por vocação africana o estádio em que éramos amos e senhores e, presentemente, com a independência das nossas ex-colónias, como os bons velhos tempos se foram, viramo-nos para aqueles que consideramos nossos iguais, sem cuidados de saber se ou até que ponto, e em que condições, a tal Europa estará disposta a aceitar-nos na sua família.

Miguel Bomfim Ricardo — PÓVOA DE SANTA IRIA

As opiniões enganam

Na medida em que o comunismo é um caso de opinião, pouco ou nada me diz respeito. As opiniões, sejam de esquerda ou de direita, podem muito bem ser falsas. As opiniões da burguesia, por exemplo, nada revelam acerca da própria burguesia.

Uma grande parte dos burgueses, por exemplo, pensam que é feio enriquecer à custa do suor alheio, mas na verdade não fazem outra coisa. Os seus actos são, na verdade, muito mais razoáveis que as suas opiniões, e isso explica o cinismo verdadeiramente imponente com que fazem fabricar pelos jornais burgueses as opiniões que justificam os actos da burguesia.

B.B. — Munique (RFA)

REFLEXÕES SOBRE A CENTRAL NUCLEAR (conclusão)

O CUSTO DA ENERGIA NUCLEAR

De acordo com os números que em 1970 circulavam nos meios técnicos europeus o custo de centrais nucleares de cerca de 900 MW seria de cerca de seis milhões de contos.

No segundo semestre de 1976 fecharam-se contratos na base de trinta milhões de contos de encargos de capital para uma central nuclear de 900 a 1000 MWe. Este valor está constantemente a crescer não se entrevejo ainda a que nível o aumento possa parar, isto em termos de custos reais. As informações em que nos baseamos para apontar o valor de trinta milhões de contos não definem claramente o que nele está incluído. Mas a dúvida é se incluem tudo: estudos, terrenos, sondagens, indemnizações, acessos, terraplanagens, fundações, construção civil, equipamentos, juros intercalares e ensaios. Durante o 2.º Encontro de Energia foram mencionados valores muito mais elevados.

O preço do combustível subiu ainda maior proporção e continua a subir de modo muito desordenado. Ainda há poucos anos vendeu-se urânio a 12 dólares (USA) por quilograma. Em Dezembro de 1976 a cotação andava pelos 57 dólares. Mas parece que para fornecimentos a prazo já se faziam contratos, em meados de 1976, a 88 dólares, preço a que eram acrescentados cerca de 5,5 dólares por cada ano do prazo.

Quanto a factores de carga as estatísticas parecem revelar uma média mundial que anda pelos 60%; estamos muito longe dos 75 a 80% que se esperavam e são estatisticamente característicos das centrais convencionais a óleo ou carvão.

As paralisações não programadas das centrais nucleares são, com preocupante frequência, muito longas e apresentam sintomas de tecnologia não dominada. Isto é importante para a rede portuguesa em que os 900 MWe (?) da nuclear representarão em 1985 qualquer coisa como 20% da potência de ponta.

Todas estas informações levantam muitas dúvidas sobre a actual economia da energia nuclear. Sobre matéria em mudança tão rápida não é possível fixar conclusões; mas os valores que se calculam parecem indicar que a energia eléctrica obtida a partir do «fuel oil» ou do carvão já está a ficar substancialmente mais barata do que a de origem nuclear.

O URÂNIO NACIONAL

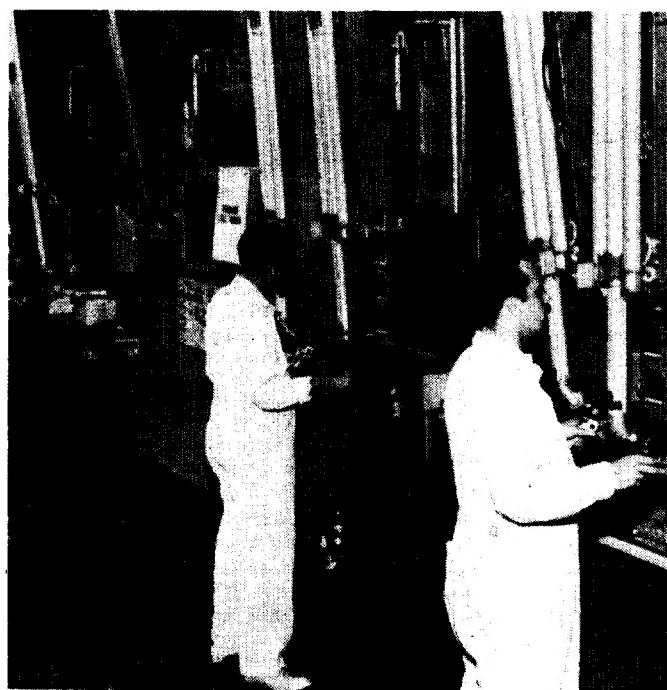
Tem-se difundido a ideia que para centrais nucleares não dependeremos de combustível importado: o urânio nacional permitir-nos-á a independência. No estatuto actual da tecnologia a ideia é errada.

As reservas provadas de urânio, em Portugal, parece rondarem as 10 000 t de óxido de urânio. No momento actual não é lícito admitir valor superior para o abastecimento de eventuais reactores a instalar.

As 10 000 t indicadas chegam para alimentar dois reactores de água ligeira com uma potência de 900 MWe cada um durante cerca de 30 anos. O urânio nacional é recurso muito valioso mas limitado.

Todavia nem por o urânio ser nosso seremos nós a fixar o preço das cargas de combustível para os reactores portugueses.

A indústria extractiva fornece o óxido de urânio que é a matéria-prima de uma actividade industrial muito complexa, delicada e dispendiosa que fabrica as cargas combustíveis para os reactores. O preço dos elementos de carga é cerca de três a quatro vezes maior do que o preço da matéria-prima fornecida pela indústria extractiva. Durante o Encontro foi sugerido que o valor da matéria-prima nacional seria de 40% e não cerca de 25 a 30 % do custo de carga como acima se disse. E muito difícil discutir esta percentagem. Quer seja actualmente de 25% ou de 40 a conclusão é análoga: é a in-



Oak Ridge, Estados Unidos: a mais antiga central nuclear do Mundo. Um «cartaz» tecnológico do Estado do Tennessee. Manipuladores altamente sofisticados. Peritos em todas as gamas do conhecimento atómico. Um acidente grave em 1973

dústria de enriquecimento e de fabricação das cargas combustíveis que fixará predominantemente o custo do combustível para os reactores de água ligeira. Tudo indica que em 1985 essa indústria não existirá em Portugal.

A SEGURANÇA DAS CENTRAIS NUCLEARES

A probabilidade de acidente para quem trabalha numa central nuclear parece ser igual à que se verifica em muitas outras actividades industriais. É esta a conclusão do muito falado Relatório Rasmussen apresentado em 1974. Poder-se-á objectar que não são muitas as actividades industriais em que um acidente significa a morte por cancro; mas concorda-se que o valor da objectivação é subjectivo.

Talvez os riscos que correm os trabalhadores da central nuclear não sejam de facto, excepcionais. Todavia há outras áreas de risco em que se justificam grandes apreensões. Essas áreas são:

- a) Destino dos resíduos da cisão; o problema não está resolvido à escala industrial.
- b) Possibilidade do plutónio ser usado para fabricar bombas nucleares; parece que é demasiado fácil.
- c) Ciclos biológicos que concentrem a radioactividade; o risco é grave para áreas de pesca intensiva.
- d) Descontaminação e desmontagem das instalações desclassificadas.

Muito se tem escrito sobre estes possíveis riscos. As dificuldades postas pelo destino

DOMINGOS MOURA *

dos resíduos da cisão e pela facilidade do fabrico de bombas nucleares, estão por resolver, e são hoje o principal argumento dos opositores da energia nuclear. Contituem um grave problema de Estado e a sua invocação está a atrasar enormemente a execução dos programas nucleares. O menos que se pode afirmar é que os governos estão a entender que não há ainda resposta adequada para estes problemas e que se tal resposta não for rapidamente encontrada a via nuclear

verdadeiras soluções nucleares é aos combustíveis fósseis (principalmente ao carvão) que a Humanidade irá buscar a maior paciência a energia que precisa. Foi neste sentido que se moveram os norte-americanos a partir de 1974 e desde há muito é essa a orientação da União Soviética. E parece que deve ser essa a orientação dos países europeus pouco industrializados para quem uma central nuclear significa ainda maior dependência do exterior do que uma central térmica convencional.

Uma incerteza importante é o custo da energia nuclear. Como se explicou não é fácil prever nem qual vai ser o investimento final nem quanto vai custar o combustível para uma central nuclear encomendada em 1977. Pode prever-se, contudo, que o investimento será muito maior numa central nuclear do que numa central convencional a óleo ou a carvão. A central convencional pode na quase totalidade ser fabricada em Portugal; isso não acontece com a central nuclear.

Nestas condições não se percebe inteiramente o interesse por uma encomenda imediata de uma central nuclear num país que está a ser estrangulado pela sua balança comercial.

Os empréstimos que entrariam para financiar a contribuição das actividades nacionais para a central nuclear podem ser tentadores; mas não haverá aplicações menos arriscadas e mais rentáveis para esses empréstimos? Será generoso queremos colaborar no robustecimento da indústria nuclear europeia; mas não terá mais interesse para a Europa colaborar durante algum tempo num autêntico robustecimento da exange económica portuguesa?

Para se aceitar ou rejeitar a energia nuclear é necessário conhecer bem o que ela significa: o custo, a viabilidade que oferece e o riscos que faz correr. Para uma central encomendada em 1977 e que entre em serviço em 1985 não se sabe quais serão nem o custo da instalação nem o custo do combustível; a fiabilidade afigura-se que será apreciavelmente menor do que aquela a que nos habituaram as térmicas convencionais; quanto aos riscos em que se incorre são praticamente desconhecidos.

Não se vêem bem quais seriam os graves inconvenientes de se optar pela queima de combustíveis fósseis em blocos térmicos de modo a adiar por três ou quatro anos a opção nuclear. É natural que durante esses três ou quatro anos as incertezas que rodeiam a solução nuclear evoluam para situações mais bem definidas. Isso permitiria que a opção portuguesa fosse tomada de modo mais consciente, se entretanto se polarizassem os cientistas e técnicos nacionais no estudo a fundo das soluções que melhor poderão convir a Portugal.

Para os países com economias fracas é particularmente importante evitar as decisões erradas. Não está provado que uma decisão de encomendar a primeira central nuclear portuguesa em 1977 tenha razoáveis probabilidades de ser uma decisão certa.

* Professor catedrático do Instituto Superior Técnico, membro da direcção do antigo Instituto de Alta Cultura (IAC)

Enquanto se aguradam as

ZAIRE

"Cherchez le russe!"

Vladimir Lomeiko (Observador Político da APN)

«Cherchez le russe» — este é o grito que se ouve hoje no Zaire, onde se alarga, entretanto, o movimento dos rebeldes catangueses. Sempre que no mundo cai um regime impopular, as respectivas autoridades gritam que se trata de maneios russos. Sempre que o imperialismo internacional sente os seus interesses ameaçados, lança as culpas sobre a União Soviética e os países socialistas.

Assim aconteceu, por mais de uma vez, no continente africano — e isso mesmo pode ser comprovado pelos acontecimentos no Zaire.

O correspondente da Associated Press informou de Kinshasa, referindo a rádio zairense, que Cuba e a União Soviética prestam auxílio aos rebeldes em homens e armamento. Para que a mentira deixasse uma impressão mais forte acrescentaram-se alguns factos inventados: entre os rebeldes abatidos havia, afirmava o comunicado, russos, cubanos e portugueses.

Sob a bandeira da liberdade de informação, esta invenção é publicada nos jornais: há um facto «cozinhado», uma sensação de morte, militares russos em África e, por fim, a referência a uma fonte: Rádio Kinshasa. E assim ninguém critica o jornal por ter inventado a notícia. Se amanhã todo o mundo se aperceber da mentira rediodifundida de Kinshasa, não haverá problemas: a culpa é da fonte informativa, apesar de, hoje, ser bem claro que ela está impregnada de uma desinformação bem evidente.

A União Soviética nada tem a ver com os acontecimentos do Zaire, e olha-os como um problema interno do próprio povo zairense. As informações sobre o fornecimento de homens e armamento para o

Catanga por parte da União Soviética estão despidas de quaisquer fundamentos e constituem uma invenção pura e simples.

Atrás desta mentira escondem-se uma tentativa, sem êxito, das autoridades zairenses para justificar a sua própria impopularidade junto de uma parte significativa da população, e a sua própria incapacidade para resolver os problemas básicos do país. Para distrair a atenção da opinião pública os rebeldes (sobre o qual a televisão belga transmitiu informações), as autoridades zairenses levantam um enorme alarido sobre uma hipotética «ingerência dos países socialistas».

Esta falsa versão, apoiada de imediato pela propaganda imperialista, persegue ao mesmo tempo vários fins. Ela serve de cortina de fumo para esconder a ingerência constante das forças imperialistas nos acontecimentos do Zaire, como testemunham os apressados fornecimentos de material no valor de onze milhões de dólares ao Zaire por parte dos Estados Unidos, apesar dos apelos da organização oposicionista zairense «Frente Nacional de Libertação do Congo» no sentido de não se permitir qualquer ingerência das forças imperialistas nos assuntos internos do Zaire.

E, recorde-se, assim aconteceu, também em Angola. A CIA financiou os grupos divisionistas da FNLA e da UNITA, forneceu-lhes armamento, impulsionou a invasão sul-africana, ao mesmo tempo que inspirava na imprensa uma campanha sobre uma pretensa «ingerência russa em Angola». Eles não foram até ao presente capazes de reconhecer que em Angola a vitória foi do povo e não dos fantoches e esforçam-se por

atizar o fogo no Zaire, não sem a esperança secreta de conseguir que ele atravesse a fronteira angolana. Os observadores africanos não excluem a hipótese de sob os rumores da presença de militares russos e cubanos se preparar uma nova provocação em grande escala contra Angola.

O imperialismo tem absoluta necessidade de criar tensões para prosseguir a sua velha política: «Dividir para reinar». Em suma: prolongar a sua influência em África e manter os seus bastiões racistas no sul do continente. O imperialismo procura minar a solidariedade dos países socialistas com o Movimento de Libertação Nacional e criar uma «cunha» entre eles. É a este fim que serve o mito da «expansão» e dos interesses estratégicos da União Soviética em África.

Aquando da sua visita à Tanzânia, Zâmbia, Moçambique e Somália, o presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, Nikolai Podgorny, definiu mais uma vez os princípios da política soviética no Terceiro Mundo:

Na sua cooperação com os países em vias de desenvolvimento, a União Soviética não prossegue quaisquer fins interesseiros, não procura conseguir concessões ou bases militares, não procura impor a sua tutela, respeita o direito sagrado de cada povo, de cada país escolher a sua via de desenvolvimento.

É exactamente graças a esta política que os países do socialismo gozam de uma tão elevada consideração em África, autoridade que se manifestou com nova força por ocasião das recentes visitas a países africanos de Nikolai Podgorny e de Fidel Castro. Para minar a propensão dos povos libertados para o socialismo, o impe-

rialismo espalha o mito da «ameaça do comunismo».

Ao receber Fidel Castro em Moscovo, no dia 5 de Abril do corrente ano, Leonid Brejnev deu uma réplica decidida a estas intrigas: «Os adversários de Cuba, os adversários do socialismo criam as mais absurdas mentiras relativamente aos fins e às intenções dos países socialistas nas suas relações com os países em vias de libertação. No entanto, nenhuma calúnia poderá desmentir a realidade».

Essa realidade consiste no facto de países socialistas terem estado sempre ao lado dos povos que se defrontam com a agressão imperialista, com a ditadura e a violência. Essa realidade consiste no facto dos países socialistas terem estabelecido relações justas com os jovens países e auxiliado esforçadamente o seu desenvolvimento económico. Finalmente, consiste no facto de que a política dos países socialistas mobilizar as forças do imperialismo, as forças do passado, que se esforçam por manter vivos o seu «século da ordem», lançar as sementes da inimizade e dos conflitos entre os países libertados. É exactamente por isso que a União Soviética, Cuba e os outros países socialistas constituem o principal alvo da propaganda imperialista em África. É exactamente por isso que essa propaganda repete hoje no Zaire a sua farsa preferida. Quando o terreno se torna movediço para as forças imperialistas, logo se faz ouvir o grito: «Procuram os russos!» Um grito, enfim, já clássico, que muito se assemelha ao «Cherchez le russe»... «Cherchez le russe» é, em suma, o grito do imperialismo quando o socialismo vence por iniciativa dos povos oprimidos.

PARA TRANSPORTE DE ARMAS

Iniciou-se ponte aérea entre Rabat e Kinshasa

Com a chegada de dez aviões de transporte «Transall» e de um «DC-8» militar, iniciou-se a ponte aérea Rabat-Kinshasa que servirá para o transporte de armas marroquinas para o Zaire. A cedência dos aviões, por parte do Governo francês, tem provocado reacções diversas na imprensa. O jornal comunista «L'Humanité» considera que esta atitude representa uma agressão contra a jovem república angolana na medida em que, ao tomá-la, o Governo francês designa implicitamente Angola como agressora. «L'Aurore» órgão conservador, embora afirmando que o gesto francês «não vai contrariar o curso dos acontecimentos», declara que «no vazio enorme, monstruoso das vontades ocidentais, a França, era a única que estava em posição de afirmar que ainda existe, deste lado de todas as cortinas de ferro, um pouco de honra e de coragem».

O matutino independente «Quotidien de Paris», afirma, por seu lado, que a França acaba de vir socorrer o famoso campo ocidental «que dispõe de fracos peões», que «Mobutu é um ditador e que Hassan «não é o modelo de monarca esclarecido». A rematar, o comentador deste jornal lamenta que «Giscard d'Estaing se encarregue hoje da tarefa que Carter não ousa desempenhar».

A REACÇÃO DA FRENTE POLISÁRIO

Num comunicado divulgado ontem em Argel, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Democrática Saariana, afirmou que a intervenção militar do rei Hassan no Zaire não pode enganar a opinião pública «pois as suas tropas nada mais podem levar do que à sua derrota no Sara». No entender deste Ministério, a atitude das «autoridades criminosas de Rabat» não passa dum manobra egoísta para desviar a opinião marroquina da situação interna catastrófica e da derrota dos agressores marroco-mauritanios no Sara Ocidental».

HASSAN RECEBE EMBAIXADORES DOS «CINCO GRANDES»

Os motivos que levaram Marrocos a enviar 1500 homens para o Zaire foram explicados em Rabat pelo rei Hassan, ontem à tarde, aos embaixadores dos cinco membros, permanentes do Conselho de Segurança da ONU, EUA, URSS, França, Grã-Bretanha e China Popular, segundo uma informação oficial. De acordo com informações prestadas por uma fonte próxima de Hassan, este teria declarado em Marrocos estar na disposição de não se poupar a nenhum sacrifício em defesa da independência e da dignidade africana, e, ainda que a «guerra de agressão é um crime contra a paz internacional que ao Conselho de Segurança compete preservar».

O SUDÃO OFERECE AUXÍLIO AO ZAIRE

O presidente Jaafar Numeiry declarou no decorrer duma entrevista concedida ao jornal «Al Ayam» que mandara um enviado especial a Kinshasa a fim de comunicar a Mobutu que estava na disposição de lhe conceder todo o auxílio de que o Zaire necessitasse. Para Numeiry, cujo país tem uma fronteira de 800 quilómetros com o Zaire, «a invasão» tem um efeito directo, sobre a segurança do Sudão e «vai contra as duas cartas que problem a interferência nos assuntos internos dos estados membros».

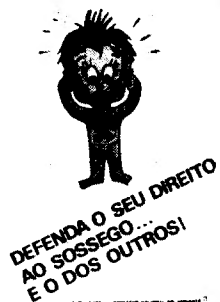
O EGITO AO LADO DO ZAIRE

O Egipto enviou uma missão militar de alto nível a Kinshasa a fim de estudar a possibilidade de apoiar militarmente o governo de Mobutu. Embora se afirme no Cairo que este auxílio deverá consistir apenas no envio de armas de acordo com notícias ainda não confirmadas já se encontra no Zaire um batalhão egípcio.

O MAPRU avança na Beira Alta

Na povoação de Mondim da Beira, no concelho de Tarouca, formou-se um núcleo do MAPRU (Movimento para uma Melhor Previdência Rural), constituído por 41 agricultores empenhados no alargamento da influência daquele organismo no distrito de Viseu. Participaram nessa reunião, promovida pelo MAPRU, cerca de cem agricultores que discutiram o caderno reivindicativo aprovado em Coimbra no dia 27 do ano corrente.

Também na Ucanha, freguesia do mesmo concelho, os agricultores reunidos na Casa do Povo, analisaram a situação da Previdência Rural e as formas de luta a adoptar para conseguirem uma melhoria nessa matéria e pela sua integração no regime geral de Previdência.



Descubra Portugal viajando de comboio



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 29/77

Faz-se saber que no dia 27 de Abril de 1977, pelas 15 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE 25.000 QUILOGRAMAS DE FITA DE ALUMÍNIO PARA CÁPSULAS DE GARRAFAS DE LEITE», com a base de licitação de 2 750 000\$00 (Processo n.º 6/77/CP/DSTE)

O depósito provisório é de 68 750\$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso, encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 31 de Março de 1977.

O PRESIDENTE
Aquilino Ribeiro Machado



Durante estes dias, os parques de estacionamento de Lisboa encheram-se de automóveis com matrículas espanholas: dentro, dormiram muitos turistas espanhóis que não conseguiram alojamento

PÁSCOA TEVE 150 MIL TURISTAS

Há espanhóis que não voltarão

Cerca de 150 mil turistas, na sua maioria espanhóis, estiveram em Portugal na quadra festiva. Foi no campo do alojamento que depararam com mais dificuldades, o que em parte desabona a nossa capacidade de albergamento, ao contrário do que há pouco pretendiam responsáveis do Governo que chegaram a tacitamente acusar os trabalhadores do sector hoteleiro ante a perspectiva de uma greve e a hipótese de malogro em acolher os turistas de acordo com o delicado momento económico e financeiro que atravessamos. Essa e outras razões, sobretudo as demoras na maior parte das fronteiras, em particular em Valença do Minho, poderão levar a que milhares de espanhóis não voltem a Portugal nos próximos anos.

A resposta, em parte, para os receios é-nos agora dada, quando centena e meia de milhares de turistas «invadem» o país e se confrontam (um por menor entre muitos) com o novo preço da «bica», aspecto muito mais importante que o fecho dos estabelecimentos comerciais, no qual determinadas forças centraram as suas atenções, esquecendo o primeiro caso, de não menos interesse.

Não tendo conseguido lugares em hotéis e pensões, milha-

res desses turistas que nos visitaram nesta quadra pascal tiveram que recorrer às suas viaturas, onde os assentos funcionaram como (inconfortáveis) camas. Mesmo assim, em muitos hotéis — aqueles que ainda tinham aposentos vagos — o movimento foi extraordinário, acontendo, até, que alguns deles há muitos anos que não registavam uma frequência como a de sábado e dias anteriores. «Foi mesmo oportuno», confessou ao nosso jornal, esta manhã, um dos proprietários hoteleiros da capital, «pois as nossas finanças estavam débeis».

O facto dos aposentos dos estabelecimentos hoteleiros e pensões terem preços fixos, e nalguns casos elevados, sobretudo nos hotéis mais cotados (de cinco e de quatro estrelas), poderia ser um entrave para os turistas que nos visitaram, designadamente espanhóis. Mas, ao que parece, essa (parente) dificuldade não o chegou a ser. De acordo com o director de um outro hotel, nessas condições, os espanhóis têm a noção do que são aposentos convenientes, pelo que, «neste hotel tivemos também muitos clientes. Mas nem só turistas espanhóis — acrescentou o nosso interlocutor — como franceses, ingleses e canadianos. Ninguém pôs proble-

mas quanto a preços, bem pelo contrário: houve alguns que se surpreenderam, pois tinham sido «avisados» de que tudo era caro em Portugal e, afinal, dormir no nosso país não é assim tão puxado» como diziam. Lá comer é que vai sendo caro, é verdade» — disse-nos ainda o mesmo director hoteleiro.

FALTA DE ESTRUTURAS

Mais que os retornados que ainda se encontram nos hotéis — argumento igualmente usado por responsáveis — a principal dificuldade, repetimos, para albergar condignamente os turistas, sobretudo quando a sua afluência é sensível, reside na falta de estruturas. Falta que, por exemplo, começou com a não existência de casas de câmbio e os bancos fechados. Muitos turistas houve, que, não tendo cambiado o dinheiro com que se deslocaram de Espanha a Portugal — para evitar demoras excessivas na Raia — se dirigiram ao banco do Aeroporto da Portela, para efectuarem a necessária troca. Mas outros houve que, pelo contrário, «negociaram» essa troca nas próprias casas em que se alojaram ou nos restaurantes em que comeram, o que significa que haverá ainda, para além do total de câmbios oficialmente conhecido, milha-

res de pesetas «clandestinas».

Os números de moeda estrangeira trocada falam a linguagem dos milhões (pesetas ou escudos), mas, pela falta de estruturas de que já falamos, muitas das divisas entraram e voltaram a sair, «porque os turistas não tinham onde gastar o dinheiro», segundo afirmou Ribeiro Silva, do Hotel «Alvorada», no Estoril, à ANOP.

Os hotéis do Algarve, foram ocupados por portugueses (a maioria), holandeses e ingleses que também encheram hotéis e pensões. O Centro e o Norte, por seu turno, quer por Vilar Formoso, no segundo caso, quer por Valença do Minho e Chaves (Fronteira de Verin), foram autenticamente «invasidos» pelos espanhóis. Informações colhidas em Braga, Coimbra, Porto e Póvoa de Varzim dão conta que nos estabelecimentos hoteleiros daquelas cidades vagos não havia quantos tempos nos últimos dias, pelo que os turistas tiveram de deitar mão ao meio mais imediato: o carro. Para que tal acontecesse, segundo os responsáveis, terá contribuído em certa medida, o facto de nos hotéis de duas estrelas e as pensões ainda se encontrarem com retornados.

Em dois dos principais hotéis do Porto («D. Henrique» e «Batalha») o movimento dos seis últimos dias foi «bastante superior» ao normal, segundo apurou a ANOP junto dos responsáveis. Naqueles dois estabelecimentos, além de espanhóis havia austríacos, alemães e jugoslavos, que se deslocaram a Portugal em peregrinação a Fátima.

António Pereira, do «Batalha», diria ainda do descontentamento dos espanhóis que se alojaram no hotel que dirige, alguns dos quais lhe terão adiantado a sua decisão de não mais voltar a Portugal, já que «chegaram a ficar quatro horas na fronteira de Valença» devido ao que parece, «à grande morosidade posta na execução do sistema burocrático próprio do serviço da fronteira».

Vasco Gonçalves convidado pelo comité do Festival de Nancy

O Festival Internacional de Teatro que se realiza em Nancy (França) no próximo mês de Maio, e para o qual são convidadas as maiores personalidades da Arte e da Ciência do Mundo inteiro, terá como lema o papel da Arte e em geral e do Teatro em particular na «libertação cultural de todos os povos». Nele intervirão cerca de 350 personalidades da maior evidência nos campos da filosofia, da arte e da ciência, havendo (como o «DL» conseguiu apurar através de fontes fidedignas) representação especial dos países africanos, latino-americanos e asiáticos.

Os organizadores do festival, com a anuência antecipada da grande maioria dos seus intervenientes, decidiram convidar para o comité de honra o general Vasco Gonçalves.

Na impossibilidade de estar presente no Festival, o general Vasco Gonçalves enviou uma mensagem aos organizadores, na qual, além de agradecer o



Vasco Gonçalves não foi, mas enviou mensagem

convite, destaca o lema do Festival, acentuando a intervenção da Arte e do Teatro na emancipação e humanização do homem.

POR FALTA DE GASOLINA

Parar na ponte custa 400 escudos

Segundo um decreto-lei do Ministério das Obras Públicas recentemente publicado, os automobilistas que, futuramente, ficarem imobilizados por falta de combustível na ponte sobre o Tejo, viaduto Norte e Praça da Portagem terão de pagar quatrocentos escudos por dez litros de gasolina.

O decreto-lei aponta como razões deste procedimento o preço elevado do carburante utilizado na deslocação dos automobilistas pelo pessoal do gabinete da Ponte sobre o Tejo.

Por outro lado, as novas medidas indicam que o não pagamento da prestação deste serviço no momento da sua utilização é possível, se o mesmo for efectuado dentro de um prazo de três dias no edifício de fiscalização da Ponte 25 de

Abril, Praça da Portagem, Alameda, ou por vale de correio registado. Findo o prazo indicado, será promovida a execução fiscal do automobilista «desempanado» com o agravamento de 50 por cento.

Viaduto da via rápida

PORTO, 11 — A Câmara Municipal de Matosinhos vai contrair um empréstimo de 32 mil contos destinado à urbanização dos terrenos entre a Av. Fernando Aroso e o lugar de Gonçalves, em Leça da Palmeira. Com a concretização da obra, a ligação entre aquela freguesia com Santa Cruz do Bispo será muito mais rápida, pois será feita através do viaduto já existente sobre a via rápida.

SEMINÁRIO DE JORNALISMO

Crítica de cinema após a Páscoa

João Bénard da Costa, Luís de Pina e José Vaz Pereira, críticos de cinema, estarão esta noite nas instalações da Escola Superior de Meios de Comunicação Social para a análise crítica de cinema. A jornada insere-se na programação elaborada pela E.S.M.C.S. para o Seminário de Jornalismo que vem decorrendo na Avenida da República, 25, após uma ligeira interrupção motivada pelas férias escolares da Páscoa.

O seminário prosseguirá na

quarta-feira, em sessão destinada à crítica de Rádio e de TV. O nosso camarada de Redacção Mário Castrim, Francisco Mata («O Jornal») e Correia da Fonseca («Diário») foram convidados para o debate.

Luna Andermatt, João de Freitas Branco e Assis de Luna, estarão naquele estabelecimento em 20 e 27 do corrente (à noite), para falarem sobre, respectivamente, crítica de ballet e crítica musical.

Antes do seminário terminar,

com a intervenção de Norberto Lopes, em Julho, que fará uma apreciação geral dos trabalhos, haverá ainda temas da maior importância, designadamente nas sessões dedicadas à «política nacional», em que José Carlos de Vasconcelos, Marcelo Rebelo de Sousa e Francisco Balsemão serão intervenientes, e «jornalismo e política», da responsabilidade do nosso director adjunto, Fernando Piteira Santos, em 4 de Maio.

MUITO MAIS DO QUE UM GRANDE ROMANCE

por CONSTANTINO SIMONOV

OS VIVOS E OS MORTOS

a epopeia de um povo em luta pela defesa do seu chão



TEXTO INTEGRAL



Publicações Europa-América
livros para quem sabe o que deve ler

S.P.C. — SERVIÇO PORTUGUÊS DE CONTENTORES, S.A.R.L.

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1976 E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Aprovados em Assembleia Geral Ordinária realizada em 25/3/77

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas,

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias, submetemos à apreciação de V. Exas o Balanço e Contas do SPC-Serviço Português de Contentores, SARL, referente ao exercício de 1976.

Verifica-se, face aos resultados obtidos, que houve uma recuperação em relação ao exercício do ano transacto, o que se deve ao facto de os tráfegos de mercadorias contentorizadas e TIR terem aumentado, não se tendo, contudo, ainda atingido os níveis de 1974.

O Centro de Importação apresentou uma recuperação notável, mercê de uma tenaz política comercial e da boa qualidade dos serviços prestados, o que permitiu efectivar a sua implantação no mercado.

Quanto à construção do Terminal do Norte, verificou-se um atraso de cerca de 5 meses em relação à data prevista para a sua entrada em operações, devido a dificuldades inesperadas de ordem burocrática. Esperamos, devido às acções empreendidas, poder começar com os serviços no Norte durante o próximo mês de Maio.

Damos, em seguida, os elementos estatísticos comparados dos 3 últimos anos de actividade:

1. Centro de Operações Marítimas:
N.º de navios — 1974 — 150; 1975 — 145; 1976 — 140.
N.º contéis. movimentados — 1974 — 13.244; 1975 — 9709; 1976 — 12.834.

2. Centro de Paragem e movimentação de contentores:
N.º de contentores entrados e saídos — 1974 — 22.723; 1975 — 18.668; 1976 — 24.752.

3. Centro de Consolidação de Cargas:
N.º de toneladas de cargas exportadas — 1974 — 32.288; 1975 — 15.850; 1976 — 24.307.

4. Centro de Importação:
N.º de Ton. entradas — 1974 — 198; 1975 — 1254; 1976 — 4937.
N.º de Ton. saídas — 1974 — 34; 1975 — 1123; 1976 — 4496.

A recuperação da empresa teria sido mais sensível, se não tivesse que suportar um decréscimo de encargos salariais da ordem dos 3.600 contos, devido aos novos contratos colectivos de trabalho, assim como um montante elevado de encargos financeiros.

Com a efectivação do aumento do capital social para 50.000 contos, o incremento das receitas, já verificado no último trimestre e que se tem mantido, e a implantação da empresa a nível nacional, através do seu Terminal Norte, permitem encarar com confiança o seu futuro.

Propomos que ao saldo dos exercícios anteriores seja adicionado o resultado negativo deste exercício, no valor de Esc. 7.574.446\$90, que transitará para o exercício seguinte.

Desejamos manifestar o elevado espírito de compreensão e ajuda que nos dispensaram as seguintes entidades:

- Secretaria de Estado da Marinha Mercante e Portos
- Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo
- Secretaria de Estado da Segurança Social
- Administração-Geral do Porto de Lisboa
- Administração dos Portos do Douro e Leixões
- Direcção-Geral das Alfândegas
- Alfândega de Lisboa
- Alfândega do Porto
- Banco de Fomento Nacional
- Caixa Geral de Depósitos
- Banco Português do Atlântico e Crédito Predial Português
- e a todos os Estimados Clientes e Amigos,

a quem endereçamos os nossos sinceros e reconhecidos agradecimentos.

Ao nosso Conselho Fiscal, pela sua valiosa colaboração, e aos colaboradores da empresa que, com o seu esforço e zelo, vêm prestando todo o apoio, exaramos, também, o nosso agradecimento.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1977

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

(Comte. Orlando Ride Leitão)

Banco Português do Atlântico
(Presidente)

Eng.º Henrique Azinhal de Melo
Risque Pereira
(Administrador Delegado)

Sociedade Comercial Orey, Antunes, SARL
(Sr. Guilherme d'Orey)

Sociedade Comercial Garland,
Laidley, SARL
(Sr. Peter Errington Dawson)

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas,

No cumprimento das disposições legais e estatutárias, acompanhou regularmente este Conselho, ao longo do exercício de 1976, a vida da Empresa, analisando em especial os Projectos de recuperação e expansão apresentados pelo Conselho de Administração.

Verificou igualmente o Conselho Fiscal a exactidão das contas, registos e respectiva documentação, bem como dos valores de Caixa.

Não havendo alterações nos critérios habitualmente adoptados pela empresa e constatando que o Relatório do Conselho de Administração, bem como o Balanço e Contas se encontram de harmonia com a legislação em vigor, somos de parecer que:

- Sejam aprovados os Relatórios, Balanço e Contas;
- Seja aprovada a proposta do Conselho de Administração, quanto à aplicação a dar ao resultado do exercício;
- Seja aprovado um voto de apreço ao Conselho de Administração e aos demais colaboradores pela forma como desempenharam as suas funções.

O CONSELHO FISCAL
Presidente
(Dr. J. M. Cidreiro Lopes)
Revisor Oficial de Contas
(Benjamim Botelho Roseiro)
Vogal
(Francisco Nobre)

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1977

ACTIVO		PASSIVO	
DISPONIVEL		EXIGÍVEL A CURTO PRAZO	
Caixa e Bancos	324.392\$50	Impostos e Enc. a Pagar	2.737.016\$15
REALIZÁVEL		Fornecedores	2.672.611\$65
Clientes	2.602.866\$00	Credores Gerais	417.695\$00
Deyedores Gerais	579.112\$50	Letras a Pagar - Comerciais	1.668.757\$00 7.486.079\$80
Contas de Regularização	437.850\$50		
Existências	162.931\$009.762.760\$00	EXIGÍVEL A MÉDIO E LONGO PRAZO	
IMOBILIZADO		Letras a Pagar - Financiamentos	12.718.500\$00
INCORPÓREO		Représtimos de Terceiros	26.000.000\$00 38.718.500\$00
Gastos Pluriannuais	790.385\$90		
Amortizações	- 731.176\$90 59.209\$00		
CORPÓREO			
Terrenos	11.410.166\$00		
Edifícios Com. Administrativos	16.062.057\$60		
Edificações Ligeiras	896.396\$30		
Pavimentação	3.651.996\$30		
Instalações Gerais	3.121.884\$50		
" Armas, Metálicas	1.593.819\$50		
Ascensores e Monte Cargas	355.000\$00		
Aparelhos Electrónicos	994.182\$20		
Veículos e Meios de Elevação	10.312.851\$80		
Ferramentas	295.876\$10		
Utensílios de Uso Específico	162.011\$80		
Balagens de Transp. em Madeira	172.740\$00		
Móveis e Utensílios	636.565\$30		
Máquinas de Recrevar e Calcular	236.507\$60		
Visturas	242.711\$40		
Máquinas não Especificadas	390.543\$70 50.539.310\$10		
AMORTIZAÇÕES	- 7.642.781\$40 42.896.528\$70 42.955.737\$70		
TOTAL DO ACTIVO	47.062.890\$20		
CONTAS DE ORDEM:		SITUAÇÃO LÍQUIDA	
Représtimos Hipotecários	20.000.000\$00	CAPITAL PRÓPRIO	
" Cauçionados	6.600.000\$00	Capital	31.000.000\$00
Finanças Recebidas	5.000.000\$00	Reservas	801.320\$00 31.801.320\$00
Cauções Orgãos Sociais	700.000\$00	RESULTADOS	
Letras Descontadas	1.876.780\$90 34.176.780\$90	De Exercícios Anteriores	-23.368.562\$70
TOTAL GERAL	81.239.671\$10	Do Exercício	- 7.574.446\$90 - 30.943.009\$60 858.310\$40
		TOTAL DO PASSIVO E SITUAÇÃO LÍQUIDA	47.062.890\$20
		CONTAS DE ORDEM:	
		Credores por Emp. Hipotecários	20.000.000\$00
		" Cauçionados	6.600.000\$00
		" Finanças Recebidas	5.000.000\$00
		" Cauções Orgãos Sociais	700.000\$00
		" Resp.Letras Descontadas	1.876.780\$90 34.176.780\$90
		TOTAL GERAL	81.239.671\$10

Lisboa, 31 de Dezembro de 1976

CHEFE DOS SERVIÇOS FINANCEIROS

JOSE FERNANDO COELHO RASOILLO

Presidente

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, SARL

Administrador Delegado

ENG.º HENRIQUE A. M. RISQUES PEREIRA

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Administrador

SOC. COMERCIAL OREY ANTUNES, SARL

Administrador

SOC. COMERCIAL GARLAND LAIDLEY, SARL

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE GANHOS E PERDAS

DÉBITOS		CRÉDITOS	
DESPESAS COM O PESSOAL		VENDA DE MERCADORIAS E SERVIÇOS	
Orgãos Sociais	672.537\$00		26.261.642\$80
Empregados	17.818.959\$30 18.491.496\$30	RECEITAS FINANCEIRAS	192.308\$10
COMERAS	565.653\$70	RECEITAS ACESSÓRIAS	130.845\$30
CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS	359.734\$70		26.584.796\$20
SERVIÇOS E FORNEC. DE TERCEIROS	6.705.174\$70	RESULTADO DO EXERCÍCIO (Prejuízo)	7.574.446\$90
DESPESAS GERAIS	310.194\$70		
DESPESAS FINANCEIRAS	4.387.116\$70		
DESPESAS DE VENDA	709.900\$40		
DOTAÇÕES			
Para Amortizações	2.629.971\$90		
TOTALS	34.159.243\$10	TOTALS	34.159.243\$10

Lisboa, 31 de Dezembro de 1976

CHEFE SERVIÇOS FINANCEIROS

JOSE FERNANDO COELHO RASOILLO

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO SARL

- Presidente

ENG.º HENRIQUE AZINHAIS MELO RISQUES PEREIRA

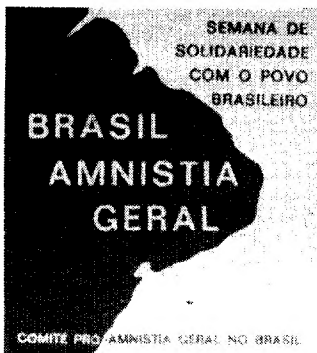
- Administ.Delegado

SOCIEDADE COMERCIAL OREY ANTUNES SARL

- Administrador

SOCIEDADE COMERCIAL GARLAND LAIDLEY SARL

Solidariedade com o povo brasileiro será marcada com uma Semana



Miguel Arraes, ex-governador do Estado de Pernambuco, José Ibrahim, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade de Osasco, no Estado de São Paulo, José Barbosa e Orlando Fratti, ambos dirigentes sindicais, são algumas das personalidades que já confirmaram a sua presença na semana de solidariedade com o povo brasileiro, que decorrerá de 13 a 18 de Abril, na Aula Magna da Universidade de Lisboa e que é organizada pelo Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil.

Além daqueles nomes, já confirmaram a sua presença Aplónio de Carvalho, ex-deputado brasileiro combatente da

resistência espanhola e tenente-coronel da resistência francesa, Manuel da Conceição, fundador do Sindicato Rural do Estado do Maranhão, padre Jentel, sacerdote francês que viveu 15 anos no Brasil, trabalhando com os índios, sendo expulso do país, após um ano de prisão, em 1975, Jean Marc, antigo presidente da União Nacional dos Estudantes, no ano de 1968, Augusto Boal, director de teatro, Thiago de Mello, poeta, e Artur José Poener, escritor.

Entretanto foi divulgado o programa da Semana de Solidariedade.

Assim, de 13 a 18 de Abril, realizar-se-ão na Aula Magna da Reitoria uma série de colóquios sobre a realidade brasileira e serão exibidos alguns filmes, para além da apresentação de grupos musicais brasileiros.

No dia 13 o tema será «Causas e consequências do golpe de Estado no Brasil», exibindo-se o conjunto brasileiro «Caldo de Cana».

Dia 14, será tratada a «Situação dos camponeses no Brasil», passando-se dois filmes — «Vidas Secas», de Nelson Pereira dos Santos e «Me-

mórias do Cangaco».

«A Igreja no Brasil» será o tema do colóquio do dia 15, que inclui ainda a projecção da curta-metragem «Vira Mundo» e diapositivos sobre a realidade brasileira.

Dia 16 o colóquio será sobre o «Movimento Operário no Brasil», projectando-se o filme «Os Fuzis», de Rui Guerra e a curta-metragem «Subterrâneos do Futebol».

«O Movimento Estudantil no Brasil», a exibição do filme «António das Mortes», um recitar clássico de música de Villa Lobos, a curta-metragem «Trombadinha» e petiscos brasileiros preenchem o mais longo programa, o do dia 17, domingo, que terá excepcionalmente início às 17 horas.

Dia 18 será representada a peça «Tiradentes» seguida de colóquio sobre a cultura brasileira.

Todos os programas, excepto o já assinalado de domingo, terão início às 20 horas.

O início de encerramento da Semana de Solidariedade com o povo brasileiro realizar-se-á no Pavilhão dos Desportos, no dia 19, a partir das 21 horas.



COMO LEAL DA CÂMARA VIU ESTALINE

Até ao próximo dia 22, continua aberta ao público, no Palácio dos Coruchéus, a exposição «A Obra de Leal da Câmara dedicada às crianças». O ano passado foi nomeada uma comissão nacional para a comemoração do nascimento do artista, ocorrido em 30 de Novembro de 1876, mas apenas se realizou uma exposição no Porto: «Ilustrações de Leal da Câmara para a Velhice do Padre Eterno». Este ano além da presente exposição, aguardam-se outras na Gulbenkian e na casa-museu do artista, na Rinchoa.

Além das caricaturas de muitos políticos e artistas nacionais, Leal da Câmara deixou-nos o testemunho satírico de conhecidos estadistas nomeadamente Roosevelt, Mussolini e este espantoso retrato de Estaline dominando a muralha do Kremlin e o próprio túmulo de Lenine.

Navio-escola "Sagres" no centenário do "Blohm Voss"

HAMBURGO, 11 (Especial para o «DL», por Pereira Carvalho) — O navio-escola «Sagres», que durante cinco dias esteve atracado e exposto no porto desta cidade do Norte da República Federal Alemã, no âmbito das comemorações do centenário do estaleiro «Blohm Voss», mereceu as atenções de todos, e em particular da maior parte dos seis milhares de emigrantes portugueses aqui radicados, que o visitaram de maneira.

Será de referir, a propósito, o facto de ter sido visitado, também, pelo chanceler alemão, Helmut Schmidt, que antes recebera o Presidente do Egipto, Anwar Sadat. Helmut Schmidt demorou-se no interior do navio português, inteirando-se dos pormenores da vida a bordo em conversações com a tripulação do «Sagres». A sua atenção foi muito apreciada e comentada pelos visitantes que na altura se encontravam no estaleiro «Blohm Voss», e em especial pelos nossos trabalhadores que aqui labutam e vivem.

O chanceler da RFA, numa manifestação de simpatia por Portugal que os presentes tiveram com admiração, afirmou a sua melhor boa vontade em relação ao nosso país, salientando que a RFA prestaria, sempre que fosse necessário, incondicional apoio ao povo português e aos seus governantes.

Os marinheiros portugueses do «Sagres» participaram em jogos de futebol com a tripulação de outros navios

Câmara da Amadora será eleita até final de 1979

Tendo em vista os estudos indispensáveis para a criação e institucionalização do município da Amadora, é criada a Comissão Instaladora desta autarquia — decreta a lei n.º 22/77, publicada no «Diário da República» e emanada pela Assembleia da República.

Determina-se ainda que o Governo proceda até 31 de Dezembro de 1979 às eleições para as assembleias municipais e câmaras dos municípios de

Oeiras e da Amadora, bem como para as assembleias das novas freguesias e daquelas cujos limites geográficos tenham sido modificados com a nova divisão administrativa.

A Comissão Instaladora, que entrará em funções no prazo de 45 dias, terá na sua composição representantes do M. A. I. (que presidirá) das Secretarias de Estado do Ambiente, do Saneamento Básico, da Habitação e Urbanismo, de Transportes e Comunicações, Instituto Geográfico e Cadastral, Governo Civil de Lisboa, Câmaras de Lisboa, Sintra e Loures, Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, três cidadãos designados pela Câmara Municipal de Oeiras, um representante do bairro administrativo da Amadora, seis cidadãos designados pela assembleia da Amadora, representando as forças políticas que a integram. Compete a esta comissão estudar a viabilidade do novo município e pronunciar-se sobre a sua criação.

Rendeiro de Unhais da Serra ganha questão ao senhorio

Os rendeiros do distrito de Castelo Branco continuam a organizar-se sob a liderança do M. A. R. N. (Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte) que divulgou um comunicado no qual anuncia a formação de uma comissão de rendeiros de Castelo Novo e o reforço da comissão do Teixoso.

Naquelas duas localidades efectuaram-se reuniões, promovidas pelo M. A. R. N., com uma larga participação de agri-

cultores que protestaram contra a passividade das entidades oficiais perante os constantes atropelos à Lei do Arrendamento Rural cometidos pelos proprietários das terras. Ainda recentemente, em Unhais da Serra, no concelho da Covilhã, uma rica proprietária, com perfeito desprezo pela Lei, pretendeu destituir-se de um prédio rústico que era amanhã há perto de 10 anos pelo rendeiro Júlio Rodrigues de Almeida. Dizia a rendeira que havia um comprador interessado em adquirir o prédio por 660 contos, preço considerado exorbitante pelos agricultores da região. No entanto, segundo o M. A. R. N., o objectivo da senhoria divisa-se com grande clareza: «a pretexto de venda pretendia pôr na rua o rendeiro, embelesando no acto da venda o produto do seu suor de tantos anos».

O rendeiro e a mulher, alarmados com esta situação — que na prática lhes viria a negar o direito de preferência que a «Lei consagra» dirigiram-se ao M. A. R. N. a fim de exporem o problema que os preocupava.

Entretanto a comissão de Teixoso prestou-lhe todo o apoio não só no aspecto de esclarecimento como lhe arranjaram um advogado para tratar do assunto.

Em marcha o "Festival Popular 25 de Abril"

PORTO, 11 — Estão constituídos alguns dos júris dos jogos florais do «Festival Popular 25 de Abril», a iniciativa que partiu de uma ideia lançada pela «FAPIR» em Fevereiro último e que conta já com a participação de dezenas de organizações populares e culturais e o apoio de muitos nomes conhecidos de antifascistas. Assim, o júri de conto é constituído por Ana Haterley, Marta Cristina de Araújo, António Cabral e Manuel Pina; o de fotografia por Calvet de Magalhães, Jorge Afonso, pintor Angelo de Sousa e José Grada; o de romance, mote e quadrado popular, por Pedro Barbosa e Maria de Fátima Candeias. Serão em breve divulgados os júris da crónica, ensaio, conto para crianças, artes plásticas, canção, obra para banda ou coral, instrumental popular e curta metragem. Os prazos para entrega dos originais foi adiado até 15 de Abril, podendo ser entregues no C.E.E.C. e no T.U.P. (Porto) e na Casa

da Comuna (Lisboa).

Entretanto mais os seguintes artistas e grupos deram o seu apoio ao festival: Fausto, Sérgio Godinho, «A Feira», Aníbal, Banda Marcial de Gueifães-Maia, «A Comuna», «A Centelha», «O Bando», «Os Faz-Tudo», GAC «Vozes na Luta», Grupo de Canto Popular de Almada, José Mário Branco, Francisco Fanhais, «Os Plebeus Avintenses», Duo Liberdade, Teatro Universitário do Porto, Rancho Folclórico de Irívo, Grupo de Danças Populares do TUP, «O Palácio» Carlos Gild (contra-exposição fotográfica «Um Homem do Povo na Revolução»).

Por outro lado, está já organizado um comboio especial Lisboa-Porto, com paragens necessárias no trajeto. A partida será de Santa Apolónia, no dia 23 de manhã, com regresso no dia 25 à noite. As inscrições podem ser feitas na «Casa da Comuna» à Praça de Espanha.

ATENÇÃO

VILA FRANCA DE XIRA

VÁ À MADEIRA

Por ocasião do Jogo

NACIONAL VILAFRAN-
QUENSE

Voo especial de 22 a 25 de
Abril

Preço excepcional

Desde 2490\$00

Inscreva-se já

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 207 • Telef. 371341

PORTO Av. dos Aliados, 160 • Telef. 37921

COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telef. 27011/2

FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Todas as noites às 21.30
matinheiras: sábados e
domingos às 16 h.

TEATRO
LAURA
ALVES

Tel. 86 47 56

Uma comédia de
JOSÉ VILHENA

CALCINHAS
AMARELAS

com: IRENE ISIDRO • BARROSO LOPES •
MANUELA MARIA • LUIS HORTA • CARLOS
MIGUEL • TERESA ZILCO • MARIA JOÃO •
PAULA LIMA •

A mais divertida comédia
portuguesa dos últimos
54 anos.



TELEGRAMA

Pub

DEB. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
INDICAÇÕES (Vide verso)						
NOME DO DESTINATÁRIO: A TODOS						
MORADA E TELEFONE: CONTINENTE E ILHAS						

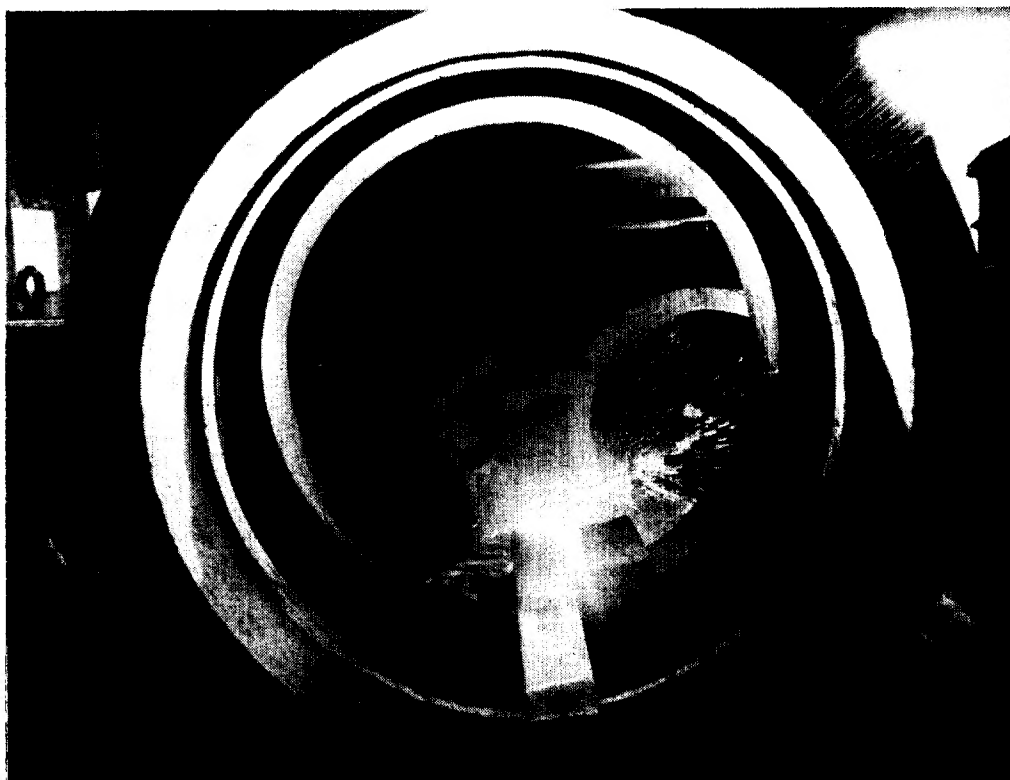
TEXTO E ASSINATURA: CHEGOU NOVA REMESSA DE ESQUENTADORES 6 LITROS, DESDE 1499\$90; 10 LITROS, 2799\$90; AUTO-RÁDIOS C/ALTFALANTE, 1999\$90; MÁQUINAS LAVAR ROUPA (2 KG), 2699\$90; GRANDE SORTIDO FOGÕES, MÁQUINAS ROUPA E LOIÇA, FRIGORÍFICOS, CONGELADORES, RÁDIOS, GIRA-DISCOS, TELEVISORES, GRAVADORES, SOFÁS-CAMA, MOBILIÁRIO, ALCATIFAS, ETC. SÓ BOAS MARCAS C/AS MELHORES GARANTIAS.

NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (Estas indicações não são transmitidas,

RÁDIO PRIMAVERA-RUA GOMES FREIRE, 9-B-LISBOA

TELEFONES: 49406 E 574042

HORA DE APRESENTAÇÃO
10 ÀS 20 HORAS



A violência do trabalho proporciona muitas vezes imagens de grande beleza

METALÚRGICA DUARTE FERREIRA

Guerra e Paz

A Metalúrgica Duarte Ferreira, do Tramagal, «Com grande tradição na fabricação de maquinaria agrícola», entrou muito provavelmente numa fase decisiva da sua longa vida. Depois do fabrico de «armas para a paz», a guerra nas colónias «impôs» a viragem, lá pelo ano de 1963, e a empresa passou a viver da semifabricação de camiões, os célebres «Berliets», usados pelo exército.

Depois, com o fim da guerra veio obviamente a paz. Mas a paz trouxe muitas outras coisas: apesar do aspecto essencialmente lucrativo da fabricação de camiões militares, o passivo rondava um milhão e cem mil contos; as tradições agrícolas tinham-se perdido nos caminhos da guerra, a tecnologia estava ultrapassada os mercados perdidos; os encargos financeiros se fossem pagos seriam de 50 mil contos por ano...

Hoje, face ao que se passa no País, «os trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira querem e defendem a nacionalização ou a transformação numa sociedade de capitais públicos».

E respondem porque, num comunicado em que expõem a situação actual, quando existem planos de reconversão, mas «de cima» nada é resolvido: Realmente são já o Estado e a banca nacionalizada os verdadeiros accionistas da M.D.F.. Com estas soluções, a realização de projectos será um facto para bem da economia nacional.

A alternativa, segundo as Comissões de Trabalhadores que na semana passada mostraram as fábricas do Tramagal e expuseram a situação, será os despedimentos maciços, não concretização dos projectos, destruição do clima social da empresa, ruína da Metalúrgica Duarte Ferreira.

Particularmente bem apetrechada, esta empresa considerada a primeira entre as metalomecânicas ligeiras do País, é perfeitamente viável economicamente. Para tanto, há que avançar com planos de reconversão, já propostos ao Governo e que abrangem a fabricação de ceifeiras-debulhadoras, enfardadeiras, tractores, camiões termoelectrodomésticos.

Esta solução, para além de garantir a continuidade imediata da própria Metalúrgica Duarte Ferreira, implicaria a garantia de trabalho para muitas ou-

tras empresas.

É por isso que segundo o texto a que nos referimos, os 2700 trabalhadores da M.D.F. «lutarão por uma solução justa, no interesse real do País. Lutarão pelo seu trabalho, pelo seu futuro, pelo futuro da M.D.F.».

UM CASO PARA EXEMPLO

Na antiga linha de montagem de camiões militares, ainda com as suas antigas estruturas intocadas, montam-se agora ceifeiras-debulhadoras ao ritmo de quatro por dia. Também aí a paz poderá, em definitivo, substituir a guerra.

Mas também este projecto se encontra seriamente comprometido, uma vez que, homologado e aprovado pelo Governo, deveria entrar durante o ano corrente em funcionamento, com capacidade para abastecer o mercado nacional sem recurso à importação.

Se tudo tivesse corrido conforme o inicialmente previsto, nesta primeira fase a incorporação nacional deveria atingir os 30 por cento. No entanto, depois de os planos estarem em andamento, o Governo não garante à M.D.F. os meios financeiros indispensáveis ao perfeito andamento do processo.

E, assim, neste momento, depois de terem sido feitos os primeiros dois fornecimentos de peças para a montagem em Portugal, a licenciante encontra-se quase a suspender os fornecimentos por não terem feito os pagamentos correspondentes.

Relata-nos um dos membros da Comissão de Trabalhadores, enquanto nos lembra o carácter político desta dificuldade, que, curiosamente, no ano corrente, já foram importados cerca de quatro centenas de ceifeiras-debulhadoras, para um mercado que «consome» anualmente cerca de 300.

A par disso, desenvolve-se uma campanha, com cartas ao director publicadas em certos jornais, contra a ceifeira-debulhadora «nacional». Mas, recordam os trabalhadores da M.D.F., a máquina que eles se propõem construir com mais de 90 por cento de incorporação nacional dentro de poucos anos, não resulta do acaso. Foi a própria Estação Nacional de Cultura Mecânica que apro-

vou este projecto como sendo o mais favorável para a agricultura portuguesa.

Contudo, na verdade, a primeira jogada está «perdida», todas as demoras que envolvem o processo referente à ceifeira-debulhadora acabaram por atrasar a fase de decifração de peças e feitura de desenhos. Daí que a incorporação nacional neste momento seja praticamente nula.

Uma nota de reportagem: numa pista à volta deste pavilhão circulava, em experiências, um camião com a velha borboleta, símbolo da M.D.F.. Explicam-nos que se trata de um protótipo de um projecto que dentro de pouco tempo poderia permitir ao nosso País construir o «seu camião», na quase totalidade. De facto, o projecto apresentado contemplava a Fábrica Nacional de Braço de Prata que, relatam-nos, tem as condições para fazer caixas de velocidades enquanto a Eduardo Ferreira, do Porto, poderia vir a encarregar-se dos motores respectivos.

«Mas há a política, senhores» — ouvimos.

ARGUMENTOS

No texto que nos distribuíram, as Comissões de Trabalhadores da M.D.F. acusam claramente o Governo pela situação actual naquela firma: «Inventam-se mil estudos consecutivos para demorar a solução da M.D.F. e dos seus projectos fundamentais. Arruína-se a empresa, placidamente, por comodismo, fraqueza, ou incapacidade do Governo».

Por outro lado, na campanha pública que tem sido levantada contra alguns dos projectos, tem-se tentado convencer os trabalhadores da parte de comercialização de determinada maquinaria, como a agrícola, que o desemprego seria a consequência da execução dos projectos, para fabricação nacional.

«É uma mentira como tantas outras» — recordam os trabalhadores. «De facto, nós não estamos interessados em comercializar os nossos produtos, o que aliás sempre nos tem trazido maus resultados. Por isso perguntamos qual o prejuízo, qual a diferença entre vir buscar a maquinaria à porta da fábrica e ir buscá-la à alfândega».

EX-PATRÕES PÕEM CONDIÇÕES

Desintervenção deixa Intento sem futuro nem administração

A comissão de trabalhadores da Intento (Indústrias e Representações para a Construção, Lda.) «entende dever responsabilizar o Governo pela situação presente, entende dever exigir do Governo que tome as medidas necessárias para assegurar o direito ao trabalho dos 650 trabalhadores, como de resto é seu dever, conforme manda a Lei Fundamental do País» — afirma-se num comunicado agora divulgado.

A situação presente, lê-se no documento que nos foi enviado, é a de «não ter direcção uma vez que os sócios se recusam a reassumir a gerência da empresa sem que o Governo aprove as condições que em devido tempo lhes propuseram».

No entender da comissão de trabalhadores da Intento, a «decisão do Governo traz incalculáveis prejuízos à empresa e coloca os trabalhadores na dramática situação de incerteza quanto ao seu futuro e na iminência de perderem os seus postos de trabalho».

E mais: «A decisão do Governo colocando a Intento sem administração, impossibilitando por isso o normal funcionamento dos seus serviços, impedindo as normais relações com bancos, com clientes e com fornecedores terá como consequência imediata, dentro de dois ou três dias, a completa paralisação de toda a empresa».

A pretensão da comissão de trabalhadores, neste momento, é que o Governo atenda às pretensões dos 650 trabalhadores da empresa e, «ainda que provisoriamente credencie a CT com os poderes necessários para assegurar o normal funcionamento da empresa, enquanto não são tomadas medidas definitivas, conforme decisão do plenário realizado no dia 4».

Como razões válidas para esta pretensão são apresentadas o facto de a Intento ter responsabilidade em letras de muitos milhares de contos e desenvolver actividades de várias especializações, em várias frentes de trabalho que, a não poderem ser continuadas, trarão graves prejuízos à empresa, aos clientes e à economia nacional.

Os patrões da Intento, depois de terem conhecimento da decisão governamental de desintervencionar a empresa, enviaram ao Ministério da Indústria e Tecnologia uma carta em que põem algumas condições para assumirem provisoriamente a gestão da empresa.

Ei-las: «que o Governo assumia inteira responsabilidade por todos os compromissos durante o período de intervenção, tal como letras, salários em atraso, fornecedores, etc.; que o Governo deverá pôr à disposição da Intento a verba de 15 000 contos para fazer face ao pagamento de salários e aos prejuízos das obras adjudicadas durante a intervenção; e que o Governo deverá dar à Intento um aval da ordem dos 20 000 contos para cobertura de todas as indemnizações aos trabalhadores a despedir ou a transferir».

Embora não se conheça qualquer resposta do Governo, o que levou a Intento a ficar sem administração, sabe-se, de acordo com os representantes dos trabalhadores, que o MIT «respondeu à carta dos sócios e remeteu-a ao Ministério das Finanças para despacho do secretário de Estado do Querido Ministério».

Quanto às exigências dos patrões, assinalam os trabalhadores: durante a intervenção

contraiu-se uma dívida de 19 000 contos e pagaram-se aos fornecedores dívidas, do tempo dos sócios, de igual valor.

Além disso, os sócios falam do prejuízo durante a intervenção e «esquecem» os prejuízos anteriores. E interrogam-se a CT será justo haver despedimentos e nesse caso se deverá ser o Governo a pagá-los, sem que se saiba da hipótese de viabilização da empresa com garantia dos postos de trabalho.

Resta para fazer o ponto da situação na Intento, assinalar que a opção pela transformação desta empresa em sociedade de capitais mistos tem merecido unanimidade de vários «quadrantes».

Por exemplo, para efectivação da desintervenção, os trabalhadores, na sua maioria, pronunciaram-se pela continuação da intervenção do Estado, precedida da transformação de um grupo de trabalho para a reestruturação da empresa.

Do mesmo modo, a comissão de gestão nomeada pelo Ministério das Finanças e da Indústria e Tecnologia pronunciou-se pelo futuro da empresa em idênticos moldes (sociedade de capitais públicos).

E, ainda, em reforço de tudo isto, os técnicos do Ministério das Finanças que realizaram um estudo à empresa apontaram como solução a transformação em sociedade de capitais mistos.

Contrariamente a tudo isto o Governo decidiu-se pela desintervenção pura e simples da Intento.

NA MAMPRIIL

Há quem pretenda pôr uma pedra sobre o passado

Na intervencionada Mampriil dos Santos Batalha, Lda. empresa de construção civil e obras públicas, os trabalhadores estão na disposição de impedir a reintegração do antigo patrão, hipótese que tem sido admitida pelo Ministério de Habitação, Urbanismo e Construção (MHUC). «Se abandonou voluntariamente a empresa não é com boas intenções que pretende regressar», entende a comissão de trabalhadores, que nos envia circunstanciado relatório das razões que assistem ao pessoal.

O documento refere irregularidades que teriam sido cometidas por Mampriil Batalha ao tempo da gerência que viria a abandonar meses após o 25 de Abril. Assim, teria defraudado a empresa em várias circunstâncias, designadamente nas obras das oficinas de Alcoentre, de Vila Real de Santo António e do Bairro para funcionários da nova cadeia penitenciária de Alcoentre, beneficiando, para o efeito, de complicitades no próprio aparelho de Estado. Por estas e por outras, a comissão de gestão da empresa accionou o competente processo judicial.

Os trabalhadores acusam ainda o antigo patrão de ter utilizado em proveito próprio dinheiro e mão-de-obra da empresa para fins particulares, aquisição de automóveis para uso pessoal (Alfa-Romeo, Mercedes, etc), fatos e objectos de prata de defraudar o Estado em vários milhares de contos, etc.

O que sucede neste momento, segundo a comissão de trabalhadores, é que «há todo um

POLIFIX

"Aqui estou, sou o patrão!"

O patrão abandonou a empresa, deixou-a na ruína, despediu trabalhadores. Estes asseguraram a laboração, investiram, aumentaram os postos de trabalho e a carteira de encomendas, recuperaram a empresa. Mas o patrão regressou agora, após a desintervenção, «Credenciado» pelo Governo de Mário Soares.

Tudo isto se passa na Polifix, empresa têxtil de S. Mamede de Infesta. «Diz-nos o Ministério do Trabalho, que, se a intervenção acabou, então a empresa volta à situação anterior».

O regresso da entidade patral está a ser encarado com a maior apreensão pelos trabalhadores da empresa. Tanto mais que o sr. Santarém é também o patrão da Fai-Fai, firma de Matosinhos onde suscitou graves problemas laborais. Por outro lado, os gestores e o pessoal da Polifix tinham projectos cuja viabilidade pode agora ser posta em causa; com efeito, previa-se a integração da empresa num conjunto fabril que abrangeria também a Fiação de Crestuma, e a firma Abel Alves Figueiredo, com o acordo do I. A. P. M. E. I.

Certo é que o sr. Santarém, chegou e disse: «Aqui estou, sou o patrão». Mas os trabalhadores estão na sua: «Não há nenhum documento oficial que lhe dê legitimidade para vir agora dizer que é o patrão».

conjunto de forças interessadas no encerramento do processo desta empresa: é toda a corrupção que se alimentou de M.S. Batalha, são todos os organismos que conheceram essa corrupção, são todos aqueles que directamente foram por ela beneficiados. E, por isso, do máximo interesse para esses indivíduos, para esses organismos e para o Estado no seu conjunto que Mampriil dos Santos Batalha seja reintegrado na empresa o mais depressa possível, dado que isso significa de antemão que sobre a corrupção que M.S. Batalha alimentou se passará a fazer um silêncio absoluto».

Os trabalhadores, naturalmente, opõem-se a tal solução que chegou a ser proposta pelo MHUC mediante condições a impor ao antigo patrão após estudo conjunto. Trata-se para os trabalhadores, de uma «posição idealista», já que o Ministério, embora reconhecendo a «actividade criminosa» do antigo gerente, pretende fazer crer que «as coisas não voltarão a ser como foram anteriormente». Sintetiza a CT: «Para o MHUC, M.S. Batalha está emendado pela graça do Senhor».

Para os trabalhadores a opção é clara, «ou o MHUC quer e protege a continuação da empresa como instrumento de produção de riqueza e recusa a sua devolução a M.S. Batalha, ou pelo contrário, é pela degradação desta empresa, pelo desemprego dos trabalhadores, pela prática criminosa da sua gestão, se a devolver àquele que a danificou».

DESINTERVENÇÕES

Patronato sabotador regressa com "espírito revanchista" e "ideias do antigamente"

«Verifica-se que para além do espírito revanchista de que vem animado, o patronato sabotador volta às empresas com as mesmas ideias do antigamente» — lê-se num comunicado distribuído esta manhã, em conferência de imprensa, pelo Secretariado das Comissões de Trabalhadores das Empresas com Intervenção do Estado.

A reunião, efectuada esta

sorganização produtiva de algumas dessas empresas».

No comunicado a que nos referimos afirma-se que, «por outro lado, onde (o patronato) não tem condições para regressar, boicota e tenta destruir. E neste contexto que os trabalhadores das empresas intervenções têm vivido ultimamente».

Na reunião foi, entretanto, focado a solução que se procu-

sistematicamente os seus pedidos de entrevista». E prossegue o texto a que nos referimos: «Com estas medidas e com esta acção o Governo beneficia apenas o patronato voltando contra si as consequências desestabilizadoras que esse mesmo patronato provocou nas empresas, reduzindo, por outro lado, a sua própria base de apoio social».

«Apesar disso», afirma o Se-

sim que se entende a democracia e será assim que se respeitará a Constituição».

E a terminar: «As empresas intervenções não poderão continuar a ser foco de tensão social e campo de manobra do patronato sabotador. Basta que o Governo respeite o plano, o seu programa e a Constituição, logo as conquistas dos trabalhadores».

TRÊS EXEMPLOS

No texto a que nos referimos são salientados três exemplos. Salienta-se aí, o caso da Sanimar «onde a pressão de desintervenção e o boicote do patronato» levaram «esta empresa à desorganização total com perspectiva de, a curto prazo, encerrar totalmente».

Na conferência de imprensa foi também referido o caso da Intento que relatamos na página 8 e o caso da Mendonça: «o patrão, embora sem coragem para aparecer na empresa, vai ameaçando no exterior que irá despedir 70 por cento dos trabalhadores caso consigam voltar».



manhã no Sindicato dos Rodoviários do Distrito de Lisboa, visava fundamentalmente fazer o ponto da situação das empresas desintervencionadas e ao mesmo tempo alertar para algumas situações que podem, em alguns casos, levar ao encerramento, à falência e à de-

ra para a situação: «o diálogo com os Ministérios de tutela». «Porém, muitas têm sido as vezes em que os trabalhadores após dias seguidos a caminhar para o Ministério da Indústria e Tecnologia, ou para o Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção vêem recusados

cretariado das C.T.'s das empresas com intervenção do Estado, «os trabalhadores manter-se-ão firmes na procura de soluções ou plataformas que visem a defesa dos seus interesses, das empresas e da economia nacional. Continuarão a exigir o diálogo porque é as-

Copaz-Iberol: oposição ao regresso dos patrões

Os trabalhadores da Oberol-Copaz, através de comunicado da sua Comissão de Trabalhadores, afirmam a sua disposição de lutar por uma empresa ao serviço da recuperação económica do País e do público consumidor, contra o regresso do patronato sabotador.

A Copaz — Companhia Portuguesa de Azeites, S.A.R.L., tinha quatro accionistas maioritários — duas sociedades anónimas e duas sociedades por quotas, sendo detentores do restante capital, o Banco Pinto de Magalhães, mais duas sociedades por quotas e ainda 22 pequenos accionistas individuais. A Copaz por seu lado era detentora de todo o capital da Iberol — Sociedade Iberica de Oleaginosas, S.A.R.L. Deste verdadeiro enigma de accionistas, resultou que ambas as empresas foram sempre dominadas por três accionistas maioritários, proprietários das referidas sociedades anónimas ou comerciais: Simões e C.ª, de Vila Franca de Xira; Pinto Rodrigues, e Bravita, de Lisboa. Estes três accionistas, segundo o comunicado, «utilizaram sempre as empresas para as suas negociações particulares», servindo-se delas como banco, armazém e «fontes especiais de lucro». O «25 de Abril» estragou-lhes as «negociatas» e em Junho de 75 a administração abandonou a empresa e o País. As três sociedades que figuravam como accionistas maioritárias da Copaz — Pinto Rodrigues, Simões e C.ª, de Vila Franca de uma dívida de 50 mil e 600

contos».

Os trabalhadores, que tinham exigido a fusão da Copaz e da Iberol para clarificar as situações, ficaram a gerir a empresa desde Junho de 75 a 31 de Janeiro de 76, data em que se deu a intervenção do Estado. Para a comissão de gestão foram nomeados três representantes do Estado (só um tomou posse) e dois pelos trabalhadores. «A falta de apoio do Estado foi a nota dominante em todo este processo», afirma a C. T. no comunicado. «Nunca deu qualquer resposta ao relatório entregue em 15 de Maio de 1976, pela comissão de gestão, em que se propunham soluções para resolver o problema das empresas, saneamento financeiro e integração no sector público, devido à forte dependência da banca e I. A. P. O. — Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos — e a reestruturação prevista para o sector de oleaginosas, que não foi ainda efectuada».

Apesar de todos os obstáculos levantados, graças ao esforço dos trabalhadores, a produção na Iberol aumentou em 1975 39 por cento em relação a 74 e, em 1976, apesar de um incêndio que manteve as instalações paradas três meses, o aumento foi de 24 por cento em relação a 74. As vendas aumentaram de 375 mil contos em 74 para 580 mil contos em 75 e 513 mil contos em 76. Na Copaz, segundo o comunicado, os dados de produção não foram ainda significativos porque a nova refinaria começou a trabalhar em Fevereiro de 1975 e produz cerca

de 60 toneladas em 24 horas, enquanto a antiga produzia apenas 15 toneladas no mesmo período de tempo.

Há no entanto dúvidas ainda por pagar (no caso do I. A. P. O. as responsabilidades ascendem a 400 mil contos), as despesas de armazenagem por falta de silos e a competição desonesta no mercado, dos armazénistas que não têm escrúpulos (com a convivência dos poderes oficiais) em misturar azeite com óleo, ao que os trabalhadores da Iberol-Copaz sempre se recusaram.

Entretanto, os trabalhadores têm planos não só relativos à Copaz mas à reestruturação de todo o sector, estando esses planos a ser estudados pelos trabalhadores das empresas.

Relativamente à gestão da Iberol-Copaz, em Julho e Agosto, foram nomeados outros dois gestores por parte do Estado que, segundo a C. T., «vieram com o único fim de activar a desintervenção. Têm procurado dividir os trabalhadores, infiltrando-se entre os menos esclarecidos ou entre os saudosistas do patrão que sempre os traiu». Em 31 de Março passado, foram exonerados da comissão de gestão os dois elementos representantes dos trabalhadores, medida repudiada pelos trabalhadores.

Segundo o comunicado, o Governo propõe agora a desintervenção e a devolução das empresas aos antigos patrões, andando um deles muito interessado em recuperá-la (Rogério Simões — «o mais vigarista»).

B.P.A.

Nova paralisação apesar das ameaças

Os serviços do Banco Português do Atlântico estiveram esta manhã paralisados entre as nove e as dez horas, sem que se tivesse registado qualquer incidente, tendo «a população compreendido perfeitamente a nossa luta», segundo apurámos junto da respectiva Comissão de Trabalhadores. A mesma fonte indica que a adesão foi total.

Os trabalhadores daquela instituição bancária entraram assim em nova fase da sua luta pelo cumprimento das tabelas salariais acordadas, cujo cumprimento o conselho de gestão já havia decidido e mais tarde foi impedido por um despacho do secretário de Estado do Tesouro, datado do dia 23 do mês passado, mas que chegou ao conhecimento do C. G. somente no dia 28.

As paralisações que já se prolongam desde o dia 30 de Março, quando os serviços foram suspensos a partir das 15 e 30, deverão amanhã prosseguir à mesma hora, afectando o público, se entretanto não for encontrada solução para o problema.

Ontem, em «nota oficial», o Ministério das Finanças tinha afirmado que se espera que «não se mantenham as perturbações ou paralisações, pois de outro modo terá de usar, no exer-

cício dos seus poderes de tutela, de todos os meios que lhe são facultados pela lei em função do carácter vital de que se reveste o regular funcionamento do sistema de crédito».

A propósito desta nota oficiosa em que são prestados esclarecimentos, as comissões sindicais e de trabalhadores do Banco Português do Atlântico emitiram um comunicado em que diz: «Toda a acção do Ministério das Finanças se destina unicamente a atingir os trabalhadores».

Aliás, sobre este conflito que também afecta os trabalhadores do Banco Totta e Açores, recorda-se que o Ministério de tutela (das Finanças) já garantiu a reactividade, relativamente a 1 de Janeiro, da tabela salarial do novo CCT dos bancários, ainda em fase de negociação.

No comunicado a que já nos referimos, afirma-se: «O que exigimos? Exigimos que nos seja feita justiça relativamente aos trabalhadores de outros bancos, exigência que consiste, unicamente, na aplicação aos trabalhadores do B. P. A. da tabela salarial já aprovada pelo conselho de gestão. Esta tabela situa-se a meio do quadro salarial da banca, ficando mesmo assim os trabalhadores do BPA em 5.º lugar, em termos salariais».

Função Pública do Norte vai eleger dirigentes

Pedido de assembleia indeferido no Sul

As primeiras eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Norte vão efectuar-se no dia 28 do próximo mês de Maio, decorrendo a respectiva campanha a partir do dia 4 e até à antevéspera do escrutínio.

As mesas de voto estarão instaladas em Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real. Os cadernos eleitorais deverão ficar concluídos até ao próximo dia 23, terminando cinco dias depois o prazo para apresentação das listas candidatas.

NA ZONA SUL — ASSEMBLEIA RECUSADA

Dado conter matéria que «aberta e frontalmente» contraria os estatutos, o presidente da mesa da assembleia geral do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul indeferiu um requerimento subscrito por 2.130 sócios no qual se pedia a convocação de uma assembleia extraordinária para decidir das medidas a tomar face à questão salarial e para organização da «luta pela defesa do sindicato único».

Esta decisão contou com o apoio da direcção daquele organismo sindical, que em comunicado dirigido à classe exprime a firme intenção de «cumprir e fazer cumprir escrupulosamente o Estatuto do Sindicato livremente escolhido pelos associados e à luz do qual foi, aliás, eleita». Outros motivos «aconselharam o indeferimento, segundo a direcção: por um lado, o único órgão que poderia decidir do modo de funcionamento da assembleia seria a assembleia de delegados, que ainda se não encontra capaz de «funcionar com a representatividade mínima

exigível»; por outro, subsistem dificuldades de ordem técnica que impossibilitam de momento um controlo adequado das presenças numa assembleia dessa natureza.

Esclarece a direcção do sindicato:

«Não duvidamos da importância dos assuntos constantes da proposta de ordem de trabalhos, que estão na primeira linha das preocupações desta Direcção. Sobre eles temos consultado os trabalhadores de todos os distritos pela forma que os condicionalismos da actual fase organizativa do nosso sindicato permitem,

agindo constantemente de acordo com o resultado das consultas efectuadas.

«Consideramos também a assembleia geral a estrutura mais significativa da nossa organização, onde devem ser tomadas todas as decisões importantes que digam respeito à classe. Mas justamente por se tratar do órgão máximo do Sindicato é indispensável que goze do prestígio e confiança dos trabalhadores que nele terão de ver a instância decisória a que podem recorrer nos momentos mais difíceis da vida sindical.

Reformados dizem "não" à portaria dos aumentos

Reunidos em plenário no salão do Inatel, no Porto, os reformados da Previdência aprovaram uma moção em que é exigida aos órgãos do Poder a «anulação imediata da Portaria 94/77, e o seu texto modificado no sentido de uma igualização e melhoria das pensões de reforma, nos termos dos Decretos-Leis 922/76 e 923/76».

O documento diz ainda que aquela portaria, que estabelece os aumentos das pensões de reforma «é divisionista, não atingindo igualmente todos os reformados».

No decurso da reunião, promovida pela União dos Reformados do Porto registaram-se várias intervenções, nomeadamente a de um elemento do Secretariado dos Grupos Sindicais de Apoio à Previdência que manifestou o seu repúdio pela Portaria 94/77, «que regulamenta os miseráveis aumentos das reformas» e manifestou a sua solidariedade para com

os trabalhadores reformados «na sua justa luta por aumentos de pensões que acompanhem o custo de vida».

A questão do Instituto de Gestão Financeira foi igualmente objecto de outra moção em que se exige do Governo «o não aceiteamento da participação do patronato no Conselho de Gestão» naquele organismo, visto que tal procedimento levaria os patrões a decidir sobre aquilo que nada tem a ver com eles, ou seja, sobre a gestão dos dinheiros descontados pelos trabalhadores para a Previdência.

As subidas dos alimentos essenciais e a recuperação económica que está a ser feita essencialmente à custa dos trabalhadores, motivou outra tomada de posição. Ainda em relação à Portaria 94/77 foi sublinhado que a mesma viola a Constituição, pois «não está de acordo com o que nela vem estipulado».

PUB

COMUNICADO

C. C. T. V. ARMAZENISTAS DE MERCEARIA, IMPORTAÇÃO COMÉRCIO EXPORTAÇÃO E ARMAZENAGEM DE FRUTOS E PRODUTOS HORTÍCOLAS, ARMAZENAGEM E EXPORTAÇÃO DE AZEITES

PLENÁRIO

Face à posição do patronato em continuar a não querer negociar de forma realista com os Sindicatos, recusando-se a acordar, nomeadamente a retroactividade, o tempo de duração do contrato, o pagamento do trabalho extraordinário, as diuturnidades, as promoções e os despedimentos, oferecendo apenas 10 por cento sobre as tabelas salariais em vigor desde Abril de 1975, só a luta dos trabalhadores pelo seu C. C. T. V. pode obrigar a ceder.

Assim, e de acordo com a decisão do plenário do sector realizado no passado dia 22.3.77, no Sindicato do Comércio de Lisboa, os Sindicatos signatários convocam todos os trabalhadores seus associados abrangidos por este C. C. T. V. para um Plenário a realizar no próximo dia 12, pelas 21 horas, no Sindicato do Comércio de Lisboa, Av. da República, n.º 31, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informação sobre o C. C. T. V.
2. Análise da situação e medidas a tomar

EM FRENTE PELA CONQUISTA DO C. C. T. V.
CONTRA OS ORDENADOS DE MISÉRIA!
POR SALÁRIOS DIGNOS E JUSTOS!
CONTRA A CHANTAGEM DO PATRONATO!

SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA
SINDICATO DOS ESCRITÓRIOS DE LISBOA
SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DE LISBOA
SINDICATO DOS SERVIÇOS DE PORTARIA
VIGILÂNCIA E LIMPEZA
SINDICATO DAS GARAGENS DE LISBOA
SINDICATO DOS ENFERMEIROS ZONA SUL

Lisboa, 5 de Abril de 1977

A Comissão Negociadora Sindical



Uma das principais artérias de S. João da Madeira

Com uma população flutuante na ordem das trinta mil pessoas, cerca de 3500 fogos e 14500 habitantes, S. João da Madeira é «um meio apto para as actividades industriais». A definição é do dr. Benjamim Valente, presidente da Câmara Municipal daquele concelho que na sua área administrativa não comporta qualquer freguesia, e que, em declarações ao «DL», por diversas vezes referiu a vila como «área metropolitana». No contexto industrial do País, S. João da Madeira é um centro constante e «acelerada expansão» (expressão do nosso entrevistado), onde se encontram as mais apetrechadas fábricas de calçado em número que ultrapassa a centena.

As carências e aspirações da população da vila, nomeadamente a insuficiência de habitações, os problemas de trânsito, a importância da construção do «Projecto de Lever» — que possibilitará aos seus habitantes, a muito curto prazo, fazer face à escassez de água para os requisitos mais elementares — e o desejo do concelho alargar a sua área administrativa, são pontos tocados pelo presidente da Câmara Municipal.

«O principal problema com que se defronta neste momento S. João da Madeira é, sem dúvida, o da habitação. Os responsáveis pela vida e destinos do município estão empenhados em travar a promiscuidade e em tratar com todo o rigor da lei a construção de fogos clandestinos. Para evitar um e outro caso há que, efectivamente, construir casas» — co-

meçou por nos realçar o dr. Benjamim Valente, há cerca de três meses empossado no cargo de presidente do Município, funções que, em parte, não lhe eram de todo desconhecidas, porquanto foi o presidente da Comissão Administrativa daquela Câmara antes das eleições para as Autarquias Locais.

«No nosso Plano de Acção

esse ponto está detalhadamente referido, e será, sem dúvida, o que mais insistentemente vamos atacar. Temos a consciência das carências da população nesse aspecto, e vamos fazer-lhe frente com todas as forças. Sabemos também que cerca de 60 por cento dos trabalhadores que aqui exercem a sua actividade residem nas freguesias limítrofes e que gostariam de viver em S. João da Madeira, pelo que há mais esse factor a considerar. Estamos atentos ao problema e dispostos a resolvê-lo com a urgência que requer».

Quais são os outros empenhos da Câmara?

«Bem, temos muitos. Por exemplo, as comunicações. É urgente, nesse aspecto, a construção de uma estrada que desvie o trânsito que atravessa a vila, que, como sabe, serve de passagem à Estrada Nacional n.º 1. Era preciso uma variante que desviasse esse trânsito, cada vez mais intenso. Esse desvio está felizmente previsto no plano de urbanização da Junta Autónoma das Estradas. Já num outro plano, e ainda acerca do trânsito, há o problema do «nó» da Auto-estrada do Norte, em Travanca (Vila da Feira). Aqui, nós não estamos pelos ajustes, e defendemos que esse «nó» se deve situar em Souta, também no mesmo concelho, mais perto de S. João da Madeira. Se o «nó» se designa por S. João da Madeira, ou à vila se relaciona, deve localizar-se na última freguesia, até para melhor servir outros concelhos, como Vale de Cambra, Oliveira de Azeméis e até Ovar.

EXPROPRIAÇÃO DE TERRENOS

Mas voltemos ao problema habitacional da «esfera urbana» de S. João da Madeira, vila que ainda há poucos anos estava agregada a Oliveira de Azeméis e que logrou o seu «estatuto de independência administrativa» dado o surto de desenvolvimento nos últimos anos.

«Vamos expropriar terrenos» — informou-nos mais adiante o dr. Benjamim Valente — «numa área de 170 mil metros quadrados para fazer face, em parte, ao problema. Vamos ter que nos defrontar com dificuldades que já adivinhámos, bem o sabemos, mas há que encarar a questão frontalmente».

PRESIDENTE DA Falta é o n em S

«Para já» — acrescentou — «há dois locais no nosso Plano de Acção que serão afectados, mas convirá não ignorar a verdade da questão: a habitação é um problema nacional, reflectindo-se, portanto, em S. João da Madeira, e nós esperamos que os proprietários sejam compreensivos. Contamos com todos os sanjoanenses para solucionar os nossos principais problemas. E eu confio no povo de S. João da Madeira para essa tarefa».

Um outro problema, também considerado no rol dos que requerem tratamento prioritário, é o do abastecimento de água ao domicílio.

«S. João da Madeira tem um consumo diário de água na ordem dos 120 litros por habitante, quantidade que não é de surpreender numa vila tão industrializada como a nossa.

Gente que sabe servir-se dos bra

«Homem completo, o sanjoanense sabe servir-se dos braços para edificar a sua grandeza e prosperidade económica. Mas não recusa usar da inteligência e do coração generoso para que esses êxitos materiais se dourem ao sol da beleza eterna que sente palpar-lhe na alma».

Assim escreveu Serafim Leite a propósito das gentes de S. João da Madeira, como se pode constatar num dos extractos da «Monografia» escrita por Mário Resende Martins, João Fernandes Teixeira e Manuel Dias da Silva.

Foi em 1088 que pela primeira vez o nome de S. João da Madeira apareceu nos manuscritos. Foi elevada à categoria de vila em

Todavia, como o consumo fabril é acentuado, os competentes serviços do município debatem-se com esse problema. No Verão, como em quase todo o território nacional, surgem dificuldades ainda maiores, e o pior é que o problema não pode ser resolvido através das disponibilidades hídricas locais. Então, como resolver a questão?

«Para já, não é fácil. O problema» — acentuou o dr. Benjamim Valente — «só poderá ter solução adequada quando se levar por diante o «Projecto de Lever», cujas captações irão abastecer a Zona Norte de Aveiro, isto é, os concelhos de Espinho, Ovar, Oliveira de Azeméis, Feira e S. João da Madeira, como é óbvio. Enquanto esse projecto do secretário de Estado dos Recursos Hídricos, coronel Moraes Barroco, não for concretizado, teremos que

MULTIFORME ESTANTES PRÁTICAS E DECORATIVAS



Fácil montagem!... Faça você mesmo!
ALFREDO A. MOREIRA, LDA.

(A Casa dos Berbequins)
R. Ferreira Borges, 16 - Lisboa - Tel. 662146-668856
Loja Hobby no Dragstore Apolo 70 - Loja Hobby no Dragstore Alvalade
Av. Julio Dinis, 10 - Tel. 774094 - Lisboa - Praça de Alvalade - Lisboa - Tel. 804913
Loja Hobby abertas todos os dias até à meia-noite
Vendas pelo correio - DOMICIL - Rua Tomas da Anunciação 68-B - LISBOA 3
Queiram enviar-me conjuntos nas cores, Cinza ou Amarelo (Riscar o que não interessa) por 450\$00 cada + portes.



A delegação do Inatel no Porto,
informa que ainda tem lugares
vagos nas seguintes excursões:

INATEL
VOLTA AO MINHO DIA 14/4
O. GERÊS DIA 8/5
IGUEIRA DA FOZ DIA 22/5

Inscrições pelos telefones 23764/314487
na Praça da Batalha, 32 - Porto

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECCOES

Av. João XXI, 5-D - R. Infancia 16, 55-C - LISBOA

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

RECITAL

TEATRO GIL VICENTE - CASCAIS

Terça-feira, 12 de Abril, às 21.30 horas

MARIA JOSÉ FALCÃO — Violoncelo

ALGA PRATS — Piano

OBRA DE : Lopes-Graça, Debussy, Bach
e Brahms

PREÇO ÚNICO : 30.00

CÂMARA FALOU AO "DL"

de casas maior problema S. João da Madeira

ver com a água que temos».
— Mais obras em perspecti-

— «Há ainda a exiguidade de instalações para o ensino. Câmara só compete a instalação de escolas primárias, mas a vila debate-se com problemas nesse sector. Por isso já contactámos o MEIC. Já disse, lançamos já a eia, e para isso contamos com o apoio do competente Ministério, da construção de um estabelecimento de ensino especial para as crianças que, por esta ou aquela razão, não tenham aproveitamento nas aulas normais, os chamados deslocados do ensino». Diga-nos que isto poderá vir a ser na espécie de ensino básico com assistência técnica especial, para o qual também contactamos com a constituição de uma cooperativa de pais.

contribuído a concessão de subsídios e comparticipações, à falta dos quais não seria viável manter o aludido nívelamento. Os encargos do município, não com o escasso pessoal de que dispõe, mas com obras, não seriam suportáveis sem esse «bónus».

Para obviar à importância dos subsídios e das comparticipações, na opinião do presidente da Câmara de S. João da Madeira, só há uma solução: a aplicação de uma reforma fiscal que possibilite directamente aos municípios os seus fundos. Como não é o que acontece, vê-se na obrigação de aceitar subsídios e comparticipações, já que a tributação do imposto do comércio e da indústria, que no concelho manifesta (lembra-se o número de unidades e empresas fabris da sua área), mas insuficiente. Neste momento, de acordo com dados que recolhemos na secretaria do município, são mu-

tas as empresas que, afectadas pela crise económica, não pagaram ainda as suas contribuições. Mas esperam-se dias melhores.

Resta, ainda, a questão do alargamento administrativo do concelho, e a possibilidade, a muito curto prazo, da freguesia de Arrifana (que pertence à Feira) vir a ser incorporada em S. João da Madeira. Benjamim Valente furtou-se a emitir uma opinião sobre tão candente tema, embora nos tenha adiantado que há mais terras, e uma do concelho de Oliveira de Azeméis, ali mesmo às portas da vila, que pretendem «integrar a nossa área administrativa».

«Urge rever as dimensões administrativas de S. João da Madeira», disse-nos o presidente, «na medida em que as freguesias envolventes constituem, de facto, uma realidade social e económica única. É assim que, por exemplo, cerca

de 80 por cento dos cidadãos eleitores de Arrifana pretendem a sua integração no nosso concelho, e lá terão as suas razões para isso. Não vemos por que motivo não materializarão esse objectivo».

Ainda abordámos outros problemas: saneamento básico, a necessidade de construção de um novo mercado municipal, a carência de telefones públicos; essas questões, como os «espaços verdes» que a vila não tem, bem como a insuficiência do cemitério municipal e a reorganização dos serviços camarários, por forma a poder corresponder aos anseios de quem vive em S. João da Madeira.

(Declarações recolhidas por Júlio Rodrigues)



O presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira presta declarações ao «DL»

COS

24. Nas «Inquirições» do tempo de D. Afonso III (1251) há referências à então freguesia de S. João da Madeira. Presume-se que o nome tenha sido pela primeira vez usado por João Martins Madeira, que foi alcaide-mor de Faro, e tinha um solar.

Alão de Moraes, jurista, genealogista e literato, nascido em 13 de Maio de 1632 (hoje nome de uma das suas praças), foi um dos mais ilustres varões, tendo publicado, entre outras obras, «Lições académicas sobre a poética de Aristóteles», «Cíclope enarado» e «Comento às ras de Sá de Miranda». S. João da Madeira passou a concelho por decreto de 11 de Outubro de 1972.

Ainda quanto a ensino, e no âmbito das aspirações da Câmara, pensamos criar um infantário no antigo hospital, do tipo pré-escolar, para crianças diminuídas físicas e mentais em regime de coeducação com crianças normais. Iniciativa foi oportunamente oposta ao SADE (Serviço de Acção Directora), e nós aguardamos resposta».

IFICULDADES
NANCEIRAS

A situação do município foi o primeiro dos temas abordados. Sobre a questão, o dr. Benjamim Valente, que entretanto se referiria à importância do concelho poder alargar a sua área administrativa, classificando esse ponto como um dos mais candentes, adiantou-nos que era «equilibrada». Ora o efeito, segundo as suas próprias palavras, muito tem

uma
intervenção
renovadora
no ensino
em Portugal

PLÁTANO EDITORA

NÃO SÃO SALDOS

SÃO VENDAS A PREÇOS DE OCASIÃO
Rádios c/ reproduzidor e GIRA-DISCOS, de sala,
a preços sensacionais
Rádios e Whiskys de todas as marcas a preços
de sensação
FERREIRA ALVES & ALVES
Praça da Figueira, 11-3.º-Dt.º — Lisboa

EXTERNATOS

Marquês de Pombal Álvares Cabral
Rua Moraes Soares, 93 Avenida Grão Vasco, 1
Tels. 820221/834658 (Benfica) T. 706974/5

PREPARATÓRIO LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES • AD HOC • — Maiores de 25 anos)

Diário de Lisboa

Fundador: Joaquim Manoel Director-adjunto: Fernando Pimenta Santos

1.º lugar 2.º lugar

FORÇA DE QUALIDADE DE INFORMAÇÃO

O 2.º lugar
(em expressão nacional)

ança tem seu dia

e em vendas) entre os
quotidianos da tarde e o mais

lido (por exemplo) entre um
público, socialmente activo,
desde os 15 aos 43 anos

Do "Movimiento" ao Movimento

ANDRÉ FONTAINE

Actualmente, nada se parece tanto com uma cidade espanhola, como uma cidade espanhola. Os engarrafamentos atingem proporções desencorajadoras, e arrumar o carro exige tanta sorte como perseverança. Para mais, o tráfego pode ser a todo o momento bloqueado por uma manifestação, como a dos trabalhadores do metropolitano, que desfilarão pacificamente pelas ramblas, com bandeirinhas em que dizem as suas reivindicações, escandindo «slogans» num ritmo ternário que nos é familiar. Nos quiosques de jornais, nos cartazes dos cinemas, o sexo. Aqui e ali, nas paredes, inscrições em que o poder, a direita, a esquerda, são cobertos de ultrajes.

Na universidade autónoma de Bellaterra, a 30 quilómetros de Barcelona, em plena montanha, os grafitos enchem de alto a baixo, as paredes. O visitante é acoelhido, por um «stand» chebo de bandeiras vermelhas, catalãs ou bascas, com os emblemas da L.C.R. e da E.T.A. Os cabelos, as barbas, os olhos, são os mesmos que se vêem em Nanterre ou em Dauphine. O mesmo acontece em Madrid, na Faculdade de Ciências da Informação, onde chegámos, quarenta e oito ho-

ras depois em plena manifestação. Estão ali sete mil estudantes que, devido a uma legislação herdada do franquismo, fazem cinco anos de estudos para se prepararem para uma carreira de jornalismo: sete mil para uns trezentos ou quatrocentos lugares anuais! Mas quem iria ousar falar de selecção? Mais modesto, o governo resolveu reduzir o curso para dois anos, um «segundo ciclo». Foi quanto bastou para desencadear a ira dos estudantes que gritam em coro: «No queremos el segundo ciclo.»

O director da Faculdade levanta os braços (e o olhar) ao céu. «Mas eles nem sequer leram o decreto...» Funcionário de um regime em que a autoridade, vinda de cima, era fortemente apoiada pelo Exército e pela Polícia, está mal preparado para fazer face à modificação que se está a operar. Habitado a um Movimento que simbolizava o imobilismo, ele e os seus parceiros, da cidade e do campo, sentem-se desconcertados pelo Movimento, no sentido que o século XIX dava a esta palavra, e que mais ou menos afecta, toda a sociedade espanhola.

É a estes bem-pensantes desamparados que, naturalmente, se dirige, prioritariamente,

a Aliança Popular, de Manuel Fraga Iribarne, antigo ministro da Informação do general Franco e primeiro-ministro do Interior da monarquia. Fraga Iribarne tem um temperamento demasiado autoritário para que o liberalismo que há já vários anos apregoava não deva ser compreendido como muito «forte». Ao seu lado, Lopez Rodó, austro adepto da «Opus Dei», traz a cautela de um economista cujo nome esteve associado como comissário do Plano e depois como vice-presidente do Conselho, ao espectacular crescimento que fez da Espanha miserável de há meio século, a décima potência industrial do mundo.

A Aliança Popular tornou-se, segundo o general, uma das principais forças que se preparam para enfrentar as eleições em princípio legislativas, mas na verdade, constituintes, que, segundo afirmou Adolfo Suárez, se realizarão antes de 30 de Junho. A ambição da Aliança é, à primeira vista, paradoxal, visto que tende a fazer ratificar, pelo povo soberano, o prolongamento, quanto ao essencial, de um sistema que lhe foi imposto pela força. Não lhe faltam, no entanto, trunfos. Não contando com o receio do

desconhecido, que têm muitos nostálgicos da ordem moral, a rápida degradação da situação económica impressiona muito, tanto mais que, tanto o poder como a oposição democrática, parecem estar de acordo em adiar para depois das eleições, as medidas de austeridade que se impõem. Ora há mais de um milhão de desempregados, a inflação mantém-se nos 20 por cento ao ano, a taxa de cobertura das importações é inferior a 50 por cento, a massa dos salários pagos representa mais de metade do rendimento nacional, o campesinato, exausto, corta as estradas.

Os dirigentes da Aliança Popular armam em gente séria, em face dos «jovens amadores» que seriam, segundo eles, os membros do governo actual, a quem acusam de comprometer, com as suas iniciativas impensadas, o prestígio do rei. Isto porque, segundo alguns dos seus censores, Suárez não seria, de facto, mais do que o «secretário» do soberano.

É um processo demasiado rápido feito a um homem que, na verdade, deve tudo a Juan Carlos, mas que, até por isso, procura por todos os meios colocar a monarquia acima dos partidos. Não haveria outra explicação para a recusa de o próprio primeiro-ministro solucionar o espinhoso problema da legalização do Partido Comunista, fazendo com que a decisão fosse dada pelo Supremo Tribunal. A verdade, dizem-nos, é que nessa Espanha onde a separação dos poderes nem mesmo existe em teoria, o Tribunal está às ordens do governo, e se este deseja a legalização, ela far-se-á, mesmo que os magistrados não apreciem tal responsabilidade. A ideia de Suárez seria libertar assim o rei e ele próprio, da responsabilidade, fazendo com que ela fosse anunciada por um tribunal cujo presidente teve a família morta pelos republicanos durante a guerra civil, e que não poderá portanto ser acusado de complacência para com esses «marxistas», cujas mãos ainda estão, aos olhos da maioria dos espanhóis, sujas de sangue.

UMA POLÍTICA CAUTELOSA

Santiago Carrillo é o primeiro a saber que a Falange o acusa de ter ordenado, em 1936, a execução, em Paracuellos, de vários milhares de prisioneiros nacionalistas. O secretário-geral do P.C.E. desmentiu categoricamente tais imputações, invocando argumentos que parecem à priori inocentá-lo, mas a verdade é que as sondagens mais recentes dão 6 a 7 por cento dos votos aos seus candidatos. Impedir o P.C.E. de apresentar candidatos só poderá falsear os resultados, mesmo que neste caso os outros partidos da oposição democrática, e especialmente o Partido Socialista Operário «renovado», de Felipe Gonzalez, que tem os favores da Segunda Internacional Socialista, não decidam boicotar as urnas. Em todo o caso ninguém crê na possibilidade de um forte êxito de um partido comunista, cuja estratégia não é a do imediato, na medida em que tem, antes de mais, de reacostumar os espanhóis à sua existência. O que, segundo Santiago Carrillo, só se pode fazer adoptando em todos os domínios uma atitude responsável mesmo expondo-se aos ataques da ultra-esquerda, sempre muito fortes num país onde prosperavam, antes da guerra civil, o anarquismo e o trostkismo.

É, no entanto, preciso muito

mais para desarmar aqueles que continuam a ver os «vermelhos» com os olhos de um Franco ou de um Carrero Blanco. Ora eles são numerosos, não só nas organizações de extrema-direita, como os sinistros guerrilheiros do Cristo-Rei, mas também em certos sectores do Exército e da Polícia. Ninguém está mais consciente do facto de que o chefe do Governo, cuja principal preocupação é não deixar abrir nenhum hiato na legitimidade, a fim de não fornecer o mínimo pretexto aos que sonham com um golpe de Estado. Assim, até agora conseguiu fazer ratificar pelas Cortes do franquismo, todas as medidas tomadas para que o franquismo fosse substituído por um regime que não se parece mais com ele do que o regime de Caramanlis com a junta dos coronéis gregos.

Uma política destas só pode fazer-se muito devagar. Trata-se com os sindicatos «clandestinos» mas não se restabelece a liberdade sindical. Pende-se Carrillo quando este regressa ilegalmente, mas consente-se que ele se instale em Espanha. O jornal do P.C.E., Mundo Obrero continua a não ter existência legal, mas é vendido nos mercados e todos os artigos que publica são assinados. Esta ou aquela revista passa por difundir as suas teses, e os seus dirigentes exprimem-se sem dificuldade num grande quotidiano como El País. Marchais e Berlinguer puderam encontrar-se publicamente com Santiago Carrillo em Madrid, onde semanas antes Mitterrand e Willy Brandt tinham levado o seu apoio a Felipe Gonzalez. E depois, de vez em quando, sabe-se que determinado chefe do Exército foi substituído por um liberal ou que foram nomeados sucessores dos chefes da Polícia e da Seguridad.

Suárez, tão jovem quanto prudente, calcula até onde pode ir. Claro que quem o ajuda muito nesse caminho é o rei, cuja popularidade parece bem firme. Em todas as suas viagens à província, com uma rainha discreta e sorridente, o rei é aclamado pelo povo. A direita não se atreve a atacar o símbolo do Estado e da sua continuidade. A esquerda respeita-o. Last but not least, a sua formação e as suas atitudes militares valem a Juan Carlos grande simpatia no Exército. Todos dizem que ele não perdeu o seu tempo ao passar recentemente um dia com a Divisão Blindada de Madrid, formação cujo chefe, Milans del Bosch não é propriamente um democrata.

OITENTA PARTIDOS

Mas que se passaria então? O povo espanhol está muito confuso. Mais de oitenta partidos, de dimensão nacional ou regional, metem-se na Catalunha, preparam-se. Muitos deles só estão separados por nuances ou rivalidades pessoais. Algumas correntes, à frente das quais se encontram, no entanto, homens prestigiosos, têm efectivos tão reduzidos que não poderão apresentar candidatos em toda a parte. É o caso da democracia-cristã. Em todo o caso, dos vinte e dois milhões de eleitores inscritos, só cinco milhões lêem os jornais e têm portanto um acesso, mesmo reduzido, ao debate das ideias. Os restantes dezasseis milhões contentam-se em olhar para a televisão. Ora esta pouco mudou em relação aos velhos tempos. A lei eleitoral permite que os Estados tenham nela a maior liberdade durante a campanha. Esperemos que seja assim.

Nestas condições é con-

cebível que sem uma clara tomada de posição do presidente do Conselho, não se chegue a esse mínimo de entendimento dos centros — do «centro democrático» de Areila aos socialistas — sem o qual a experiência actual teria dificuldades a prosseguir. Estaria pois aberta a porta a um regresso da direita, que poderia desembocar numa explosão de cólera dos bairros de lata e de um proletariado agrícola deixado longe da prosperidade

O DRAMA BASCO

Parece difícil que os elementos conservadores, herdeiros de um regime que ignorou deliberadamente, durante quatro décadas, os problemas regionais, sejam capazes de realizar os actos revolucionários necessários para fazer a paz com os separatistas. É certo que, do lado catalão, a situação tranquilizou-se, mesmo que certos gestos do poder, de âmbito principalmente teórico, façam sorrir os catalanistas. A autonomia não foi restaurada só porque a palavra «generalidade» com a qual se designava, no tempo da República, o Governo catalão, fez a sua reaparição por cima do nome da comissão provincial. O catalão conseguiu, pelo menos, direito de cidadania — em 1976 foram publicados em Barcelona, cinco mil livros nessa língua. Mesmo nos meios de esquerda, frequentemente cépticos para com as intenções do Governo, não se afasta a possibilidade de uma solução satisfatória. Aqui e ali exprime-se, no entanto, o receio de que a província vote mais à esquerda do que o resto da Espanha, e possa surgir um conflito após as eleições, entre Madrid e Barcelona. Uma situação deste género surgira em 1934, quando o governo legal da Catalunha apoiou a insurreição das Astúrias. Esta lembrança pesou bastante no desencadear da guerra civil.

Mas isto são preocupações insignificantes comparadas com as suscitadas pela evolução do drama basco, que muitas vezes é comparado, nas esferas do poder, com o do Ulster. Suárez também aí utilizou o método do caminhar devagar: amnistiando progressivamente os presos políticos, autorizando a bandeira basca, restabelecendo as assembleias regionais. Mas se tais medidas acalmam uma parte da população, subsiste um «clã» de irreductíveis cujo objectivo é a proclamação de uma república socialista basca independente e que, para o conseguir, estão dispostos a tudo, inclusive ao mais cego terrorismo. A acreditar no governo, o número dos guerrilheiros não ultrapassaria os quinhentos. Mas as simpatias de que dispõem, principalmente junto da juventude, tornam inoperante qualquer política repressiva. Isso viu-se há dias, após a morte de dois militantes bascos durante um confronto com a Polícia. Quarenta e oito horas depois, toda a Guipuzcoa estava praticamente em greve.

Faça a um problema de tal amplitude, o método ultraprudente de Suárez ainda será viável? Não seria necessário pegar o touro pelos cornos, organizar um referendo nas províncias bascas? Em todo o caso isso seria mais do que o Exército poderia tolerar. Mas também aí o governo, que não afasta a fórmula de um Estado regional federal no seio do qual algumas regiões seriam mais autónomas do que outras, pode pensar que será mais forte após as eleições, se de uma maneira ou de outra, as ganhar.

(LE MONDE)

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sines em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP (ex-União Eléctrica Portuguesa) a que se refere o processo 8/59 402, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Salreu, concelho de Estarreja, de uma linha aérea a 15 kV, com 495 metros, do anóio n.º 17 da linha para o posto de transformação do Hospital de Salreu ao posto de transformação de Salreu-Ladeira, da Câmara Municipal de Estarreja.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 23 de Março de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sines em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP (ex-UEP-Sul), a que se refere o processo 8/59 174, arquivo 45, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Sines, de uma linha aérea a 30 kV, com 1165 metros, do apoio n.º 95 da linha Santiago-Sines I, ao posto de secionamento dos estaleiros da Companhia Nacional de Petroquímica.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Março de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe Joaquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL CIVIL

DA COMARCA DE LISBOA

4.ª VARA

ANUNCIO

Na Acção Ordinária n.º 6417 pendente na 1.ª Secção da 4.ª Vara Civil de Lisboa, movida por Lucien Raymond Tricoche, da Praia da Salema-Budens, Vila do Bispo, contra JOSÉ DE SOUSA CINTRA, divorciado, comerciante, que teve a última residência conhecida na Rua Luciano Cordeiro, 83-2.º Esq. em Lisboa, ora ausente em parte incerta, é este réu citado para no prazo de VINTE dias que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA dias contada da data da segunda e última publicação do anúncio, contestar o pedido do autor que pretende que o réu seja condenado a pagar-lhe a quantia de Esc. 1 300 000,00, titulada por uma letra, acrescida de Esc. 113.441,330 de juros de mora vencidos nos vencidos, a 6 por cento ao ano desde 16-12-1976 até integral pagamento e ainda em Esc. 121.500 de despesas de protesto devendo ainda na contestação o réu declarar se confessa ou nega a firma.

Lisboa, 7 de Março de 1977
O Corregedor-Adjunto
(Orlando Faria Saraiva Lima)
O Ajudante de Escrivão
(João Gonçalves)

FERIADO 25 DE ABRIL MADEIRA

22 a 25 de Abril (4 dias)

Preços excepcionais desde 2.490\$00

Incluindo passagem aérea, estadia, transporte Aeroporto/Hotel/Aeroporto, excursão na ilha e acompanhamento com guia Abreu

Alguns lugares disponíveis

Inscriva-se já

abreu

Fundada em 1840

LISBOA
PORTO
COIMBRA
FARO
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Quase todos os acidentes mortais com veículos de duas rodas, são devidos a ferimentos na cabeça. Proteja-se usando sempre o capacete!

circular e viver.



ISRAEL

O "falcão" Shimon Peres está a caminho do poder

O ministro da Defesa, Shimon Peres, foi ontem eleito para dirigir o Partido Trabalhista de Israel, em substituição do primeiro-ministro demissionário, Yitzhak Rabin, acusado de corrupção.

Peres, que era o único candidato, venceu por maioria esmagadora numa reunião do Comité Central do partido, composto por 815 membros. Ignora-se, por enquanto, o número exacto de votos recolhidos pelo ven-

cedor, mas sabe-se que só foram lançados oito votos contra. Houve 18 abstenções.

O resultado da votação fora já previsto, dado Peres ter chegado ontem a acordo com o actual ministro dos Negócios Estrangeiros Yigal Allon, em que este aceitou passar para segundo plano. Allon deverá encarregar-se da pasta da Defesa num futuro Governo de Peres e no caso, portanto, de o Partido Trabalhista obter nas

próximas eleições de 17 de Maio a maioria necessária para formar Governo.

Ontem, em discurso dirigido à Assembleia, Peres incitou a «negociações com os árabes, que possam trazer a paz, mas não uma paz falsa». «Nisso estamos todos do mesmo lado», prosseguiu, «Falcões», «Pombas», direita e esquerda, até ao fim e todos unidos».

A referência de Peres aos «Falcões» e às «Pombas» foi considerada por observadores como uma cedência à ala esquerda do partido, que se opunha à sua candidatura, considerando-o demasiado radical no que se refere à não restituição dos territórios árabes em troca da paz.

Mais tarde, em conferência de imprensa, Shimon Peres declarou que «a mudança de pessoa à cabeça do Partido Trabalhista não significa que haverá alteração substancial na política de Israel».

Interrogado sobre a Conferência de Genebra, Peres opinou que deve ser cuidadosamente preparada, pois, frisou, «se alimentarmos esperanças demasiado grandes, arriscamos-nos a decepções com consequências perigosas». Preciso, no entanto, que, «de acordo com a política israelita» o seu partido se recusará a negociar com a O. L. P., que «não passa duma coligação de grupos armados onde o consenso maioritário não prevalece».

Acerca da fórmula do presidente Carter duma «Pátria» para os palestinos, Peres consi-

derou que se trata «duma ideia lançada para suscitar reacções, mais do que se trata dum compromisso».

A este propósito, Peres lembrou a posição de Israel de que o futuro da Cisjordânia só pode ser negociado com a Jordânia.

Entretanto, Shimon Peres, enfrenta já hoje o seu primeiro desafio como candidato do Partido Trabalhista ao cargo de primeiro-ministro, com a ameaça de abandono da coligação de um parceiro «Pomba», em oposição à sua posição de «Falcão».

O Partido AAPAM dirá ainda hoje se tenciona continuar aliado aos trabalhistas ou apresentar-se às próximas eleições gerais de 17 de Maio a concorrer isoladamente.

Os observadores frisam que Peres parece querer manter o apoio ao seu partido de outros mais pequenos, tomando uma posição «moderada» quanto à resolução do conflito do Médio Oriente.

Brasil: Geisel silencia oposição

O governo brasileiro vai anunciar hoje um «pacote de medidas» de reformas políticas que, segundo os observadores, têm como objectivo assegurar, através de uma série de artifícios eleitorais, a manutenção do partido governamental «ARENA» no poder e reduzir a um papel simbólico a acção política da oposição, legalmente representada pelo «Movimento Democrático Brasileiro» (MDB).

Ao submeter todas as reformas constitucionais à regra da «maioria absoluta» (metade dos votos mais um) e não, como até aqui à maioria de dois terços, o governo priva o MDB do seu poder de bloqueio, que este movimento utilizou para recusar a reforma do sistema judiciário.

De igual maneira, o Movimento Democrático Brasileiro vai ser lesado, segundo consideram os observadores, pela decisão de agrupar, a partir do próximo ano, a eleição dos senadores, deputados federais e deputados locais (o eleitor será obrigado a designar os seus 3 candidatos num mesmo

partido) e pela decisão de modificar a composição das assembleias locais. Estas deixarão de ser proporcionais ao número dos eleitores para serem proporcionais à «importância da população», fixando-se um máximo de 400 lugares por assembleia.

Geisel decidiu igualmente que o mandato dos seus sucessores passe de 5 para 6 anos. A isto vem juntar-se uma «reforma técnica» sobre a coincidência dos mandatos dos representantes eleitos a partir de 1982, uma maior flexibilidade da lei sobre a segurança nacional e, ao contrário, um reforço da lei sobre os delitos de imprensa.

Perante estas «reformas», certos militantes da oposição falam cada vez mais em autodissolução. Outros, como por exemplo o senador Franco Montoro, apelam para que o partido «se transforme num instrumento de resistência democrática, com a participação de todas as categorias sociais do país, homens de negócios, operários e a igreja».

Carter manda prender traineira soviética

O presidente Jimmy Carter declarou ontem que foi por sua ordem que tinha sido apreendido um navio de pesca soviético, o «Taras Shevchenko», quando se encontrava, no sábado, dentro do limite das 200 milhas das águas de pesca americanas, com 93 tripulantes.

Ao sair da igreja baptista de Calhoun, onde acabava de assistir ao serviço pascal, Carter, em resposta a uma pergunta de um jornalista, elucidou que a Embaixada soviética tinha sido prevenida da sua decisão.

A traineira «Taras Shevchenko» foi apreendida por uma vedete costeira americana por ter pescado uma quantidade de arenques superior às quotas estabelecidas desde a imposição de uma zona de pesca de 200 milhas pelos Estados Unidos, há 5 semanas. O barco

foi escoltado para Boston onde era aguardado esta manhã.

Por outro lado, Carter encarregou o seu vice-presidente, Walter Mondale, de presidir a um comité de alto nível encarregado de examinar, verificar e, se necessário, redefinir, os objectivos e as missões das agências americanas de segurança essencialmente a C. I. A. e o F. B. I.

O semanário «Newsweek» que anuncia esta nova tarefa de Mondale, acrescenta, no seu último número, que o comité será também constituído pelo ministro da Justiça Griffin Bell, pelo actual director da C. I. A., alm. i. rante Turner, e por Zbigniew Brezezinski, conselheiro especial do presidente Carter para as questões de Segurança.

LIBANO

Pausa curta na luta longa

Após vários dias de combates violentos, registou-se uma pausa na luta que se trava actualmente na fronteira libanesa-israelita. De acordo com informações locais, as forças palestinas progressistas conseguiram durante um contra-ataque conquistar algumas posições que estavam na posse das suas forças direitistas e estão, presentemente, reforçando as suas posições. A situação será examinada hoje à tarde pelo Conselho de Ministros libaneses que se afirma estar a colaborar com as autoridades locais a fim de se conseguir que as forças que se enfrentam no Sul do país não tentem melhorar as suas posições ou lançar contra-ataques que alterem o equilíbrio actual.

Laos fecha e reforça fronteira do Mekong

O Laos encerrou as suas fronteiras com a Tailândia à primeiras horas de hoje, depois de eclodirem combates entre «rebeldes» direitistas laocianos e forças governamentais em duas ilhas do rio Mekong que faz fronteira entre os dois países.

Em Vienciana, capital do Laos, a somente seis quilómetros do local dos combates, todos os habitantes receberam instruções para construir abrigos contra bombas sob as suas casas, enquanto grande número de tropas governamentais cava trincheiras ao longo do Mekong. Dois blindados de transporte de pessoal encontram-se estacionados na margem do rio, com as metralhadoras apontadas para território

tailandês, que se situa do outro lado do rio, a menos de dois quilómetros.

Fontes oficiais em Vienciana indicam que existe alguma preocupação pelo facto de os combates entre direitistas laocianos e forças governamentais poderem alastrar para a Tailândia, com a consequente resposta dos tailandeses. O Laos acusava ontem a Tailândia de dar abrigo aos «rebeldes», que capturaram a ilha de Ching Chou, no Mekong, para logo depois a perderem na sequência de ofensiva das tropas governamentais.

Todavia, 30 «insurrectos», a coberto da noite, apossaram-se de outra ilha, operação em que perderam a vida seis soldados das forças regulares do Laos.

Kissinger aconselha Sadat

O jornal do Kuwait «As Siyassah» comunicou ontem que o antigo secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger será dentro em breve conselheiro especial do presidente egípcio Anwar Sadat.

O jornal — citado pela agência noticiosa do Iraque —

acrescentou que «Kissinger terá a sua base como conselheiro de Sadat em Washington e que o chefe de Estado egípcio procurará organizar uma reunião entre o ex-secretário de Estado e o líder palestiano Yasser Arafat em Agosto».

O periódico não explicou o fim desta reunião.

Polícia do Paquistão já matou 42 pessoas

Morreram cinco pessoas e ficaram feridas doze ontem em Karachi, quando a Polícia abriu fogo sobre manifestantes da oposição.

A Polícia abriu igualmente fogo em Multan, no centro de Pendjab, tendo morrido uma pessoa. Ignora-se ainda o

número de feridos nesta cidade.

O balanço oficioso das pessoas mortas a tiro no Paquistão durante as últimas quarenta e oito horas eleva-se já a quarenta e dois. As detenções e os feridos sobem já a algumas centenas.

CUBA—EUA

Fidel louva aproximação mas não afrouxa críticas

O primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, disse pensar que seria preciso tempo para o seu país e os Estados Unidos restabelecerem boas relações, mas louvou as recentes iniciativas para uma reaproximação. Prometeu que os turistas americanos seriam recebidos nesta ilha com hospitalidade, respeito e amizade, e que o povo cubano não sentia qualquer ódio pelos americanos.

O dirigente cubano falava para os jornalistas durante um intervalo em conversações que efectuou ontem em Santa Maria del Mar com o senador americano George McGovern o qual tem conferenciado informalmente com dirigentes de Cuba desde que chegou, na terça-feira passada, com uma equipa universitária de basquetebol dos Estados Unidos.

Ao ser-lhe perguntado quanto tempo faltava para os dois países restabelecerem relações, Fidel Castro disse:

«Não sou pessimista, mas penso que levará tempo».

O senador McGovern, que participa na chamada «diplomacia de basquetebol» em Cuba, com dois colegas do Partido Democrático, o senador James Abourezk e o congressista Lee Aspin, regressa hoje ao seu país, um dia depois do resto da comitiva. Espera-se que apresente um relatório à administração Carter sobre os seus contactos em Cuba.

Entretanto, apesar da aproximação, Fidel Castro não poupa os Estados Unidos nas suas críticas feitas de maneira objectiva e enérgica. Afirmou que os habituais violadores dos Direitos Humanos, os que torturam, assassinam e oprimem «têm sido os melhores aliados dos Estados Unidos em todas as partes do Mundo».

Fidel havia sido interrogado sobre a preocupação do presidente norte-americano James Carter, em torno da si-

tuação dos Direitos Humanos.

«Para falar de Direitos Humanos há que deixar de ser capitalista» — afirmou Castro que já tinha pronunciado esta mesma frase há dias em Moscovo.

«Nós consideramo-nos os defensores dos Direitos Humanos da luta contra a exploração, a discriminação do negro, da luta pela libertação da mulher, pelo desenvolvimento cultural, pela dignidade plena do Homem, pela sua vida, pela sua saúde» — disse Fidel, salientando que, em Cuba «não há prostituição, não há drogas, não há mendigos, não há desemprego, não há discriminação e todas as crianças frequentam a escola».

O «Leader» cubano definiu o capitalismo como «a sociedade mais despiada do Mundo», geradora do colonialismo, da escravidão e de outros males.

Ex-primeiro-ministro assassinado em Londres

A Polícia britânica procura hoje um assassino que ontem matou a tiro o antigo primeiro-ministro do Iemen, Kadi Abdullah Ahmed Al-Hagri, sua mulher e um diplomata iemenita numa rua de Londres, à porta do Royal Lancaster Hotel.

A maneira quase casual e a frieza dos assassinos levou a Polícia a conjecturar de que foram cometidos por um criminoso profissional, por motivos políticos. Hagri, de 60 anos, chefe do Governo da República Árabe Iemenita entre 1972 e 1974.

As autoridades disseram que às 11 horas, o assassino, vestido de forma desleixada, se aproximou calmamente do automóvel dos iemenitas, estacionado fora do luxuoso hotel. Abriu a porta do carro e dera um tiro na cabeça de Hagri.

O ex-primeiro-ministro tinha uma das mãos na adaga ornamental que trazia sempre ao peito.

Seguidamente, o criminoso disparou contra o diplomata Abdullah Ali Al Hammami, de 45 anos, atingindo-o no peito. Abriu depois a porta de trás do «Mercedes», onde a senhora Hagri, coberta de muitos véus, se encontrava agachada. Alvejou-a, também, com um tiro na cabeça.

Um motorista de táxi, que assistiu aos assassinatos, declarou a repórteres que o criminoso se afastara, então, calmamente alguns passos, se voltou e disparou mais dois tiros de uma pistola automática, equipada com um silenciador, através do para-brisas do automóvel. Após os disparos e sem se apressar, desapareceu no

meio da multidão de transeuntes.

Durante o seu mandato como primeiro-ministro, Hagri foi acusado por adversários de ser um monárquico e se opor à união com o regime marxista do Iemen do Sul. Na sua tentativa para conservar o poder, o seu Governo prendeu dezenas de pessoas e executou algumas como «elementos subversivos».

Hagri era, na altura em que foi morto, vice-presidente do Supremo Tribunal do seu país.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

David Owen na Tanzânia

O secretário de Estado britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, chegou hoje a Dar Es-Salam com um conjunto de propostas do seu país e dos Estados Unidos para a resolução do conflito rodésiano. As propostas serão apresentadas em Moçambique, na África do Sul, no Botswana e na Zâmbia e visam o estabelecimento de uma transição para a maioria negra da Rodésia, antes de 1978.

A contar com uma «boa dose de boa vontade dos políticos negros e brancos», David Owen considera a missão difícil, mas está optimista.

Hoje



O Holandês desaparecido

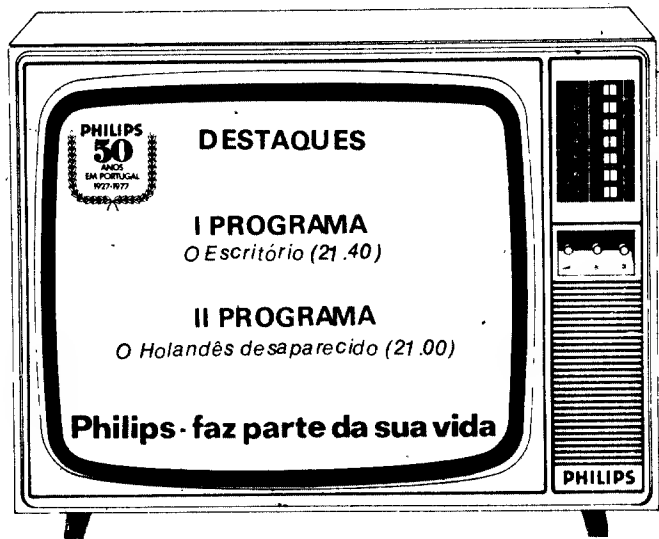
I. PROGRAMA

- 18.30 Abertura e Bonecos — Nodi e Diário das Fábulas.
19.05 Abre-te Sésamo
19.30 Um Lugar Para Ouvir Música — Recital de piano por Tania Achot.
20.00 Teledesperto — O fim-de-sema desportivo, através do comentário e da imagem.
20.30 Telejornal — 1.ª edição.
21.00 Aproximação à Pintura
21.35 O Escritório — De Václav Havel. Tradução de Valentina Trigo de Sousa. Encenação de Luzia Maria Martins. Realização de TV de Vítor Manuel. Intérpretes: (por ordem de entrada): Mário Pereira, Carlos Duarte, Suzana Prado, Cremilde Gil, Fernanda Coimbra, Helena Félix, Vítor Hugo, Fernando Montemor, Diniz Castelo, José Brás, Augusto Leal e Manuel Cassola. (Gravação efectuada no Teatro Vasco Santana).
00.00 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 21.02 O Holandês Desaparecido — «O Telefonema». Intérpretes: Mathias Habich, Didi Perego, Francisco Canelutti, Ana Maria, Guarnieri, Rada Rassimov e Giuseppe Pabier. Realização de Alberto Negrin.
22.00 24 Desenhos de Cruzeiro Seixas — Um programa de Rocha de Sousa. Realização de José Elyseu.
22.30 Telejornal
23.05 Fecho.



Amanhã

I. PROGRAMA

18.30: Abertura e Um Mundo para descobrir. 18.55: Peça a palavra. 19.20: Em toda a parte aprendemos. 20.00: Telecinema. 20.30: Telejornal — 1.ª edição. 21.00: Momento Político — Um programa da Secretaria de Estado da Comunicação Social. 21.20: Colditz. 22.15: A Europa do Século XX — O Velho Continente. 23.15: Fecho.

II. PROGRAMA

21.00: Abertura e o guitarrista John Williams. 21.50: Independência — A Independência dos Estados Unidos. 22.35: Telejornal. 23.20: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

DISTRAIR DIZ TRAIR

Em substituição desse nada que era «O Gesto é Tudo» veio um espectáculo de variedades. Extremamente, ricamente variado. Nomes dos maiores no bailado, na canção, no musical passaram nessa hora e meia. Apresentadores, a Liza Minelli e o Bing Crosby — e só esta indicação aponta logo para a qualidade do resto.

Nestas andanças de distrair as pessoas, a técnica ianque percebe da podá: Quem se põe diante do televisor, sem ter de vencer dificuldades de sobrevivência, fica para ali amarrado de pés e mãos apanhado na teia do ritmo do espectáculo, das preciosidades de realização, da presença dos artistas. Enquanto isso, deixamos de pensar nos problemas da colectividade, nos problemas dos outros por vezes tão angustiosos.

Mais de dez milhões de desempregados não estariam certamente a ver este programa, com disponibilidade para apreciar as graças, a beleza, a arte, as canções da Minelli e do Crosby. Outros americanos, entretidos, não pensariam nos dez milhões de desempregados do seu país.

Distrair é isto: afastar as pessoas da avaliação dos problemas. Ao princípio foi o programa de variedades e depois foi aquela Eurovisão com a Orquestra Sinfónica de Viena. Com certeza as centenas de vienenses que assistiam, deliciados e bem vestidos, às valsas, às polcas e às melodias de opereta para comemorar a chegada da Primavera, esses com certeza não estão in-

cluídos na grande legião de desempregados da Áustria. Sempre se divertem os que têm a barriga cheia...

Vamos lá a ver: Não estou a condenar a alegria, o divertimento. Nada disso. Estou a condenar o empolamento da distração com a finalidade de alienar as pessoas, com o fim de transformar, social-democraticamente, o povo em público.

A Televisão Portuguesa está a ser, cada vez mais, essa máquina de distração. Lástima. Distrair diz trair. Não é com «slogans» publicitários que se mentaliza o nosso povo para os grandes combates pelo seu futuro.

RESPONSABILIDADE

Fala-se do Círculo Portuense de Ópera. Ficamos a saber algo das suas dificuldades, das suas lutas, das suas perspectivas. Aponta-se para a necessidade de ultrapassar a fase do artesanato, do puro amadorismo — mas, naturalmente, isso apenas será possível com uma ajuda oficial.

Disseram-no-lo os seus dirigentes: «Claro que sim». A cultura é uma responsabilidade colectiva. Resta saber se um Governo lançado na recuperação capitalista está interessado no avanço da cultura.

Curiosa aquela afirmação de António Calém: o círculo, mau grado a sua actividade ser de utilidade pública, chegou a ver-se na situação de não ter onde ensaiar!

Verificam-se análogas situações noutros campos: está

na Constituição a liberdade de reunião — mas depois não há onde reunir...

UMA ILHA. URGENTE

Robinson Crusoe começou agora na Televisão a sua aventura apaixonante.

Os italianos encarregam-se disso.

A certa altura, não sei se se recordam, o Robinson encontra o barco varado, entra nele, dá de caras, furiosamente, com o pão, as bolachas, o leite, o peixe, a carne, o açúcar.

Como se vê, a ideia do «Cabaz de Compras» não é uma invenção portuguesa. Robinson teve também o seu e de muito melhor qualidade. Aquilo, sim, era um cabaz capaz.

Boa sorte, Robinson! Como te invejo, caramba! Ah, estar como tu numa ilha longe, longe, longe. Sem Durões, sem telejornais, sem ouvir o Sá, nem o Amaral, sem saber — oh suprema felicidade! — que há um tipo chamado Gonelha.

Uma ilha! Por favor, arranjam-me uma ilha. Urgente.

OS PAINÉIS

O Telejornal, sempre na vanguarda da informação, sempre.

Ei-lo a comunicar a implantação de painéis da Prevenção Rodoviária. Painéis que são uma espécie de papão para meter medo ao menino que não quer comer a sopa ou fazer o-ó.

Na minha modesta opinião, se se cuidasse das estradas e da vigilância nelas, os acidentes abrandariam. As autênticas crateras, que o automobilista

encontra pelo caminho, não ajudam nada a combater o acidente. E quando o painel diz: Zona de acidentes a 1000 metros o pobre do automobilista sorrirá do exagero. Uns optimistas, estes painéis.

Haverá algum centímetro nas estradas de Portugal que não seja «zona de acidente»?

Não digo mais nada senão acusam-me de prejudicar o turismo. Dai ao linchamento a distância é curta. A pureza que lhes direi que os turistas que vierem a Portugal em carro próprio uma vez, dificilmente voltarão segunda. Neste campo desconfio muito da eficácia dos painéis.

O CONCELHO

No concelho de água, é imprópria para consumo.

O concelho tem um hospital para servir 400 mil pessoas. O hospital está a cair de velho e de podre.

O concelho possui uma das taxas de mortalidade infantil mais altas do País, ou seja, da Europa.

O concelho não possui creches, nem infantários, nada. As crianças ficam ao abandono porque os pais trabalham. As crianças brincam por cima dos dejectos, quantas vezes.

O concelho é o de Guimarães. As informações foram prestadas pelo presidente da Câmara, Edmundo Campos, numa entrevista concedida ao Telejornal. Brevíssima entrevista. Dois, três minutos, sei lá.

É quanto vale um concelho. É quanto vale a nossa realidade. Por que não ressuscitar o concurso «Um minuto para mostrar o que vale»?

MAIS BARATO QUE O BACALHAU
POUCO MAIS CARO QUE A BICA

A PARÓDIA

UMA REVISTA DE PAPO CHEIO

ADOQUE
teatro

TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
«MATINÉES» AOS DOMINGOS:
às 16 horas

ANABELA • ERMELINDA • HENRIQUE VIANA • MAGDA • NICHOLSON

**CÓDIGO DE JUSTIÇA
MILITAR REGULAMENTO
DE DISCIPLINA MILITAR**

Preço 40\$00

Edição da I.N.C.M. à venda em todas as livrarias

LIVRARIAS DO ESTADO

R. Marques de Sá da Bandeira, 16 A
R. da Escola Politécnica
R. de D. Francisco Manuel de Melo, 5
Av. do Dr. António José de Almeida
Av. de Fernão de Magalhães, 486
P. Guilherme Gomes Fernandes, 84

LIBROA-1
LIBROA-2
LIBROA-1
LIBROA-1
LIBROA-1
COMBRA
PORTO

inm
IMPRENSA NACIONAL
CASA DA MOEDA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

C.P. - CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SUCATAS

Está aberto concurso, até 29 do corrente mês, para adjudicação dos seguintes lotes de sucata, concentrados no parque de Vila Nova de Gaia:

LOTE 1

- 44 locomotivas a vapor, de via larga
- 20 tenders de locomotivas a vapor, de via larga

LOTE 2

- 25 rodados de via larga
- 2 bogies de via larga

LOTE 3

- 5 gruas móveis
- 5 carragens e vagões
- restante material não incluído nos lotes 1 e 2

Todas as informações complementares, bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas na Divisão de Abastecimentos, Rua de Santa Apolónia, 65 — Lisboa-2, Telefones 869760/8 (extensões 228 e 229), ou ainda, na chefia da Região Norte, edifício da estação de S. Bento, no Porto, Telefone 21054.

CUSCUS
ESPECIALIDADE ÁRABE
Pratos individuais a 80\$00
JANTE TODOS OS DIAS
A PARTIR DAS 20 E 30 NO
BONAPARTE — Rua de S. Miguel, 70
ALFAMA — Telef. 872761

LA FORA

ABANDONO

Uma «época dourada» do futebol italiano será encerrada no fim desta temporada, quando abandonarem a actividade os jogadores Alessandro Mazzola, Gianni Rivera e Luigi Riva, respectivamente do Inter, Milão e Cagliari.

«Gigi» Riva confirmou ontem, em Cagliari (Sardenha), a sua retirada definitiva. Os outros dois já tinham tomado a decisão há um mês: Rivera e Mazzola irão assumir funções directivas nos seus clubes, ao passo que Riva não revelou ainda a futura actividade, que poderá ser a de treinador da sua equipa.

BASQUETEBOL

Derrotados por austríacos (53-69), ingleses (62-83) e islandeses (65-83), os basquetebolistas portugueses conseguiram uma vitória para o «euro-peu»: 68-59, perante o Luxemburgo. As turmas e marcadores dos três encontros do fim de semana:

Com a Inglaterra: Parente (4), Leiria (2), Baganha (3), Sing (5), Santiago (22), José Luís (8), José Carlos (4), Samuel (8) e Rui Pereira (6).

Com a Islândia: Parente (4), Leiria (7), Baganha (4), Sing (8), Santiago (19) Marques, José Luís (14), José Carlos (5), Samuel e Rui Pereira (2).

Com o Luxemburgo: Leiria (20), Baganha, Sing (2), Aniceto (6), José Luís (9), José Carlos (21) e Santiago (10).

Dale Dover, o norte-americano que fez época no basquetebol do F.C. Porto é, actualmente, o treinador da turma nacional da Dinamarca, concorrente ao europeu da modalidade.

DRAMA

A australiana Karen Krantzke morreu ontem, pouco depois de ter vencido a final de pares senhoras, num torneio de ténis disputado em Tallahassee, na Flórida (E. U. A.). A tenista australiana, que formava par com a sua compatriota Kim Ruddell, iniciou depois do jogo uma ligeira corrida de descontração e quando regressava ao estádio caiu, subitamente. No hospital, para onde foi transportada rapidamente, os médicos limitaram-se a verificar o óbito.

Karen (30 anos) e Kim Ruddell haviam derrotado por 2-0 (6-2 e 6-1) a dupla formada pela norte-americana Rayni Fox e pela australiana Helen Gourlay.

HÓQUEI EM CAMPO

Um magro golo (por Fernando) não impediu expressiva derrota do hóquei em campo do F. C. Porto, logo no 1.º jogo para a «Taça dos Campeões». «Placard»: 1-5. Por cá, alinharam Alípio; Macedo (Póvoas), Filipe, Ribeiro II e Ribeiro Costa, Mota e Fernando; Sereino, Macedo II e Augusto (Gustavo). Hoje, os nordestinos defrontam os italianos do Ansicore.

RÁGUEBI

Raguebistas portugueses classificaram-se em 3.º lugar no «Torneio Europeu de Juniores», após vencerem a URSS (18-14).

TOTOBOLA	
A chave	
R. 1.ª Parte	
* 1 Porto - Sporting	1
* 2 G. Vicente-Farense	1
* 3 CUF - Fafe	X
* 4 Porto - Sporting	1
* 5 Gil Vicente-Farense	1
* 6 CUF - Fafe	X
* 7 Batis-Santander	1
* 8 Elche-Real Madrid	1
R. 2.ª Parte	
* 9 R. Sociedade-Salamanca	1
* 10 Celta-A. Atlético Bilbao	X
* 11 Valência-Barcelona	2
* 12 Saragoça-Hércules	1
* 13 Burgos-Sevilha	1



Chana: assim, é fácil

“TAÇA DOS CAMPEÕES” EM HÓQUEI PATINADO

Sporting “cilindra” toscos helvéticos

O primeiro passo (para estar na final da «Taça dos Campeões Europeus») de hóquei patinado, foi dado, sábado, de forma brilhante e categórica, pelo Sporting, que «cilindrou» (qual é o termo mais carregado ou mais condizente?), sem qualquer contemplação, o H. C. de Montreux, como o atestam os números (18-1). Um resultado destes quase dispensa comentários. Por (e para) isso a síntese.

Sobrinho, Livramento e Chana actuaram como muito bem lhes deu na «real gana»: e, ao intervalo, já tinham feito sete dos 18 tentos com que os «leóninos» «mimosearam» o tosco conjunto helvético. Sem grandes pressas, mas dando alarde de uma categoria e de um no-

tável espírito colectivo, com a «madeira» a rolar de uns para os outros e o Montreux verdadeiramente estonteado, desbarataram as energias do adversário (e o seu guarnecimento defensivo). Quebrada a resistência (?) inicial, foi um tal «ver se te avias»: e os golos a «saltarem» à medida da força dos acontecimentos ser-qualquer «quadrado» que se lhes impusesse.

Ainda em síntese (o comentário) valerá a pena dizer, por ser verdade flagrante, que em determinados espaços os helvéticos perderam a noção do que era defender. Quando isso aconteceu, o «placard» aumentava a um ritmo diabólico: de tal modo, que num minuto, os «leóninos» fizeram três tentos.

Numa prova europeia, seja qual for a projecção dos intervenientes, o facto não é vulgar. Mas aconteceu, sábado, no Pavilhão de Alvalade, por mor de muito boa execução técnica (sportinguista) e imprecisão, displicência, rudimentarismo (o que lhe queiram chamar) dos suíços. Ramalhe e Rendeiro quase não foram «incomodados». Depois disto, que dizer do próximo encontro?

Sob a direcção do espanhol Francisco Larios, as equipas formaram:

SPORTING — Ramalhe: Júlio Rendeiro (1) Sobrinho (3), Livramento (4), Chana (9), Jorge (1), e Garrido.

MONTREUX — Conte: Genoud, Condonnier, De Saebenthal (1), Mithardé e Briol.

PORTUGAL

ANDEBOL

Sob a orientação de árbitros da Comissão Central (Fernando Silva e Fernando Rodrigues) e a colaboração dos árbitros Mário Morais e Nuno Pinho, efectuou-se, nas instalações da Delegação Distrital da D.G.D. em Portalegre o «primeiro curso de formação técnica de árbitros de andebol», que teve a frequência de 11 elementos.

BARREIRENSE

Com uma sessão solene, comemora-se esta noite o 66.º aniversário do Barreirense.

BIBLIOGRAFIA

Editado pelo M. E. I. C. (através da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos) acaba de sair «Antologia Desportiva», com o programa desportivo do Governo Constitucional, o texto do despacho ministerial n.º 262/76 e o estudo da concretização da política desportiva, para além de incluir o despacho 104/76, do secretário de Estado, para definição do novo organograma de funcionamento da D. G. D.

CICLISMO

Venceslau Fernandes venceu o «Grande Prémio da Páscoa», promovido pela Associação de Ciclismo do Porto, prova que se processou em duas etapas e teve a participação de oito equipas (F. C. do Porto, Trofa, Sangalhos, Rio Tinto, Coimbra, Coelima, Paredes e S. Jorge) e, individualmente, representantes da Facar e do Fafe. Impo-

(a primeira coube a Manuel Silva, também do Porto), a despeito da forte oposição do «coelima» João Sampaio (cuja equipa protestou a validade da vitória, argumentando que o seu mais representativo ciclista foi agarrado pelo «portista»), Venceslau Fernandes ganhou o troféu em disputa, com o tempo final de 8 horas, 22 minutos e 22 segundos. Lugares imediatos: José Sampaio, José Sá, Luís Teixeira, Joaquim Andrade, António Alves, Manuel Silva, Guilherme Rocha e Manuel Durão.

Enquanto isso, Flávio Henriques (Sangalhos) ganhava a prova «Aniversário do Futebol Clube do Bonsucesso», promovida pela Associação de Ciclis-



Humberto Sequeira: para este juvenil do Sporting, novo «record» português nos 1500 com obstáculos (4:22.2)

mo de Aveiro, à frente de Carlos Conceição, do mesmo clube, em seniores de primeira. Em juniores e seniores de terceira, a vitória pendeu para Carlos Pires (Pontével), ficando José Marques (Sanjoanense) na última posição. Alinharam 27 ciclistas.

F.C. DO PORTO

Três horas, muitas intervenções (realce especial para a do tenente-coronel Mendes Pedrosa) bastaram, no decorrer da Assembleia Geral Extraordinária (continuação) do F.C. do Porto, para que as quotas dos associados do clube aumentassem. O dr. Ponciano Serrão presidiu ao «plenário», secretariado por Alberto Ferreira e Marques Oliveira. As quotas, de acordo com a proposta aprovada (que era subscrita pelo Conselho Superior do clube), que visa a amortização da dívida do F.C. do Porto e a continuação da obra que vem sendo realizada pelos seus dirigentes, ficaram assim escalonadas: sócios efectivos de bancada, 120 escudos; efectivos de superior, 75\$00; auxiliares de bancada, 40\$00; auxiliares de superior, 30\$00; correspondentes do continente, 250\$00; correspondentes do estrangeiro, 100 escudos.

Além daquele ponto da ordem dos trabalhos, um outro avultava, reportando-se à suspensão da jóia (proposta da direcção). Esse ponto seria retirado, dado o clube, que entretanto atingiu os 70 mil associados, preparar-se para encerrar a admissão de mais sócios, pelo menos até se esgotarem os lugares cativos.

DOIS PONTOS COMO RAZÃO

Vila da Feira em peso contesta federativos

A praça principal da Vila da Feira foi palco de uma manifestação que não é, felizmente, muito vulgar nos escaninhos do futebol da nossa paróquia. Argumentando que «é no campo que se vence ou perde, e não na secretaria» (a piada vai direitinha para o Conselho de Disciplina — ou o contrário? — da FPF), o povo daquela vila e freguesias do concelho esteve em peso no protesto contra a atribuição de dois pontos ao Estrela de Portalegre, em encontro onde a equipa alentejana foi derrotada (5-1) pelo União de Coimbra, por mor de uma inscrição que aquele Conselho veio a considerar irregular, punindo assim a equipa conimbricense.

Essa «decisão» estendeu-se, por tabela a terceiros; e logo à equipa do Feirense que de um instante para o outro se viu (secretarialmente) desalojada da posição de guia da Zona Centro da 2.ª Divisão Nacional, que viria a recuperar, há duas semanas, quando recebeu, no Estádio Marcolino Castro, favorecida pelo CD da FPF. Então, e desnecessariamente (o velho adágio: por uns, pagam os outros) o Estrela (adeptos e jogadores) foram «mimoseados» por muitos «piropos» e alguns «afagos», com o resultado (3-0 pró-Feirense) a serenar no fim, alguns ânimos.

No largo fronteiriço à Câmara Municipal da Vila da Feira, numerosos sócios e simpatizantes da equipa local, munidos com bandeiras e cartazes (de ataque à FPF) manifestaram o seu repúdio pela «injustiça» federativa, na presença de dirigentes do clube, representantes do União de Coimbra presidente da Associação de Futebol, de Aveiro (prof. José Leão), um representante da DGD do distrito de Aveiro presidente da CM da Feira (dr. Aurélio Pinheiro).

Nas intervenções na circunstância produzidas, o presidente da AF de Aveiro de Futebol de Aveiro apoiou-lo enquanto

Manuel Cunha e Ramiro Resende, dirigentes locais acen-tuariam respectivamente que o **que é excessivo não pode ser verdadeiro e é no campo que se vence ou perde, e não na secretaria**. O dr. Luís Resende (presidente da direcção do Feirense), por seu turno, verberou o procedimento de um trisse-manário desportivo de Lisboa, e dando a conhecer a posição do clube, assinalou: **qualquer que seja a decisão do Conselho Jurisdicional, o Feirense não se conformará, e irá onde for necessário**.

Os manifestantes, quase ininterruptamente, gritaram estribilhos como **Justiça, Justiça, Justiça e quer queiram, quer não, o Feirense é campeão**.

Natação veste de “azul-branco”

Nacionais de natação, em Vi-seu: 28 máximos portugueses e torrente de títulos (27) para o F.C. Porto, treinado pelo britânico Lord. Nas últimas jornadas, eis os recordistas:

200 m estilos (juniores): Liliãna Santos, Benfica, com 2.36,90. Seniores: António Botelho de Melo, CAC, com 2.18,60.

400 m livres (absoluto): Aida Leite, F.C. Porto, com 4.51,60. Juniores: Ana de Castro, F.C. Porto, 4.56,60.

4 x 100 m livres (juvenis femininos): Fluvial, 4.34,90. Juniores femininos: Académico de Coimbra, 4.33,50. Seniores masculinos: Algés, 3.52,50.

800 m livres (infantis): Cláudia Osório, F.C. Porto, com 10.05,80. Juniores: Liliãna Santos, Benfica, 10.18,00.

100 m costas (juvenis): Paula Santana Fluvial, com 1.15,60. Absoluto feminino e juniores: Teresa Faria, Académico, 1.13,40. Absoluto masculino e seniores: António Botelho de Melo, Académico, 1.02,30.

200 m mariposa (absoluto e juniores): Paulo Frischknecht, Algés, 2.15,90.



Atletismo em Alvalade, «Torneio de Escolas» do Sporting: 1200 garotos viveram ao ar livre a manhã de domingo

GOLFE

O golfista espanhol Manolo Ramos triunfou no «open» da Penina.

LUTA

Por actos de indisciplina verificados durante a disputa da 5.ª jornada do Campeonato Nacional de Esperanças — Equipas, realizada no pavilhão do Estádio da Luz, a Federação de Luta puniu os seguintes atletas: Mário Fernando Castro Pinheiro (do Grupo Desportivo de Runa) 21 dias de suspensão; Eduardo António Alves Sebastião Pereira (do Grupo Desportivo de Runa) 365 dias de suspensão; Estevão Teixeira da Cruz (do A. Tenau Comercial de Lisboa) 60 dias de suspensão; treinador e lutador do Grupo de Instrução Popular da Amoreira (Mário Gaspar da Conceição) 90 dias de suspensão.

são de toda a actividade. Entretanto, foi dado voto de louvor pela atitude disciplinadora, ao treinador do Grupo Desportivo de Runa (Vitor Madeira).

TÉNIS DE MESA

José Xavier (Casa Pia) e o Sporting (em formações) foram os grandes triunfadores do torneio «Jubileu Philips», em ténis de mesa. Êxitos por escalões: José Xavier, seniores; Rui Olivença, do Sporting, em juniores; José Viegas, Porto, em infantis; Anabela Grancho, Benfica, em senhoras; Anabela Fernandes, Casa Pia, em meninas; Eleutério Silva, Paço de Arcos, em veteranos.

TIRO

Armando Marques é campeão lisboeta de tiro, após bater toda a concorrência, tanto em «fossa olímpica» como em «skep».

"Taça" faz agulha para o Norte

Decididamente, o Norte assambarcou a «Taça»: dois anos a fio entrou no patamar do Boavista e, agora, neste ano cheio de alternantes para o futebol lá da zona, fica apenas à disposição de «team» de além-fronte.

Como já se esperava, o periclitante Sporting que nem sequer lograra fazer um tento nas malhas do Atlético, aprofundou a sua autêntica crise (física, anímica, potencial) afundando-se nas Antas por margem até escassa para a alta produtividade dos pupilos de Pedroto: 3-0 no «placard», que bem poderiam ser outros tantos golos nas malhas do deficiente Coñhé e da sua titubeante cortina defensiva.

O Gil Vicente colocou Barcelos nas meias-finais da corrida para o esguio troféu de prata: 2-0 nas balizas farenenses, obra de Paulo César a concretizar vencida superioridade do bloco de Frederico Passos frente aos algarvios de Fernando Mendes.

E, enquanto Braga e Famalicão ficam na expectativa do seu confronto (a 14 do corrente), a nota sensacional da rodada é assinada pelo Fafe que

é treinado por Manuel Barros, grupo onde pontifica o veterano «magriço» Manuel Duarte que, obrigando o Desportivo da Cuf a prolongamento, mostrou aí apuro táctico, certeza técnica, bem calibrado estofio físico. Venceu tangencialmente o duelo (tento por Alvaro) e salta, ineditamente, para o degrau mais alto do seu futebol clubista.

Porto, Gil Vicente, Fafe e Braga (ou Famalicão): o Sul ficou de rastos, esvaçando-se de uma das melhores hipóteses europeias.

Quatro técnicos portugueses na competição mais espectacular do calendário cá da casa. Na melhor das hipóteses, somente dois maiores ficam na peneira. Afinal, uma grande vitória para o futebol. O grito do Ipiranga soltado por Fafe e Gil Vicente, à beira de um rio caudaloso que encaminha todas as águas para o mar europeu.

ACORES

Com a participação das selecções das ilhas de S. Miguel e da Terceira, além das representações A. e B. da ilha do Faial, termina hoje o torneio açoriano de futebol, categoria

de juvenis. Este pequeno campeonato, cuja realização se deve à Associação de Futebol da cidade da Horta, teve início em 30 de Março último. Os jogos foram todos disputados no Estádio da Alagoa, Campo da Doca e na Madalena do Pico, contando todos com boa assistência.

ADIANTE

Não decorrer da temporada presente, a «Taça de Portugal» não voltará a interromper os «Nacionais» das I, II e III Divisões, o que equivale a dizer (ou escrever) que, quer as meias-finais, quer a final, serão efectuadas a meio da semana, mais exactamente nos dias 4 e 18 de Maio (4.ªs-feiras). Por conseguinte, as provas nacionais recomeçam sábado e domingo, com a realização das 24.ª (I Divisão) e 26.ª (II e III Divisões) jornadas.

Eis a ordem dos jogos na I.ª Divisão: Guimarães-Benfica; Portimonense-Belenenses; Leixões-Boavista, Beira-Mar-Setúbal; Montijo-Académico; F.C. Porto-Estoril; Atlético-Braga e Sporting-Varzim.

II.ª Divisão, Zona Norte: Gil Vicente-Famalicão; Lamas-Penafiel; Régua-Salgueiros; Vilavense-Espinho (sábado), Chaves-Paços de Ferreira; Tirsense-Vila Real, Paredes-Fafe e Riopele-Lousosa. Zona Centro: Sanjoanense-Alba; U. Tomar-Marinhense; U. Coimbra-Portalegrense, Peniche-Portalegrense; U. Santarém-Caldas, Estrela-Académico de Viseu; U. Leiria-Feirense e Covilha-Torres Novas. Zona Sul: Oihanense-Odivelas; Sintrense-Barreirense; Almada-Lusitano; Marítimo-Sesimbra; Basco da Gama-Alcochetense; Juventude-U. Montemor; Cuf-Farense e Oriental-Eperança de Lagos.

ATLÉTICO

Cinquenta e seis equipas populares, de futebol de salão, inscreveram-se no torneio do Atlético, que no próximo dia 16 começa a disputar-se no pavilhão gimnodesportivo da Tapadinha. As equipas serão divididas em 8 séries de 7 equipas, cujo sorteio terá lugar na próxima segunda-feira, pelas 21 horas e 30, na Tapadinha.

BELENENSES

Em jogo particular, o Belenense actua hoje em França, perante o Red Star. Na hora do embarque, para Paris, o moçambicano Alfredo faltou à chamada.

BOAVISTA

Está quase concluído o contrato que ligará, na próxima temporada, Fernando Caiado ao clube que o lançou na alta roda do chute: o Boavista.

BRAGA

O 1.º lugar do «Torneio de Braga» veio a pertencer ao Benfica que, na final, derrotou o Braga (1-0, golo de Nenê). Para o 3.º posto, êxito do Guimarães sobre os fracos franceses do Olympique de Marselha (3-1; Ferreira da Costa, Tito, Abreu e pelo francês Flores).

ESTORIL

Problema com o Estoril Praia: o treinador António Medeiros, que até fins de Fevereiro último deveria receber da colectividade a quantia de 75 contos, moveu um processo de indemnização aos estorilistas, por falta de pagamento do montante a que se julga com direito. O processo, encaminhado através do Sindicato dos Treinadores, é do valor de 400 contos.

EXEMPLO

Os jogadores holandeses que cometeram faltas sobre o adversário, nas costas do árbitro, podem ser castigados, com base no filme televisivo do encontro. Esta decisão foi anunciada pela Federação Holandesa de Futebol, ao rejeitar o recurso interposto pelo futebolista bri-

tânico Ray Clarke (do Sparta, de Roterdão) contra a suspensão por três jogos e multa de 250 florins (3400 escudos) que lhe foi imposta em Janeiro. Clarke foi penalizado pelo Comité Disciplinar da Federação, por agressão a um adversário, durante o encontro com o PSV de Eindhoven, em 23 de Janeiro.

O árbitro não viu o incidente e, no seu relatório sobre o encontro, baseado nas informações que lhe foram dadas pelo fiscal de linha, declarou apenas que Clarke obstruiu um adversário quando não disputava a bola. O Comité Disciplinar impôs a suspensão e a multa, depois de o incidente ter sido mostrado pela televisão holandesa. Na audiência realizada, aquelas penas foram mantidas, tendo sido rejeitados os argumentos do advogado de Clarke, de que os filmes da televisão não deviam ser usados como prova.

FAMALICÃO

Zézinho (Sporting) é pretendido pelo Famalicão.

FRAGUITO

Diagnóstico confirmado: Fraguito fracturou o menisco externo do joelho direito, no jogo das Antas. Está repouso já não volta ao trabalho activo.

INICIADOS

Montaigu (França) está a ver em acção um «onze» português de iniciados, que venceu a França (2-0) e empatou com a Roménia (0-0), perdendo com Israel (1-2). Esta tarde, confronta-se com a Alemanha, para o 3.º posto.

J.J.

Com um texto de apresentação por Fernando Vaz, acaba de ser editado mais um número da revista quinzenal «Idolos» (dirigida por Henrique Parreira) desta feita dedicada ao setubalense Jacinto João. Algumas opiniões sobre J.J. estão inseridas junto da sua biografia: textos do jornalista Manuel Mota, dos técnicos José Maria Pedroto, Otto Glória e José Augusto, mais uma apreciação do futebolista Malta da Silva.

JUNIORES

As turmas de juniores do F.C. Porto e do Vitória de Guimarães atingiram a final do torneio de Colomiers (França), depois de terem triunfado em todos os confrontos: Porto, 1-Geneve, 0; Guimarães, 1-Vichy, 0; Porto, 2-Saragoça, 0 e Guimarães, 1-Toulouse, 0. A representação alemã e dois jogadores do Saragoça foram expulsos da competição, por mau comportamento.

Entretanto, em Cannes (também em França), Portugal e Escócia actua hoje, para o 3.º lugar da prova. Os nossos rapazes tiveram o comportamento esperado: 2-2 perante a França, 3-1 à Checoslováquia e 2-1 ao México. O «goal-average» roubou a hipótese do posto cimeiro.

JUVENIS

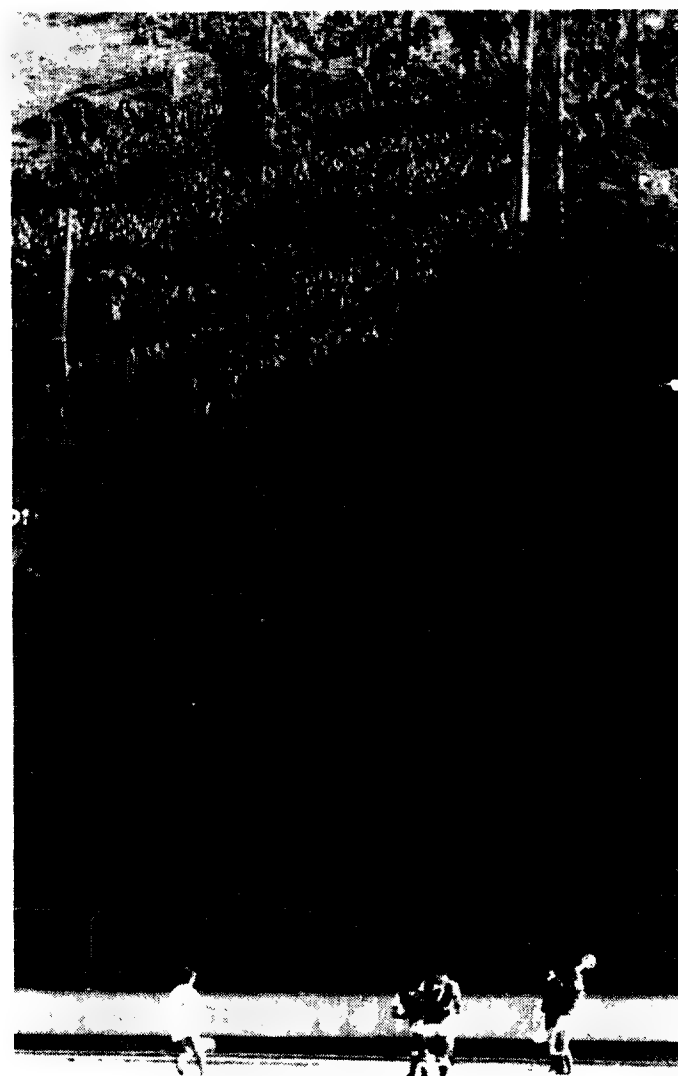
Na Suíça (Anemasse) os mocinhos cá da terra classificaram-se em 3.º lugar, num torneio onde se a teram o clube local (1-0) e o Moenchengladbach (2-0), quebrando no duelo com o Saint-Etienne (0-1).

PARTICULARES

Jogos particulares neste fim-de-semana: Setúbal, 1-Barreirense, 1; Oihanense, 1. Atlético, 1; Loures, 1-iniciados e juniores do Benfica, 0; Odivelas, 2-reserva do Atlético, 1.

RECORDAR

A organização comemorativa do jubileu do Campeonato do Mundo de Futebol de 66, enviou à Federação, através do seleccionador da Inglaterra naquela altura (Alf Ramsey) um convite para se deslocarem àquele país sete jogadores e



Prejuízo de 1500 contos, no «quadrangular» bracarense: até os sócios de Braga preferiram espreitar fora dos seus lugares



Artur: um caso. Conversações com o Braga, nas barbas de dirigentes benfiquistas (foi na própria concentração dos «encarnados»...) implicaram medida disciplinar: retrocesso para Lisboa, a toda a brida



Artur Agostinho: do Brasil até Braga, com a boca tapada

um seleccionador da selecção de Portugal que participou na fase final daquele campeonato. Será organizada, em Londres, uma «jornada de saudade», para a qual serão convidadas diversas selecções, que jogarão futebol de cinco.

A representação portuguesa parte no dia 3 de Julho para a capital britânica, regressando no dia 7 do mesmo mês. Ainda não são conhecidos nomes. As despesas de viagem e estadia, acrescidas de «uma pequena ajuda financeira», são cobertas pela organização co-

memorativa do jubileu do campeonato do mundo.

SALGUEIROS

Insolitamente, o extremo-esquerdo brasileiro Jairo pediu a rescisão do contrato que o ligava ao Salgueiros. Parece que, já contratado por outro clube para a próxima época, prefere ficar inactivo o resto da temporada a continuar em «Vidal Pinheiro».

SPORTING

Já há um nome na lista de futebolistas a dispensar pelo Sporting: trata-se do médio Val-

Continua na página seguinte



Manuel Duarte: um perigo latente

TOQUE DE CLASSE NAS ANTAS

Porto: o tubarão

Este 9 de Abril marcou mais uma batalha perdida pelo Sporting, na infeliz campanha-77, que mais parece tocada pelas bíblicas sete pragas egípcias. Carregados de electricidade, envoltos em chispas, os demónios das Antas, logo ao rodar do interruptor pulverizaram os anjos lisboetas. E, pelo tempo fora, desbarataram todas as hostes de Laranjeira, como se os excursionistas de Alvalade tivessem, de há uns tempos a esta parte, perdido toda a confiança nos próprios recursos, deitado às malvas a mais pequena das cobaiças, despido para a valeta a gala de um passado feito de mil vitórias.

Praticamente, a esgrima começou com uma floetada de Duda, a varar o peitinho contrário. Vinte segundos; cinco homens a tocarem com a bola no couro: Vítor Gomes fica sentado no chão, Laranjeira é tardio ao corte, Conhé dá meia palmada no ar e do alto do poste esquerdo desce a cabeça do brasileiro a rasgar as entranhas do leão. E, ao minuto 13, novo azar verde: Gomes amortece para Oliveira e este, livre como um passarinho, dispara da Praça da Liberdade e encosta a redondinha no Castelo do Queijo, enquanto Conhé, petrificado, continuava a olhar para o boneco. Estava encontrado o domador da fera, o Popov do circo. Um por cento de inspiração e 99 de transpiração, nessa infernal galopada valquiriana, fazia dobrar os sinos pelo Sporting.

FALHA

O Porto desde o silvo primeiro que apoiou a dinâmica em antecipação e velocidade. O Sporting (incrível tristeza, espantoso conformismo, inaudito baixar de braços) era passante em rede fina. E, sem a menor sombra de malícia, pois nem sequer era aproveitada a má condição física de Oliveira: recente acidente de viação flagelara-lhe uma clavícula. Pelo

verde-brancos viajados às Antas deixou de concordar que a cabeça de Ailton, dada na calma dos Cabrais perante uma defesa de bordão, bengalinha e óculos escuros, era lógico e normal corolário para a cilindrada portista, urdida maquiavelmente por José Maria Pedrito. Inacreditável que, estando o futebol britânico pelas ruas da amargura, clubes portugueses (e só...) teimassem em ir à Albion buscar mentores, desprezando a mão-de-obra local a troco do desfalece nos sonhos e nas realidades.

REPETIÇÃO

Cada jogador do Sporting barafustava com o parceiro, contra o colega, como se o apontasse à grande plateia em ar de acusado pelo desmoroçar do dique feito de areia solta. E, enquanto as incriminações, o sacudir de ombros, os murros na mão, o pé na relva em batuque reflectiam desnoite total e absoluto, o Porto continuava a dilacerar, com um requinte que só visto. De tal maneira que o keeper Conhé, como forasteiro de barrete na feira, soltava bolas facilísimas, das que seriam património de um junior mais calmo

NEVES DE SOUSA

quando o encaixa entre o hastado.

«ESQUEMA»

Manuel Fernandes (uma lástima), ainda teve a ideia de fazer uma bicicleta e tocar de costas para a rede: Torres estava de joelhos, esperando o sem remédio, mas a bola nem sequer deu confiança aos pés de Fernandes, pulando de um joelho para a barriga com tremenda falta de decoro. Então, já o Sporting (obra de Laranjeira e Baltasar) marcava melhor as zonas nevrálgicas do tape-te, estava mais à coca na saída da toca pelos «azuis». Tardamente, contudo: a passividade «esquemática» de Alvalade provavelmente só será atingida quando um raio rachar de alto a baixo o banco dos responsáveis.

A REPORTAGEM DO "DL" VIAJOU PELA CATUR

CONTEMPORIZAÇÃO

Um corte com as mãos (por Teixeira) fica, paulatinamente, com o árbitro Manuel Vicente a pensar no presunto lá de Vila Real, a léguas das Antas. O cartão amarelo saltava-lhe no bolso da camiseta, mas o juiz estava tão feliz da vida que nem dava pela pulga na costura. E veio a troca de Duda por Seninho, a mostrar que Pedro-

nha: a perder por 0-2 logo aos (13 minutos) qual seria o treinador digno desse nome que não teria imediatamente jogado tudo por tudo, numa frente ofensiva com todos os valores ao alcance?

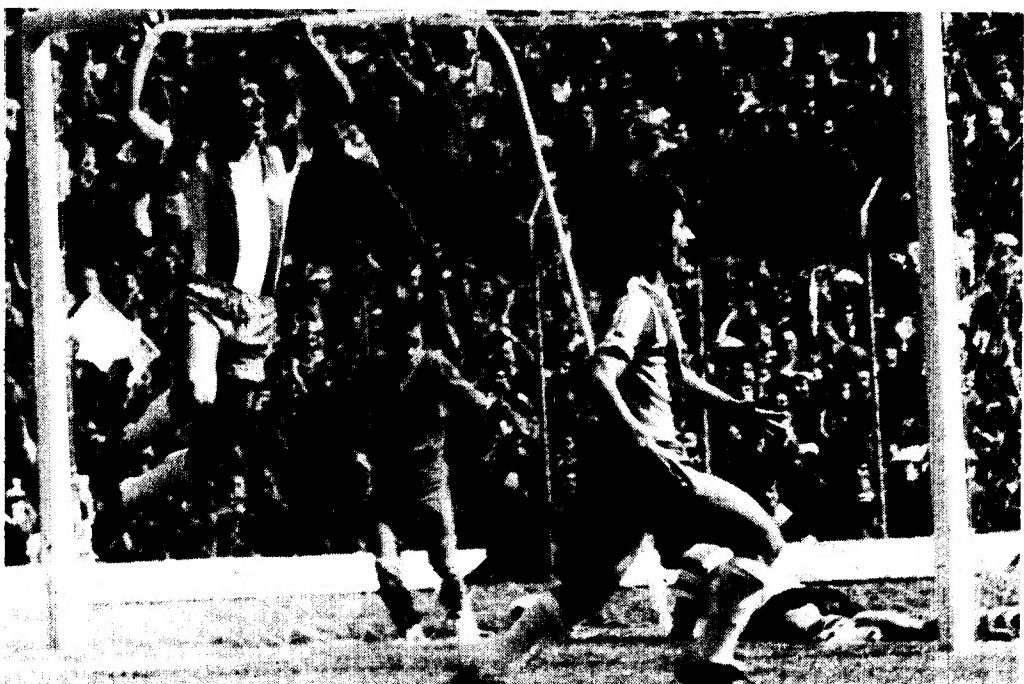
ADEUS

Há um corte de Simões, para «canto», quando Freire che-

gou, com a agressividade mas pouco tempo para mostrar as habilidades: Amândio vem junto do banco portista, pedir água fresquinha. Seninho obriga Conhé à defesa da tarde. Estava, contudo o pano a baixar. Um imenso lençol branco despidia o Sporting da «Taça», quando tudo se acabava ao pôr do Sol e, cabisbaixo, um sujeito de fato claro percorria como léguas os poucos metros que o separavam da fuga para o balneário, escapulindo-se de sobre o dedo baixo da multidão: Camilo e Marinho nem precisavam de tomar banho, enquanto alguns dos colegas necessitavam de amparo amigo para se arrastarem até ao duche.

O luxuoso Porto era uma centelha de mil cores, máquina de futebol para o público mais exigente do Mundo. Torres não falhara um lance, toda a defesa estivera sublime. Na média, Ailton imperara sobre o coriáceo Rodolfo ou o estilista

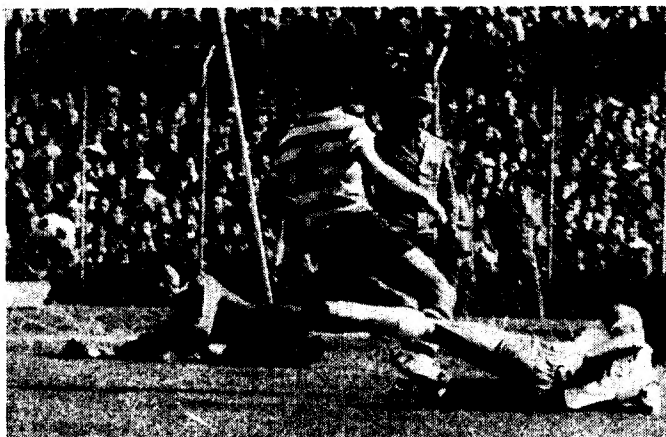
Octávio. Quanto a Oliveira, só e apenas o mesmo do costume: impecável, entre um Duda que tem golpes de víbora e um Gomes que é matreiro como matrona romana. O Sporting, pobre de si, voltava ao lar sem saber que fazer à vidinha, aos cálculos de belas viagens, de bons prémios, de estádios vergados. Fora-se abaixo das «canelas» em menos do riscar de um fósforo: e, como a força física era a única herança de passado recente, como o estado anímico também é igual ao da gazela sitiada, de nada mais se pode lamentar que da própria cabeça. Quem não tem cão, caça com gato. Agora, procurar uma perdiz com uma minhoca, nem nos Antipodas. Ou talvez só pela Inglaterra de há trinta anos, quando ainda se usava ajoelhar perante a «queen» ou beijar o chão da Abadia, logo depois de pisado pelos sapatos de fivelas de Sua Majestade, sereníssima como velhos súditos.



Primeiro gol: Gomes, Octávio e a alegria



Palavras para quê? É Oliveira, o melhor jogador português do momento. Manuel Fernandes nem vai lá...



De olhos fechados, como é que Conhé podia travar o 3.º gol?



Erro grande do árbitro Manuel Vicente: deixou um estranho (Yazalde) sentar-se no banco do Sporting

contrário: Amândio, que deveria ter sido escalado para o policiamento, tinha de estar mais atento às dobras a Mendes, porque o regressado «stopper» cedo se tornara campeão do pontapé para o ar.

OBSCURANTISMO

Verdade que Keita, num daqueles rasgos que definem um estilo e não uma tática global, obrigara Torres a travagem de emergência: Mas estava-se tão perto da gota de água que faria o 3-0 que nenhum dos

e mais senhor da confiança geral. Ao intervalo, qualquer comentário a este Sporting seria fazer cair chuva no molhado.

MAGNÍFICOS

Volto Inácio em lugar de Fraguito, que fora para as mãos do ótimo Manuel Marques com um joelho feito trambolho. Vítor Gomes passou o verdadeiro posto, na média. Porém, ante um Porto que era a imagem da serenidade, esbaravam esguias tentativas do Sporting, que se desfaziam em fumaça perante um quarteto defensivo que não deixava entrar pé estranho por aquelas bandas. Gabriel, a mil léguas do «sarrafeiro», que partiu uma perna a Jordão, está agora um imprescindível para a selecção: o melhor elogio que pode fazer-se a quem emendou a tempo nevrótico destrambelhamento. Teixeira e Simões dominavam toda a central, ainda lhes sobrando tempo para, ao lado do amigo Murça ou de Gabriel, irem além do meio-campo apoiar o excelente Ailton, a imagem viva de um lutador que só vai às táboas

to não gosta de repousar sobre louros mas, pelo contrário, carrega no acelerado sempre que o comparsa de palco só está ali para dar as deixas. Foi precisamente porque Seninho, asas nas botas, passava por Inácio como flecha, que o jovem de Alvalade se lembrou de alçar a perna. Então, sim: Manuel Vicente mostrou o amarelo, satisfazendo a multidão, e desconhecendo que deveria ter feito o mesmo para a falta técnica de Simões, sem se preocupar que qualquer leigo a julgasse incorrectamente. Foi pena: sem essa mácula (do temor pela audiência) Manuel Vicente regressaria a casa pela porta grande.

«TÁCTICA»

Com toda a gente a espreitar o relógio, os Clérigos debruçados sobre o casario, o peão a esvaziar-se dos que para ali estavam à sombra de uma benesse que os Deuses tinham criado para além da lotação oficial, Pedro não continuou a insistir no ataque: Ademir por Oliveira, enquanto no coreto contrário se tocava a mesma música, numa surdina

FUTEBOL EM EBULIÇÃO

Continuação da pag. anterior

ter, recentemente afastado do «16 mais actuale». Entretanto, é propósito dos dirigentes leoninos renovarem compromisso com Libânio, por três épocas: todavia, será de encarar a sua possível rodagem num clube que lhe facilite uma verdadeira mostra de qualidades. Ainda de Alvalade: os «verde-brancos» mantêm aiantadas negociações com um médio de ataque, dois dianteiros e um lateral que, por sinal, é irmão de outro «back» internacional... Provável, ainda, a vinda até Lisboa de um irmão de Keita, que conta apenas 20 anos de idade e, na opinião do mano, é um bom atirador ao gol.

SUB JUNIORES

Em Saint-Malo (ainda em França) os sub-juniões perderam com a Bulgária (1-3), barem Marrocos (2-0) e foram novamente ultrapassados (1-0, pela França). Hoje, defrontam

a Polónia, para atribuição do 5.º lugar.

TREINADORES

Amândio Nogueira, que ocupava o cargo de tesoureiro do Sindicato dos Treinadores, pediu a demissão do posto.

III DIVISÃO

A interrupção do Nacional da 3.ª Divisão, devido aos quartos de final da «Taça de Portugal», levou a que a FPF repusesse a «ordem», relativamente a alguns jogos em atraso naquele escalão. Assim, na Série A, o Mogadorense perdeu em casa (0-2) com o Mirandela, enquanto o Bragança, na mesma série, goleou (5-0) o Mondinense. Ainda naquele bloco (que está em «desordem») o Bairro Latino empatou, no seu campo (1-1) com «Os Limianos».

Classificação (após aqueles jogos): 1.º Rio Ave, com 39 pontos; 2.º Vianense, 35; 3.º Monção 34; 4.º Bragança 32;

5.º Aves, com 31; 6.º Tadin 30; 7.º Cabeceirense 25; e últimos, o Mogadorense e Bairro Latino, com 12 pontos. Maria da Fonte, Esposende, Forjães e Bairro Latino ainda têm um jogo a menos.

VIOLÊNCIA

Os adeptos do futebol italiano provocaram, em Milão e Génova, cenas de violência que, além de originarem estragos materiais, obrigaram o treinador do Lazio (Luis de Vinicio) e o massagista, a receberem tratamento hospitalar.

Na capital lombarda, o automóvel do presidente do Turim (Pianelli) foi assaltado por exaltados do Milão, descontentes com a derrota da sua equipa.

Em Génova, os «tifosi» do Génova e do Sampdoria, «reternos rivais», provocaram à saída do estádio incidentes de vulto, que só terminaram com a intervenção policial.

Manuel Vicente (de Vila Real) foi o árbitro, coadjuvado por Joaquim Fonseca e Carlos Teles.

Porto: Torres; Gabriel, Teixeira, Simões e Murça; Octávio, Rodolfo e Ailton; Oliveira (Ademir); Duda (Seninho) e Gomes.

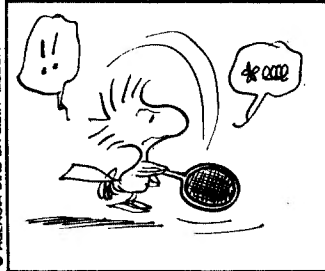
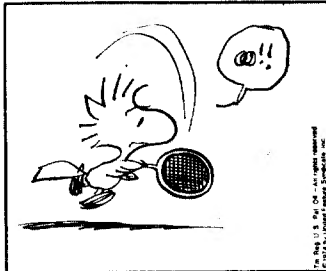
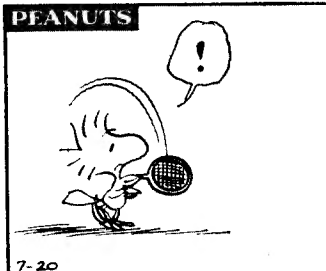
Sporting: Conhé; Vítor Gomes, Laranjeira, Mendes e Da Costa; Amândio; Fraguito (Inácio) e Baltasar; Manoel, Manuel Fernandes (Freire) e Keita.

Golos por Duda, Oliveira e Ailton. Cartão amarelo a Inácio.

"25 canções de Abril" no Porto

PORTO, 11 — O espectáculo "25 Canções de Abril", organizado pelo jornal «Avante!», repete-se no Coliseu do Porto nos dias 16 e 17 do corrente. Apresentado em Lisboa nos dias 18, 19 e 20 de Março, o espectáculo, que mereceu as melhores referências críticas da generalidade da imprensa portuguesa, contará com a pre-

sença de Adriano Correia de Oliveira, Carlos do Carmo, Carlos Mendes, coro dos Mineiros de Aljustrel, Edmundo Silva, Fernando Tordo, Fernanda Pisarra, José Barata Moura, José Jorge Letria, Júlia Babo, Luísa Basto, Manuel Freire, Manuel Pico, Nuno Gomes de Santos, Paulo de Carvalho e outros artistas.



PÁSCOA: MENOS ACIDENTES QUE EM 76

Dois mortos e 63 feridos

"Nó" do Carregado provocou engarrafamentos

Trinta acidentes, sessenta e três feridos (sete em estado grave) e dois mortos: eis o balanço, até ao princípio da madrugada, do movimento registado em todas as estradas do país nesta quadra da Páscoa, que comparado com o do ano anterior (76 acidentes, 25 mortos e 130 feridos) aponta para uma evolução (ou amor à vida) bastante positiva.

O acidente em que se registou maior número de feridos (27) ocorreu sábado, na estrada de Montemor-Evora, quando um autocarro dos Transportes Colectivos daquela cidade, conduzido por Francisco Correia, de 43 anos, residente em Évora, chocou frontalmente, por razões que ainda se ignoram, com um camião guiado por Helder Rodrigues, de 19 anos, solteiro, domiciliado em Moura. Dos 27 feridos houve dois que ficaram em estado grave (Diamantino da Conceição Rato, da Barraca de Pau, de 67 anos, e Aníbal Nunes, de 62 anos, da Rua Ramalho Ortigão, em Évora), que foram transferidos para o Hospital de S. José, em Lisboa. Bastante feridos, a exigir internamento no hospital da cidade, ficaram Rosária Santamita, Luís Espingardeiro e o motorista do camião.

Os dois acidentes mortais ocorreram perto de Bragança (sábado) e no cruzamento de Alcoeire, ontem à tarde. Segundo informação da Brigada de Trânsito da GNR esta manhã confirmada pelo «DL», na Hospital de Santa Maria, a vítima do desastre de Alcoeire é Maria Teresa Moreira, de 55 anos, residente na Avenida das Forças Armadas, 54, em Lisboa. No acidente verificado a quatro quilómetros de Bragança, anteontem, entre Vimioso e aquela cidade transmontana, morreu António Augusto Paredes, de 35 anos, domiciliado em Macedo de Cavaleiros (Lagoa) e técnico dos TLP em Lisboa. A esposa, que o acompanhava, sofreu apenas ferimentos superficiais.

Assinale-se ainda que os intervenientes do acidente de Alcoeire (a senhora falecida e o marido, José Alves Moreira, coronel do Exército) foram prontamente evacuados do local por um helicóptero da BT da GNR, e transportados ao Hospital de Vila Franca de Xira,

onde foram ministrados os primeiros socorros.

Entre Vila Franca de Xira e Benavente verificaram-se ainda mais três acidentes, de que resultaram seis feridos sem gravidade.

TRÂNSITO EM «ORDEM»

Ligeiramente inferior ao que é costume nesta quadra da Páscoa, o trânsito teve na forma como se disciplinou ao longo das estradas que dão acesso às principais cidades do país o seu ponto mais alto. Nesse aspecto, estão de parabéns os nossos automobilistas, cujo comportamento nos foi esta manhã realçado pela Brigada Trânsito da GNR.

Terá residido aí a razão da drástica redução do número de acidentes, que o ano passado provocaram 25 mortos e 130 feridos. Mas um outro aspecto terá também pesado no facto: a acção das brigadas de trânsito, que através da Rádio e das informações prestadas contribuíram decisivamente para a disciplina do movimento, sobretudo ao aconselharem muitos dos passageiros a optarem por esta ou aquela estrada em vez de outras que, principalmente ontem à noite, se encontravam congestionadas.

Foi no «nó» do Carregado que surgiram, ontem, os verdadeiros problemas com o engarrafamento de viaturas. A situação viria a agravar-se ao fim da tarde e noite, tendo a fila de automóveis então formada atingido cerca de 20 quilómetros de extensão. Pequenos congestionamentos se verificariam, também ao fim da tarde, nos acessos do Sul, onde se tornou necessário proceder ao desvio do trânsito de Setúbal por Azeitão e Sesimbra. O mesmo «quadro» se registaria dentro de Lisboa, dado o grande fluxo de trânsito na estrada marginal e na linha de Sintra, onde muitos milhares de automobilistas circularam até ao fim da noite. A situação, em qualquer dos casos, normaliza-se já por volta das 23 horas, facto a que não será alheio o menor número de viaturas, em comparação com o ano passado, em circulação. S não fossem as obras da auto-estra-

da de Vila Franca, segundo os responsáveis pela orientação do trânsito da GNR, seriam menos pronunciados os engarrafamentos verificados entre Porto Alto-Vila Franca de Xira e Santarém-Carregado, que vieram influir nos acessos a Lisboa na auto-estrada do Norte.

Esta manhã eram ainda muitas os automóveis que regressavam a Lisboa, após o fraco afluxo de ontem. As primeiras horas da madrugada tinham dado entrada na Portagem de Sacavém cerca de 21 mil viaturas, contra doze mil saídas, enquanto à mesma hora, pela Portagem da Ponte «25 de Abril», o «placard» indicava mais de 30 mil entradas e cerca de 21 mil saídas.

TEATRO Tel. 366745

ABC

Não acons. a menores de 18 anos

Hoje, 20.30 e 22.45 horas

Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas

Descanso às 4.ªs feiras

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

A NOVA E GRANDE REVISTA POPULAR DE LISBOA

EM ÁGUAS DE BACALHAU

com um super-elenco



FLORBELA

em «O Regresso da Pazadinha»

NICOLAU BREYNER OCTÁVIO DE MATOS

(actor convidado)

VERA MÓNICA

(atriz convidada)

SIMONE DE OLIVEIRA

NUNO EMANUEL

NINA FLORES

LIA SARA

VICTOR NORTE

ISABEL MOTA

ABC DANCER'S

Aviso: Devido à grande afluência de público e a empresa não podendo satisfazer todos, pede-se o favor de adquirirem antecipadamente os vossos bilhetes.

A Gerência

Ladrão de automóveis atingido a tiro

Alertada por uma mulher a quem um grupo de menores acabava de roubar a carteira pelo processo de esticção, a P. S. P. enviou um guarda para a zona por ela indicada na esperança de ainda conseguir encontrar o carro usado pelos ladrões, cuja matrícula a vítima conseguia fixar.

Pouco depois, o agente destacado viu a viatura estacionada numa artéria do Bairro dos Olivais junto de uma outra com toda a aparência de estar a ser assaltada por um grupo de

jovens. Ao aproximar-se, o agente foi detectado pelos jovens que se puseram em fuga tendo feito vários disparos, um dos quais atingiu o menor Leonel que se encontra internado no Hospital de Santa Maria.

Mais tarde foi identificado um dos furtivos, João Alberto, de 16 anos, sabendo-se que a P. S. P. já dispõe de elementos que lhe permitirão deter o terceiro componente do grupo. A mala roubada, porém, já fora esvaziada...

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento soprava fraco ou moderado dos quadrantes de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA Máxima 17,6°
ELVAS Mínima 3,0°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo. Vento fraco ou moderado predominando de Nordeste. Condições favoráveis à formação de geada nas regiões do interior, a norte do Tejo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 9°
COIMBRA 10°
PORTALEGRE 8°
LISBOA 10°
FARO 14°
FUNCHAL 15°
V. CASTELO 13°
BRAGANÇA 3°
VILA REAL 6°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

9.14 3,3 m 2.31 1,6 m
21.45 3,5 m 15.07 1,7 m

Dia 12

10.38 3,3 m 4.04 1,6 m
23.05 3,5 m 16.35 1,7 m

Dia 13

11.49 3,5 m 5.19 1,5 m
17.41 1,6 m

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.05
OCASO ÀS 20.10



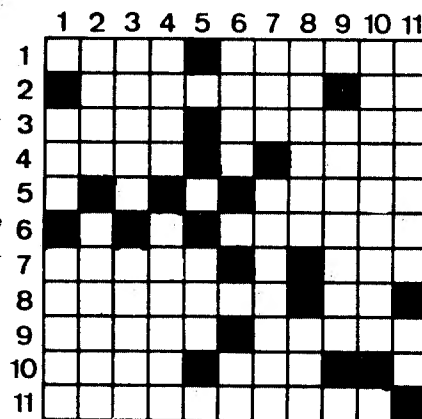
Dia 18 Dia 26 Dia 3 Dia 10

palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11715

HORIZONTAIS:

- 1 Quem. Oculta.
- 2 Furiosa. Erbio (s.q.).
- 3 Falha. Vomitar.
- 4 Içai. Basta.
- 5 Tempo do verbo ser. Cernários.
- 6 Município.
- 7 Leitos. Ofereces.
- 8 Achatar. Amónio (s.q.).
- 9 Possuirá. Birras (Gir.).
- 10 Pronome pessoal. Cidade russa da Transcaucásia, capital da República de Azerbaijão, no mar Cáspio.
- 11 Disfarçadas.



VERTICAIS:

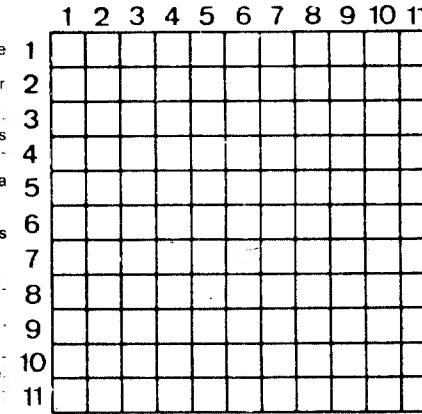
- 1 Bigorna de ourives. Pesquise.
- 2 Rio da Rússia. O mesmo que prato (T. da ilha das Flores).
- 3 Irmão de Moisés. Oportunidades.
- 4 Lugar. Morada.
- 5 Sua Santidade. Bário (s.q.).
- 6 Planta do pé. Prender.
- 7 Emprega. Coche adornado e rico. (ant.).
- 8 Sustenta. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris.
- 9 Alelhos.
- 10 A mais velha das Vestais. Fio de latão.
- 11 Devastas. Savo Erro.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7775

HORIZONTAIS:

- 1 Vestir com farda. Espécie de embarcação asiática.
- 2 Herdade delimitada por muros. Mantos.
- 3 Arbusto brasileiro que nasce nos terrenos alagados pelas cheias. Nome de mulher.
- 4 Pronome pessoal. Celebra em verso. Artigo definido.
- 5 Caluniar.
- 6 Milímetro. Cidade dos Países Baixos.
- 7 Grossa. Achaque. Lavrar.
- 8 Encoliz. Espera deferimento.
- 9 Escândalo (s.q.). Suplicar. Moderato.
- 10 Sensibilizar. Forma apocópica e proclítica de vale.
- 11 Osmio (s.q.). Grande distância (fig.).



VERTICAIS:

- 1 Banquete. Consumido.
- 2 Sulcais a terra. Crespos.
- 3 Grande quantidade. Samário (s.q.).
- 4 Tranquilizar.
- 5 Átomo. Actínio (s.q.). Agor.
- 6 Estrépite de desmoronamento. Sódio (s.q.). Deixar em testamento.
- 7 Sustenta. Mulher devida ajuda (Bras.).
- 8 Letra grega. Ópera de Verdi.
- 9 Misto anestésico de álcool, clorotórmo e éter. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Verso.
- 10 Limpam com água. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- 11 Pegas. Mete em rol.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11714

HORIZONTAIS

- 1 A. VERDADE. É.
- 2 Ois. Alotam.
- 3 Oil. Suamos.
- 4 Roa. S.M. Id.
- 5 Rasaria.
- 6 Cós.
- 7 Gramaria.
- 8 Orara. Açai.
- 9 Rabiscarias.
- 10 Ia. Orão.
- 11 Acamados. S/l.

VERTICAIS

- 1 Adorar. ORFã.
- 2 Aior. GRã.
- 3 Vilar. Habia.
- 4 Es. Ataniam.
- 5 SSS. Más.
- 6 Dauma. Cod.
- 7 Ata. Ror. Aro.
- 8 Domai. Iaras.
- 9 Elo. Acácio.
- 10 Asi. Aa.
- 11 Em. Dosi.

PROVERBIO A verdade é órfã

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7774

HORIZONTAIS

- 1 Barra. Geram.
- 2 Atou. Mané.
- 3 Noa. Gas. Sós.
- 4 Cl. Fias. Na.
- 5 Aarau. Ca. As.
- 6 Ruim. Abás.
- 7 Ao. Ra.
- 8 Opa. Saio.
- 9 Papa. Na. Oia.
- 10 Atoais. Lar.
- 11 SE. MIL. Rala.

VERTICAIS

- 1 Banca. Sopas.
- 2 Atolar. Pate.
- 3 Roa. Ru. Apó.
- 4 Ur. Faia. Arm.
- 5 Grumos. Ai.
- 6 Pai. Anil.
- 7 Sacarias.
- 8 Em. Sabão.
- 9 Ras. Solá.
- 10 Anonas. Tal.
- 11 Mesas. Seara.

farmácias de serviço

LISBOA

ALEGRIA — Est. de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511.
ANTUNES ROSAS — P.ª Cidade do Luso, lote 199. Tel. 313610.
ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74. Tel. 866360.
BASTOS ANDRADE — C.ª Santo André, 107-111. Tel. 860450.
BOTÂNICA — Rua Junqueira, 38-40. Tel. 638132.
CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C. Tel. 897958.
CASTRO — Av. Almirante Reis, 76-A. Tel. 821973.
CASTRO BENEDETO — Rua 4 de Infância, 28-A. Tel. 688857.
CONCEIÇÃO — C.ª D. Gastão, 30-32. Tel. 381279.
DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A. Tel. 843571.
FERNANDES — R. de S. José, 187. Tel. 326476.
FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22. Tel. 44995.
HIGIÊNICA — Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361.
IBÉRIA — Rua Barão de Sabrosa, 235-A. (a Alameda). Tel. 728277.
IMPERIAL — Av. Guerra Junqueiro, 30-B. Tel. 726860.
LISBOA — Rua Cláudio Nunes, 73-A. Tel. 703393.
MIRANDA — Campo Pequeno, 36-B-C. Tel. 770776.
MOURA — Trav. da Memória, 55. Tel. 630944.
OLIVEIRA — Rua da Prata, 240. Tel. 321415.
PAIVAS E PARENTE — Rua de Santo António, a Estrela, 96. Tel. 665196.
PATULEIA, H.ªs — Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332.
RUALTO, LDA — Rua Alto do Carvalhal, 5-A-B. Tel. 651721.
S. BENTO — Rua Poiais de S. Bento, 73. Tel. 601673.
S. JOÃO DE DEUS — Rua Pedro Mo, 1-A-B. Tel. 725140.
UNIVERSAL — R. Actor Tabor-da, 5-7. Tel. 44158.

Permanente

ALEGRIA — Est. de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511.
ANTUNES ROSAS — P.ª Cidade do Luso, lote 199. Tel. 313610.
FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22. Tel. 44995.
IBÉRIA — Rua Barão de Sabrosa, 235-A. (a Alameda). Tel. 728277.
IMPERIAL — Av. Guerra Junqueiro, 30-B. Tel. 726860.
MOURA — Trav. da Memória, 55. Tel. 630944.
OLIVEIRA — Rua da Prata, 240. Tel. 321415.
PAIVAS E PARENTE — Rua de Santo António, a Estrela, 96. Tel. 665196.
PATULEIA, H.ªs — Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332.

LINHA DE CASCAIS

ALGES — Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 2112048).
ALCABIDECE — Carvalho, Alé às 21 horas.
PORTO SALVO — Ferreira Bastos, Alé às 21 horas.
CAXIAS — Nova, R. Bernardim Ribeiro 1-A (T. 242839) Alé às 22 horas.
CARCAVELOS — Central, Alé às 24 e das 0 às 9 horas.
S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T. 260085) Alé às 21 horas.
PAÇO DE ARCOS — Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (T. 2430691). Alé às 24 e das 0 às 9 horas.
NOVA ODEIRA — Leal, Alé às 21 horas.
PAREDE — Macau, R. J. Plais Garcia, 60. C (T. 2471785) Alé às 2 e das 0 às 9 horas.
PAREDE — Junqueira Mendes, Alé às 21 horas.
AMOREIRA — Amoreira, (Tel. 262313/267314) Alé às 22 horas.
MONTE ESTORIL — Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391) Alé às 21 horas.
CASCAIS — Cascais, R. Conde Monte Real B das Caixas (T. 28240) Alé às 21 horas; Militaricordia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141) Alé às 24 horas e das 0 às 9.

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Amadora, P. 28 do Maio, 3-A (T. 935518), serviço permanente; Cláudio, R. António Sarginha, 23-D (T. 938551). Alé às 22 horas; Grassol, R. Plais Garcia, 17-C (T. 974161) Alé às 22 horas.
DAMAIA — Confiança, Est. Militar Lote D (T. 971121).
MERCES — Claro Russo.
QUELUZ — Queluz, Av. Miguel Gombarda, 123-A (T. 951841).
CACÉM — Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D.
MEM MARTINS — Quilma, Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
RIO DE MOURA — Rimomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194).

SINTRA

Marrazes, Estefânia (T. 2930058).
COLARES — Abreja, (T. 299088).
OUTRA BANDA
ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 178-B (T. 2040302).
BARREIRO — Moderna, R. D. Henrique Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443).
ALMADA — Magalhães, R. Capitão Leal, 8-B (T. 2750242).
COVA DA PIEDADE — Garcia Reis, R. dr. Alberto de Araújo 19-A.
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029).
MONTJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 223028).
SETUBAL — Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (T. 22408) Portugal, R. Camilo Castelo Branco (T. 23211).
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja 51 (T. 2218580).
PORTO
VILARINHA — Rua da Vilarinha, 161 — Tel. 682014.
GUERRA — Rua de Costa Cabral, 43. Tel. 52444.
LEMOES E FILHO — Praça Carlos Alberto, 31. Tel. 21309.
LIGA ASS. SOC. MÚTUOS — Rua do Bonjardim, 286. Tel. 21711.
CASTRO CARNEIRO — Rua do Padre Cruz, 146. Tel. 62092.
HENRIQUES — Praça da Batalha, 64-A. Tel. 25173.
SERPA PINTO — Rua de Serpa Pinto, 645. Tel. 488697.

(De dia e toda a noite)

MORENO — Largo de S. Domingos, 44. Tel. 23545.
BONFIM — Rua do Bonfim, 73. Tel. 52444.
GUIMARÃES — Rua de Francos, 37. Tel. 60103.
VASQUES — Rua das Condominhas, 794. Tel. 62027.
COIMBRA
LUCIANO E MATOS — Rua de Sofia, 7. Tel. 22141.

cinemas

ALVALADE

Tel. 897480
 Sessões às 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 2.ª Semana
 Magia, sonho, beleza e Alegria!
 Walt Disney apresenta
A ESPADA ERA A LEI
 Para todos
 Falado em Português

APOLO 70

Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15
 N. Acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
 6.ª semana
 um filme de Stanley Kubrick
 Hoje às 0.30 (Grupo M-18 anos)
SOU EU O CULPADO?

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15
 Para todos (M/6 anos)
 uma comédia com Jean Lefebvre e Pierre Mondy
O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA
 3.ª semana

BERNA

Tel. 776098 15.00, 18.00 e 21.15
 Um espectáculo de rara distinção!
A HISTÓRIA DE CINDERELA
 3.ª Semana
 com Richard Chamberlain, Gemma Craven
 Para todos
 Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093
 Sessões às 14, 16.30 19 e 21.15
 2.ª semana
A ESPADA ERA A LEI
 Magia, Sonho, Beleza, Alegria
 Para todos

radio

2.º Programa

16.00: Intercâmbio musical: A Juventude Polaca Canta — um programa em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Polaca. Obras de: Edward Piatasz, Irena Pfeiffer, Zbigniew Ciurba, Stanislaw Moniuszko, Piotr Mszunski e Jan Kronz; **16.40:** O pianista Artur Schnabel interpreta obras de Chopin: dois nocturnos, op. 55 e Sonata n.º 3, em Mi menor op. 58; **17.20:** Obras de Bach: Sonata, em Ré Maior p/ Violão de gamba e Cravo, Concerto Brandeburguês n.º 1, em Fá Maior, BWV 1046; **18.00:** As sinfonias de Beethoven: Sinfonia n.º 6, em Fá Maior, op. 68 «Pastoral»; **18.45:** Música do século XX, conjuntos de câmara: Trio op. 20, de Anton Webern, «Entr'acte», de Jacques Ibert, Tendenza op. 14, de Robert Wittinger; **19.10:** «Vida e Amor de uma Mulher», ciclo de canções Op. 42, de Schumann; **19.35:** «Sinfonia em três andamentos», de Stravinsky; **20.00:** Ciclo Mozart: Divertimento, em mi bemol Maior K. 252, p/solista de sopro de Londres. — Quatro canções, pelo soprano Teresa Stich-Randall. — Sinfonia Concertante K. 364; **21.00:** O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00:** Solos de órgão: — Canção Ariosa, de Andréa Gabrieli, — Toccata n.º 37, em Mi menor, de Carlos Seixas. — Peça Heróica, de César Franck; **22.20:** Música Sinfónica: Poema sinfónico n.º 3 «Os Prelúdios», de Liszt. — Suite «Háry János» de Solti Kodaly; **23.00:** As sonatas de Beethoven — sonata n.º 8, em Dó menor, op. 13 «Patética»; **23.20:** Intercâmbio musical: Programa da Rádio da Filarmónica da Radiodifusão Holandesa. — Suite sinfónica «Tenente Kijé», op. 60, de Prokofiev; **23.45:** Ópera: «La Serva Padrona», ópera em um canto de Pergolesi; **00.30:** Intercâmbio musical, semana internacional de órgão em Nuremberga 1976 — gravações cedidas pela Rádio da Baviera; Parte de um recital de órgãos por Heinz Wunderlich. — Fantasia e Fuga em sol menor, BWV 542, de Bach — Prelúdio e Fuga sobre o nome Bach, de Liszt; **01.00:** Fecho.

3.º Programa (187.5 m)

18.00: «Entardecer»; **18.15:** Sal e pimenta (replicação); **19.30:** Romance de uma cidade (replicação); **20.15:** Você concorda; **21.00:** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estéreo

19.00: «Em Órbita»; **20.00:** Programa da noite; **22.00:** «Audatório»; **24.00:** «Prisma»; **02.00:** Fecho.

CASINO ESTORIL

Tel. 264521 17 e 21.15
 Grupo B (M/10 anos)
A GRANDE VALSA

CASTIL

Tel. 630194 15.15, 18.15, 21.15
 Burt Lancaster em
MOISÉS, O PROFETA
 O grande filme da Páscoa com Ingrid Thulin/Irene Papas
 Não acons. a menores de 13 anos

CONDES

(Para todos)
 Louis de Funès
PEITO OU A PERNA
 2.ª semana

EDEN

Tel. 320768 14, 16.30, 19.00 e 21.15
 Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
TUBARÃO (JAWS)
 2.ª Semana
 Um filme de Steven Spielberg
 Não acons. a men. de 13 anos
 Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.00, 17.00 19.00 e 21.15
 Sisse Reingaard/Ole Busck
DIÁRIO DE UMA ADOLESCENTE
 2.ª Semana

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45 19, e 21.15
 Não acons. a M/ 13 anos
A MARQUESA D'O

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15
 Para todos
 Ele a está.
 Louis de Funès em
O PEITO OU A PERNA
 O grande espectáculo nas férias

LONDRES

Tel. 801313 14, 15, 16.30, 19 e 21.15
 Não acons. a men. de 18 anos
O INTRUSO
 5.ª semana
 c/ Laura Antonelli
 4.ª semana
 um filme de Luchino Visconti

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.15, 21.30
 5 «Oscars» da Academia Britânica
BUGSY MALONE

NIMAS

Tel. 574362 14.15, 16.30 18.45 e 21.15
 Não acons. men. 13 anos
 Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
 o filme de Bruno Vailati

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
 Colorido
 2.ª Semana
FLESH GORDON
 Uma aventura fantástica num plano erótico

PATHE

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 Int. a men. 18 anos
 3.ª Semana
SPERMULA A VAMPIRA DE HOMENS
 c/ Jaylle Maddon

POLITEAMA

Tel. 326305 15.00, 18.15, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
MOISÉS O PROFETA
 c/Burt Lancaster

RESTELO

Tel. 610375 As 21.15
 Não acons. men. 18 anos
LUCK E LADY
 em 6.ª Semana

ROMA

Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15
 Para todos (M/6 anos)
 Uma comédia com Jean Lefebvre e Pierre Mondy
O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA
 3.ª Semana

ROXY

Tel. 48560 14.15, 17.45, 21.15
 Da Índia uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
 Um filme de Nasir Hosain
 3.ª Semana
 Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153/4 15.15, 18.15, 21.15
 5 «Oscars» da Academia Britânica!
BUGSY MALONE
 Música de Paul William
 2.ª Semana
 Não acons. men. 13 anos

STADIUM (Algés)

Tel. 2112544 18.00 e 21.30
 Não acons. men. 18 anos
ROLLERBALL
 Norman Jerwison, James Caan, John Howard

TIVOLI

Tel. 570595 14.00, 17.45 e 21.45
 3.ª semana
 Não acons. a men. de 13 anos
BEN-HUR
 c/ Charlton Heston-Jack Hawkins, Haya Hararell
 3.ª Semana
 Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

UNIVERSAL

Tel. 774402
 As 15, 18 e 21 h.
«1900» (2.ª parte)
 Um filme de Bernardo Bertolucci
 Não acons. m/ 18 anos

«1900» (2.ª parte)

Sexta e sábado às 24 h.

D. JOÃO V

Tel. 971794 As 21.15
 Não acons. men 13 anos
O ÚNICO HOMEM COM TODOS

OUTROS ESPECTÁCULOS

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
 21.30 (18 anos)
 «Calcinhas Amarelas»
VARIEDADES
 21.30 (13 anos)
 «Isto é que me dói»
ADÓQUE
 20.30, 22.30 (18 anos)
 «A Paródia»
A.B.C.
 20.30, 22.45 (18 anos)
 «Em Águas de Bacalhau»

TEATRO BAIRRO ALTO OS CÔMICOS
 21.30 (18 anos)
 «Magic Afternoon»

LISBOA/Cinemas

CINE-AUDITÓRIO
 21.15 (14 anos)
 «O Juiz (Roy Bean)»
VOX
 21.15 (13 anos)
 «Moisés, o Profeta»
SATELITE
 21.15 (18 anos)
 «Morte em Veneza»
MONUMENTAL
 21.15 (13 anos)
 «O Sexto Continente»
PARIS
 21.15 (13 anos)
 «Quo Vadis»

EUROPA
 21.15 (13 anos)
 «20000 Léguas submarinas»

JARDIM
 21.15 (18 anos)
 «A Estalagem do Prazer»

LUMIAR
 21.15 (13 anos)
 «As Rivalis»

CAPITOLIO
 21.15 (18 anos)
 «Laços Escaldantes»

OLÍMPIA
 Sessões permanentes (18 a.)
 «Western Porno»

PROMOTORA
 21.15 (18 anos)
 «Ambição Fatal»

CALEIDOSCÓPIO
 21.15 (6 anos)
 «A Espada Era a Lei»

CINEARTE
 21.00 (18 anos)
 «Muro de Separação»

RESTELO
 21.15 (18 anos)
 «Luck y Lady»

RPYAL
 21.15 (18 anos)
 «Mili»

CINEBOLSO
 21.30 (18 anos)
 «Caçador de Escândalos»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
 Recreios Desportivos
 21.15 (18 anos)
 «Senhoras e Cavalheiros»

AMADORA
 Lido
 21.15 (13 anos)
 «Irmão contra Irmão»

AMADORA
 Cinestúdio
 21.30 (13 anos)
 «Sexto Continente»

SINTRA
 Carlos Manuel
 21.15 (18 anos)
 «Os Padrinhos de Hong-Kong»

OUTRA BANDA

ALMADA
 Academia
 21.15 (13 anos)
 «Ela tinha o Direito de Viver»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
 21.30 (13 anos)
 «Os Preços»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
 21.15 (13 anos)
 «Africa-Express»

ESTÚDIO
 21.15 (18 anos)
 «Lucky Luciano»

PASSOS MANUEL
 21.30 (18 anos)
 «Os Mistérios do Organismo»

SALA BEBÉ
 21.15 (18 anos)
 «Casy Rider»

ESTÚDIO FOCO
 21.15 (13 anos)
 «O Último Beijo»

VALE FORMOSO
 21.15 (13 anos)
 «Homens e Tubarões»

BATALHA
 21.15 (13 anos)
 «Moisés o Profeta»

OLÍMPIA
 21.15 (18 anos)
 Lições Privadas»

ESTÚDIO 400
 21.15 (13 anos)
 «Cesar e Rosalie»

COLISEU
 21.15 (13 anos)
 «Sofrimento de amor»

CARLOS ALBERTO
 21.15 (13 anos)
 «O Último Beijo»

ÁGUIA DE OURO
 21.15 (13 anos)
 «Tubarão»

S. JOÃO
 21.00 (13 anos)
 «Zorro»

SÁ DA BANDEIRA
 21.30 (18 anos)
 «A Iniciação de Flossie»

JÚLIO DINIS
 21.15 (18 anos)
 «Um Corpo no Terraço»

TRINDADE
 21.30 (18 anos)
 «Voando Sobre um Ninho de Cúcos»

COIMBRA

CINESTÚDIO
 17, 19.30, 21.30 (13 anos)
 «



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
 RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
 TEL. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TEL. 321154/5, 320271/2/3
 RUA DA ROSA, 75
 END. TEL. DÍBIA TEL. 12363
 LISBOA PORTUGAL

Otelo entregou defesa no C.S.D.

Otelo entregou ontem no Conselho Superior de Disciplina a defesa das acusações de que é alvo, em processo a correr por aquela instância militar.

Segundo conseguimos apurar — outros oficiais do Exército fizeram o mesmo. São eles os capitães Lameirinhas, Miranda e Cabral e Silva e os maiores Tomé Cuco Rosa e Sardinha Dias.

Recorde-se que 32 oficiais foram enviados ao Conselho Superior de Disciplina por presenças infracções disciplinares cometidas no período que de-

correu entre o 25 de Abril e o 25 de Novembro, nomeadamente pelas citadas no «Relatório das Sevilias».

A legislação que prevê os Conselhos Superiores de Disciplina consta do R.D.M., cuja nova versão entrou ontem em vigor, depois de ter sido, segundo o Conselho da Revolução, «harmonizada com a Constituição». No entanto, parece que o diploma não contém diferenças fundamentais em relação ao anterior Regulamento, que datava de 1929.

Passe bimodal

para viagens Alcochete-Lisboa

«É criado um passe social bimodal, mensal, para a Rodoviária Nacional e a Transtejo, a título experimental, válido entre Alcochete e Lisboa, via Montijo, para um número limitado de viagens, no valor de 600 escudos — determina uma portaria (n.º 196/77) inserta no «Diário da República». Para os estudantes o valor do passe é de 430 escudos. É também criado pelo referido diploma um bilhete de correspondência

rodoviária entre Alcochete e Lisboa, via Montijo, no valor de 20 escudos. As justificações destas medidas, constantes do preâmbulo da portaria, sublinham a necessidade de as populações da região de Alcochete não deverem ser prejudicadas materialmente com a decisão tomada pela Transtejo de retirar provisoriamente o único barco que se encontrava ao serviço na carreira de Alcochete.

Petardo desactivado em Campo de Ourique

A Brigada de Minas e Armadilhas da PSP, após alertada por um popular, desactivou, pelas 4,20 horas da madrugada de hoje, na Rua Sampaio Bruno (Campo de Ourique) um petardo que se encontrava sob um automóvel com matrícula GA-75-13 estacionado naquela artéria.

O petardo, uma caixa de plástico de embalagem de gase continha no seu interior, para além de um frasco de pólvora preta laminada, balas completas de calibre 7,65 e 9 mm, alguns projecteis de ambos os calibres, gase embebida em álcool e cordão lento para provocar a explosão.

Embora de fraca potência, o engenho, com a inclusão de projecteis, tornava-se especialmente perigoso para as pessoas que se encontrassem nas

imediações quando de sua deflagração, o que não se registou em virtude de uma deficiência técnica na montagem do petardo.

Ignora-se a possibilidade de haver relação entre a viatura e a bomba, não tendo, até ao momento, a PSP revelado a identidade do proprietário do veículo.

Mota Freitas continua em liberdade

Continuam sem ser presos os implicados na rede bombista, contra os quais existem mandados de captura emitidos pela P. J. M.

A par dos que se encontram a monte, o major Mota Freitas está apresentado no comando-geral da P. S. P., ou seja em liberdade, sem que se saiba o que aconteceu ao seu mandado de captura.

Das instâncias oficiais responsáveis não há comentários nem explicações para esta situação.

Em Valongo: cem novas habitações

VALONGO, 11 — A construção de cerca de cem habitações, a erigir no centro da vila de Valongo junto à praça de táxis, foi adjudicada pela câmara a uma empresa de Lisboa que deverá iniciar as obras já no próximo mês.

Homilias da Páscoa deram lugar a afirmações de carácter político

As cerimónias litúrgicas da Semana Santa culminaram ontem na Sé de Lisboa com a celebração da missa do solene pontifical pelo cardeal D. António Ribeiro. O mesmo, numa homília, viria a abordar temas relacionados com o ateísmo contemporâneo, afirmando nomeadamente:

«... Concluem que Deus morreu e proclamam-se ateus. Mesmo em Portugal, vão sendo numerosos os que dizem professar o ateísmo e alguns até se vangloriam disso. Não sei quais as motivações de semelhantes atitudes. Se correspondem a imperativos de uma consciência honesta, ainda que não suficientemente formada, merecem o nosso respeito.»

Prosseguindo, o cardeal-patriarca afirmou a dada passo: «Não podemos, contudo, deixar de nos interrogar sobre as razões do fenómeno. Algumas dependem certamente do comportamento dos próprios cristãos, os de hoje e os de ontem. (...) Mas esta não é, de certo, ao menos entre nós, a razão única e exclusiva. Outras há, à vista de todos, como por exemplo um certo oportunismo calculista, que vai passando de moda, e também a propaganda organizada do materialismo histórico e dialéctico, incompatível com a fé cristã, desde a raiz. Nem, sob este aspecto, haja ilusões. Aqui faço minhas as palavras de um alto prelado alemão, que recentemente escreveu: 'Tem-se procurado defender a tese de que o ateísmo de Marx seria um factor ligado ao tempo, proveniente da crítica

ca à religião e à Igreja, que não fora capaz de encontrar remédio para a miséria social. Esta tese é falsa. O ateísmo é imanente ao marxismo e, até hoje, determina também a praxis da hostilidade à religião e à Igreja em todos os Estados comunistas. E não nos podemos permitir deixar-nos levar pelo pensamento enganador de que, se de alguma maneira se pudesse excluir o ateísmo, permaneceria um certo comunismo purificado dos erros filosóficos' (J. Hoffner).»

Defendendo-se de estar a professar um «anticomunismo primário» D. António Ribeiro, salientou: «E só não aceito o adjectivo, como não aceito qualquer acto violento contra alguma pessoa, tenha ela as ideias que tiver.»

Depois de considerar que «a grande questão continua a ser a questão de Deus, de onde nasce o problema do homem e o problema do mundo», o cardeal-patriarca de Lisboa observou: «O erro fundamental do comunismo está em negar o Deus Criador e Redentor, para o substituir pelo ídolo da autocriação e da auto-redenção do homem.»

HOMÍLIA DO BISPO DO PORTO

Também, no Porto, o bispo daquela cidade, D. António Ferreira Gomes fez uma homília caracterizada por um cunho acentuadamente político. Após ter proclamado que «a sociedade sem classes é um ideal e uma utopia» o bispo do Porto referindo-se à «legalidade revolucionária», afirmou: «Invo-

car a legalidade revolucionária num País que se dotou de uma Constituição e de todos os órgãos legítimos da soberania constitucional, que pode isso significar senão o chamamento à barbarização, pela recusa das aquisições da civilização? Proclamar a luta pela luta, pregar a cruzada de sempre novas conquistas, fazer da luta de classes um dogma intangível, um ideal e uma nova religião, não será qualquer coisa como o absurdo do moto continuo, que a nada pode levar que não seja o imobilismo em paralisia agitante ou, na alternativa, à catástrofe de novo classismo ditatorial e totalitário?»

MENSAGEM DO PAPA

Na presença de mais de cem mil pessoas Paulo VI declarou ontem na sua mensagem pascal que «quem tiver morrido em Cristo, em Cristo ressuscitará. A morte temporal não é o fim inexorável da nossa existência, é como que o sono que procede um novo dia sem oca-so». O Papa, que parecia em melhor estado de saúde que na semana passada, dirigindo-se à juventude, proclamou a sua esperança numa transformação optimista «do nosso modo de conceber a vida». Nesse sentido, Paulo VI, acrescentaria: «A vida será bela se for nova, será nova se for boa, se for sápiante e se for forte numa palavra, se for cristã!»

Na primeira fila da assistência encontravam-se várias individualidades políticas italianas entre as quais, o primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti.

Intervenção do Estado na URBACO

Continuação da pág. 1

tudo a crédito, mas em termos difíctes.»

«A Banca», prossegue a carta aberta ao ministro, «que não sofria de ingenuidade, emprestava com garantias hipotecárias. Tudo ficava hipotecado: terrenos e as próprias edificações futuras.»

«Por isso, julgando que estavam irreversivelmente a comprar a sua casa, adiantavam sinais, que em muitos casos, atingem a quase totalidade do preço estipulado. Simplesmente, a aquisição não estava ainda em rigor feita: faltava a escritura definitiva.»

Postos frente a esta situação, reflectem os promotores-compradores: «Se a Urbaco falir, da mesma maneira que se falírem as outras imobiliárias, o resultado é este: o Estado e a Banca cobram os seus créditos, recorrendo designadamente às garantias hipotecárias; os trabalhadores, se ainda houver dinheiro na massa falida, recebem as indemnizações; os promotores-compradores, esses, ficam sem as casas e concorrem com os restantes credores comuns ao que restar da massa falida.»

Na óptica dos promotores-compradores não está em questão que a empresa reverta para este e ou para aquele. O que está em causa é a sua sobrevivência para que possa resolver os compromissos adquiridos.

A Urbaco constitui uma sociedade por quotas com mil contos de capital e 340 mil de passivo exigível. O seu antigo sócio maioritário Leon Kaç, tinha, por seu lado, uma dívida à sociedade da ordem dos 48 mil contos. No inquérito reali-

zado à empresa apuraram-se irregularidades, a que faz referência a nota oficiosa do M. H. U. C. de Fevereiro de 1976.

Com a morte de Leon Kaç a sua quota passou para os netos menores, pertencendo a administração da posição social ao pai destas, Charles Féron que a título próprio possui também uma quota de cinco mil escudos.

A restituição da empresa aos sócios significa na prática entregá-la a Charles Féron a quem uma nota oficiosa do Ministério da Habitação (Fevereiro de 1976) acusa de «resultados nulos ou nefastos» na administração da Urbaco.

A VIABILIDADE DA EMPRESA

Uma análise feita pela Comissão de Gestão da Urbaco aponta três condições para a viabilidade da empresa: devolução de um terreno pertença do Ministério das Obras Públicas que tinha sido entregue pela Urbaco em 1970 por motivo não suficientemente esclarecido; regime especial de juros hipotecários — previsto aliás no decreto regulamentar 24/77; dispor a empresa de uma administração competente nos aspectos técnicos e financeiro e um corpo administrativo pouco dispendioso.

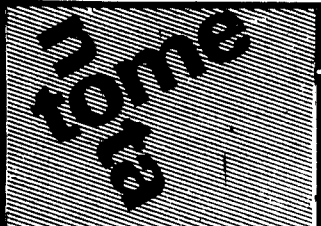
Quanto à situação económica da empresa já em Abril de 1975, ainda antes da intervenção do Governo, era evidente a incapacidade da administração sair pelos seus próprios meios da crise em que se encontrava. Esta opinião vem expressa no relatório do delegado do Governo elaborado em meados de 1975. Neste momento a situação em No-

vo Carnaxide é a seguinte: total dos fogos da Urbaco, 667 (ou seja, 37 lotes); vendidos definitivamente, 247; com contratos de promessa de compra e venda, 300; livres, 120. No aspecto financeiro (num plano até 1978) prevê-se um saldo negativo final de 140 942 474 escudos. Quanto a Oeiras (Quinta do Marquês) estão planeados 529 fogos, correspondentes a 28 lotes; 82 já com contratos de promessa de compra e venda, no valor de 76 mil contos, estando já recebidos 21 500; estão em construção 100, indo o seu custo de acabamento até 60 mil contos. Poder-se-á supor perante os números apresentados que o total dos 28 lotes de Oeiras venha a dar um lucro final da ordem dos 85 mil contos, que é, mesmo assim, insuficiente para saldar o resultado do Novo Carnaxide.

Perante estes factos, qual a saída? Segundo a exposição dos promitentes-compradores, ela passa pela devolução à Urbaco de um terreno em Oeiras com a área de 42 mil metros quadrados, que em 1970, o administrador Kaç teria entregue ao M. O. P. como compensação de mais-valias, segundo se supõe.

Segundo os promitentes-compradores três hipóteses se levantam para a resolução do problema da Urbaco. Quanto a eles defendem a criação de uma empresa de economia mista.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233
(Hoje 20 páginas)



EM VERSO

Proliferam os textos fascistas, neofascistas, provocatórios e caluniosos para a democracia, o 25 de Abril, etc. Em jornais, jornalecos ou simples folhas volantes. Mas também os há em verso.

Chegou-nos à mão um exemplar da versalhada ridiculamente heródica dum tal Vasco da Silva, que é director do «Jornal da Amadora», mas dedica a obra de pé quebrado aos seus «queridos colegas da Mocár».

A certa altura da versalhada, o tal Vasco, sem «li-mar» as intenções, diz que os soldados de hoje «vendem a honra/pisam a própria bandeira/símbolo da Pátria sagrada/São cobardes que traíram/o grande Império que fomos/nas cinco partes do Mundo/Este País moribundo/agoniza sem perdão/porque homens sem coração/a História repudiou.» E por aí fora.

O autor fala em nome de D. Nuno Pereira. É uma voz do túmulo. Mas em verso!

QUAL O MOTIVO?

A RTP esteve presente na conferência de imprensa dada no Porto, no último domingo, pela Comissão Nacional da Juventude Socialista, onde foi especialmente denunciada a situação no Liceu de Ponta Delgada pelo facto de o Governo Regional dos Açores não cumprir o despacho do M. E. J. C. que mandava suspender o «conhecido dirigente da organização fascista e separatista F. L. A., José de Almeida» professor naquele Liceu. A J. S. afirmou ainda na mesma altura que «não existem condições democráticas em muitas escolas, onde o fascismo recrudescer». Dessa conferência de imprensa e dessa denúncia a RTP não deu, até hoje, qualquer notícia.

Tentaram assaltar a dona Urraca

PORTO, 11 — Cerca das 2 e 30 da madrugada finda, foram presos pela P. S. P. dois indivíduos que tentaram entrar pelo telhado na «Boite» D. Urraca, na Rua Padre Luís Cabral, à Foz do Douro. Conduzidos à esquadra da área foram identificados: Artur José Guedes da Silva, de 28 anos, solteiro, pintor da construção civil e António de Oliveira Lima Pinto Machado, de 18 anos, solteiro, sem profissão.

QUADROS A ÓLEO

Assim como candeeiros, estatuetas, bibelotes e enorme variedade de peças de decoração, encontra na

GALERIA ACTUAL
AV. DA REPÚBLICA, 12
(Perto do Saldanha)

1.º DE MAIO NA JUGOSLÁVIA
 29 Abril — 5 dias
 (Fim-de-Semana)
 Preços excepcionais

DUBROVNIK — 8.980\$00
BELGRADO — 10.650\$00

Incluindo viagem em avião a jacto, hotel em meia pensão, transportes em terra, visita turística, acompanhante ABREU

abreu
 fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 - Telef. 371341
 PORTO Av. dos Aliados, 207 - Telef. 37921
 COIMBRA Rua da Seta, 2 - Telef. 27011/2
 FARO Rua Cons. Bivar, 85 - Telef. 25035/6
 CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS